

MEMORIAL AL PDV 2020



INSTITUTO INTERNACIONAL
DESPERTANDO
VOCAÇÕES

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Memorial PDV 2020 [livro eletrônico] / organização
Erick Viana da Silva, Kilma da Silva Lima
Viana. -- 1. ed. -- Recife: Instituto Internacional
Despertando Vocações, 2020. PDF

ISBN 978-65-88970-01-0

1. Educação 2. Educação - Finalidade e objetivos
3. Educação profissional 4. Educação vocacional
5. Estudantes - Avaliação 6. Orientação vocacional I. Silva,
Erick Viana da. II. Viana, Kilma da Silva Lima.

20-49128

CDD-371.425

Índices para catálogo sistemático:

1. Orientação vocacional/profissional: Avaliação:
Educação 371.425

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

APRESENTAÇÃO

Querido leitor do memorial PDV 2020, pelo terceiro ano consecutivo repetimos a experiência exitosa de reunir em um livro, como marco das atividades realizadas no âmbito do Programa Internacional Despertando Vocações - PDV, algumas histórias de vida de nossos participantes, estudantes e profissionais. Nesse ano, em particular, dedicamos esse livro a todos que tiveram perdas de pessoas amadas, em especial, aos membros do PDV que, em um ano atípico, precisaram superar todas as dificuldades e se refazerem.

O objetivo desse projeto é de criar um espaço de relato e catálise dos movimentos de vida que estão presentes em várias partes do Brasil e do estrangeiro em instituições públicas e/ou privadas que de forma direta ou indireta fazem parte do PDV.

O ano de 2020 prometia aumento da intensidade das atividades, através das novas parcerias firmadas em 2019, com o processo de seleção de estudantes já realizado no início do ano. Já havia ocorrido, nos primeiros dias de março, a reunião de planejamento nacional no Centro de Convenções de Olinda e Pernambuco com representantes de norte a sul do Brasil quando, de repente, o mundo parou.

No entanto, dez dias após termos decidido, em assembleia, sobre o planejamento das ações conjuntas para 2020, a quarentena pelo covid-19 foi decretada. Uma sensação de medo do desconhecido, de impotência em relação ao que estava porvir se misturava à frustração do não contato, do distanciamento social e, para muitos, a perda repentina de pessoas amadas.

Nesse contexto, o PDV precisou refazer seu planejamento, reorganizar datas e definir as prioridades para 2020. A resultante desse processo foi diferente daquela, inicialmente, proposta mas, sem dúvida, deixou a todos e todas um aprendizado profundo tanto em relação à utilização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação como na necessidade de olhar para si e para o mundo e eleger prioridades.

Diante desse cenário, em nome do PDV, convidamos o leitor a fazer uma viagem a partir de realidades individuais que ao longo do tempo tiveram suas histórias cruzadas pelo fio condutor do Programa Internacional Despertando Vocações. Desejamos uma ótima leitura e um ano de 2021 com saúde e solidariedade para toda humanidade.

Erick Viana da Silva (Organizador do Livro Memorial PDV 2020)
Kilma da Silva Lima Viana (Organizadora do Livro Memorial PDV 2020)

CONSELHO EDITORIAL

PRESIDÊNCIA

Dr.^a **Kilma da Silva Lima Viana** – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) | Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

CONSELHEIROS

Dr. **Airton José Vinholi Júnior** – Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS)

Dr. **Alexander Patrick Chaves de Sena** – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr.^a **Ana Patrícia Siqueira Tavares Falcão** – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr. **Arquimedes José de Araújo Paschoal** – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr. **Dewson Rocha Pereira** – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Dr. **Edísio Raimundo Silva** – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr.^a **Francisca da Rocha Barros Batista** – Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Dr.^a **Iraneide Pereira da Silva** – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr. **Jaime Patrício Leiva Nuñez** – Universidad de Playa Ancha (UPLA)

Dr. **Jeymesson Raphael Cardoso Vieira** – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Dr. **José Ângelo Peixoto da Costa** – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr. **José Ayrton Lira dos Anjos** – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Dr. **Jose Cuauhtemoc Ibarra Gamez** – Instituto Tecnológico de Sonora, Ciudad Obregón (ITSON)

Dr.^a **Lastenia Ugalde Meza** – Universidad de Playa Ancha (UPLA)

Dr.^a **Renata Cristine de Sá Pedrosa Dantas** – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr. **Roberto Gómez Fernández** – Ministério da Educação de Luxemburgo

Dr.^a **Suzana Pedroza da Silva** – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Dr.^a **Maria Trinidad Pacherez Velasco** – Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

Dr. **Thales Ramon de Queiroz Bezerra** – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr.^a **Viviane da Silva Medeiros** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Coordenação Executiva

MSc. **Erick Viana da Silva** – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) | Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

Esp. **Ayrton Matheus da Silva Nascimento** – Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

Esp. Douglas Salgado da Silva – Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

SETOR COMERCIAL/MARKETING

Cynthia Alice Canuto de Oliveira – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Heloisa de Barros Dantas – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Kaline Soares da Silva – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Larissa Amanda Pereira da Silva – Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

Mariana Almeida Ferreira Lima – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Misael Tomaz de Araújo – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

COORDENAÇÃO TÉCNICA EDITORIAL

Vinícius de Barros Monteiro – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

ASSISTENTES EDITORIAIS

Anderson Soares da Silva – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Carlos Augusto Brandão – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

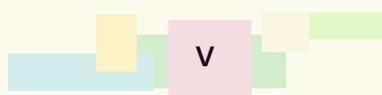
Cecília Lima Siqueira – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Danielly Francielly dos Santos Silva – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Jussara Ricardo da Silva Rodrigues – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Karoliny Paula da Silva – Centro Universitário Guararapes (UNIFG)

Palloma Joyce de Aguiar Silva – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)



LIVRO DO MEMORIAL PDV 2020

ORGANIZADORES: Erick Viana da Silva
Kilma da Silva Lima Viana

EDITOR: Ayrton Matheus da Silva Nascimento

DIAGRAMAÇÃO: Anderson Soares da Silva
Jaubert Gualberto Lima Gouveia

ISBN: 978-65-88970-01-0

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0>

EDITORA: Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

Edição Digital 20. Direitos exclusivos reservados para todos os países. Proibida sua reprodução total ou parcial, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio impresso ou eletrônico de acordo com as leis de Propriedade Intelectual.

Digitalizado no Brasil / Digitalizado en Brasil/ Digitized in Brazil.



SUMÁRIO

Despertando Vocações na Periferia

ANDREZA PEREIRA DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.1-4>

O despertar de uma jovem pela Licenciatura

ÁUREA VITÓRIA PEREIRA DE AGUIAR SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.5-11>

Robótica educacional construindo parcerias

BOANERGES DA SILVA BATISTA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.12-16>

Superando Desafios

CARLOS AUGUSTO BRANDÃO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.17-21>

**Educação & empreendedorismo: Um verso inspirador e uma importante
prosa**

DEREK LUIZ ALVES DOS SANTOS

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.22-26>

Caminhos para o sucesso!

EMANUEL ASSUERO SILVA COSTA ALVES

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.27-32>

O ano mais produtivo da minha vida!

GUILHERME DE SIQUEIRA FREITAS PONTES

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.33-36>

O desenvolver da mulher pesquisadora

HELOISA DE BARROS DANTAS

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.37-39>

Influências externas na vida acadêmica de um estudante

JÉTER CORREIA DE LIMA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.40-44>

Relato de vida

JUSSARA RICARDO DA SILVA RODRIGUES

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.45-47>

Aquela que caminha com o vento

KAROLINY PAULA DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.48-52>

Astronauta!

KLEBER DANYLO MENDES DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.53-56>

As incríveis inspirações

MARIA EDUARDA SANTANA BARRETO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.57-61>

Uma trajetória de lutas e muitos sonhos sendo realizados

MARIA GRASIELLY DA SILVA NASCIMENTO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.62-65>

A vida é o que é quando estamos distraídos fazendo outras coisas

MARIA LETÍCIA SOARES DE LIMA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.66-69>

Simplificar a vida: o melhor remédio para a nossa felicidade!

MARISA MARINHO FERNANDES VIANA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.70-74>

Ser feliz

MISAEEL TOMAZ DE ARAÚJO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.75-77>

Um conto de reviravoltas

RAUÃ BEZERRA DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.78-82>

Encontro com o Programa Internacional Despertando Vocações

REGIANE RIBEIRO DOS SANTOS

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.83-85>

Quebrando paradigmas

ROSANGELA RODRIGUES LIMA DOS SANTOS

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.86-89>

Experiências de ensino e aprendizagem em período de pandemia: o que ficou de lição? O que estamos aprendendo?

SIMONE DE PAULA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.90-93>

Thiago anjos: para além do lattes

THIAGO VINÍCIUS DOS ANJOS ARAUJO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.94-99>

Uma trajetória de muita batalha e conquistas sendo realizadas

VALESKA MIKAELLY BATISTA DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.100-106>

Caminhos e escolhas

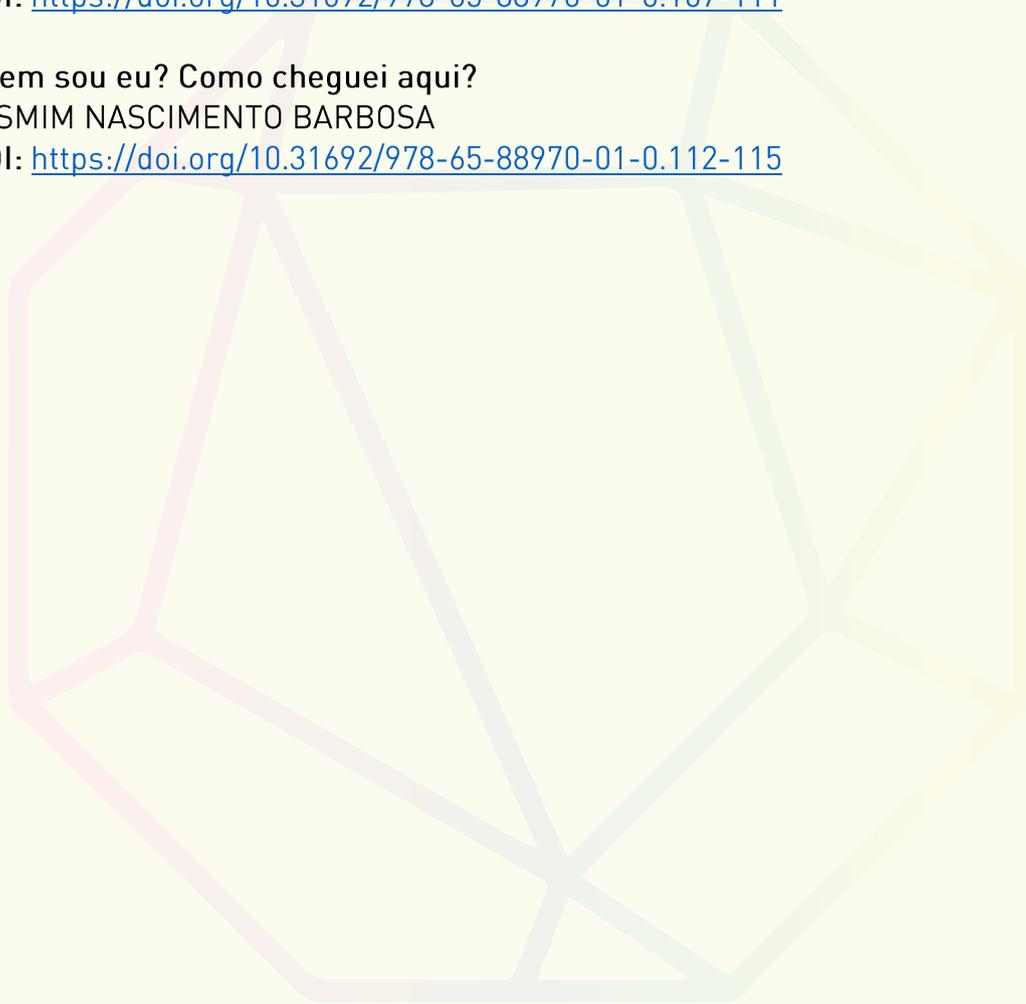
WELLINGTON DE SOUZA FERREIRA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.107-111>

Quem sou eu? Como cheguei aqui?

YASMIM NASCIMENTO BARBOSA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.112-115>



ANDREZA PEREIRA DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.1-4>



Despertando Vocações na Periferia

Andreza Pereira, 16 anos, natural de Pernambuco e residente do município de Recife. Filha de um pedreiro e de uma dona de casa, criada em uma família humilde e nascida nos berços da periferia! Deixarei aqui, através dessa conversa, um pouco sobre mim e a minha história.

Quando o meu pai e minha mãe decidiram morar juntos eu ainda não era nascida, só o meu irmão mais velho. Como não tinham onde morar em casa própria, tomaram a decisão de ir para o Rio de Janeiro, que é a cidade do meu pai, tentar uma vida nova lá. Acabou que não deu certo, minha mãe ficou bastante doente, desenvolveu uma depressão muito forte que logo depois evoluiu para uma esquizofrenia. Uma fase muito difícil para a família que nunca tinha passado por nada assim antes. Foi justamente quando minha mãe esteve doente que ela engravidou de mim. Em virtude da doença, a gravidez da minha mãe tornou-se mais um risco em relação à gestação normal. Como as condições não estavam fáceis, eles voltaram para Recife, compraram um terreno periférico e construíram a casa onde moro até hoje. Graças a Deus, mesmo com o quadro de minha mãe sendo de alto risco, eu nasci! Cresci e me criei nessa humilde comunidade do bairro da Várzea. Uma criação que tiveram algumas dificuldades, mas acima de tudo muito boa!

Meus pais sempre se dedicaram ao máximo para a criação dos filhos. Por mais que todas as dificuldades pudessem aparecer, eles sempre procuravam e procuram o melhor para nos criar; dão muita importância para os estudos dos filhos, pois não tiveram como estudar quando eram mais novos e não querem vê os filhos na mesma situação r. Eles são inspiradores como ninguém. Admiro-os pela garra e dedicação na criação dos filhos, visando o bem coletivo e a educação da prole.

Com cinco anos, eu entrei para a primeira escola da minha vida. Um estabelecimento de ensino particular que abriu muitos caminhos para mim. Fiquei nele até a alfabetização. Logo após, fui para uma escola municipal, porque meus pais já não tinham mais condições de pagar escola para mim, pois minhas irmãs gêmeas nasceram. Então, passei do 1º ano do Ensino Fundamental até o 5º ano na Escola Municipal Zumbi dos Palmares, que foi bastante marcante para mim, pois foi nela que eu comecei a desenvolver meu potencial linguístico, cultural. Mudei de escola para outra, a Escola Municipal Doutor Rodolfo Aureliano, que acrescentou na escolha da minha vocação.

Na unidade de ensino em que concluí o Fundamental II, aprendi a ser protagonista do conhecimento, uma vez que obtive boas notas nas atividades realizadas. Com dedicação aos estudos, consegui vários feitos. O primeiro deles foi a conquista do 5º lugar da Olimpíada Pernambucana de Informática da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Dessa conquista, pude ver o protagonismo do aluno... muito forte. Vale salientar que sete alunos da escola conseguiram ser premiados. Lembro-me da importância do meu professor de inglês na orientação do torneio virtual de ciências, do qual participei, promovido pelo Espaço Ciência. Por dois anos, obtive o segundo e terceiro lugares. Nessa época, eu comecei a me interessar pelo ramo da robótica, fazendo vários cursos oferecidos pela prefeitura do Recife, de modo a participar de vários torneios de robótica, até chegar à Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR). Consegui o 2º lugar no estado de Pernambuco. Isso foi motivo de grande realização para mim, uma vez que gosto muito da área. Ao me ver ganhando a Olimpíada de Robótica, senti-me realizada.

Dando seguimento à minha trajetória de vida no âmbito escolar, destaco a importância de mais um professor que entrou na minha vida, ou melhor, de uma professora. Ela me chamou para desenvolver um projeto sobre Plantas Medicinais, em

parceria com IRB (Instituto Ricardo Brennand). No final, levamos o projeto para várias feiras de conhecimentos, entre elas a Feira de Conhecimentos do Recife, onde conseguimos o 2º lugar no campo de Ciências Biológicas. Além disso, obtivemos uma classificação para feira de conhecimentos do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, onde conquistamos o 2º lugar do Brasil. Por mais que tenha sido uma conquista promissora, que me deixou feliz, na mesma semana da feira, minha avó acabou falecendo, e isso foi um momento desafiador e triste para mim; não sabia de onde tirar forças para continuar, mas minhas amigas e minha professora estavam comigo exatamente ali para me dar suporte e apoio naquela ocasião tão difícil. Para fechar meu Ensino Fundamental com chave de ouro, ainda consegui o 5º lugar do Brasil no concurso nacional de redação e desenho da Associação Brasileira de Conscientização para os perigos da Eletricidade na orientação da mesma professora.

Sempre senti vontade de ingressar no Instituto Federal. No final do ano, inscrevi-me para fazer o curso que tinha minha cara: Mecânica Industrial. Trata-se de um curso que engloba tudo aquilo que eu queria. Então, fiz a prova. Quando eu vi o resultado, estava classificada para ingressar no tão sonhado Instituto Federal. Fiquei muito feliz com o resultado, sobretudo, por estar no caminho certo que meus pais tanto desejaram para mim. Eles estavam tão felizes que nem encontrei palavras para descrever tamanha conquista naquele momento.

Assim que ingressei no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia IFPE-Campus Recife, vários medos surgiram, sobretudo, no que diz respeito aos novos desafios no momento de transição de uma escola municipal para um Instituto Federal, que engloba o Ensino Médio da Modalidade Integrado. Ao longo do processo de adaptação, todos esses medos e dificuldades foram superados e hoje estou no 3º período do Curso de Mecânica. Não foi fácil a caminhada em busca da realização de sonhos. Tudo depende do nosso esforço, mesmo que pareça difícil o alcance dos objetivos. No fim do 1º período, eu já estava adaptada ao ambiente do IFPE- Campus Recife. A partir daí, surgiu uma vontade em mim de fazer algo que pudesse contribuir para minha formação acadêmica, sem ser apenas o ensino da escola. Eu sentia a necessidade de querer mais. Foi quando soube por um amigo, membro do Instituto Internacional Despertando Vocações- IIDV, que havia um GT (Grupo de Trabalho) sobre

um assunto que me chamava muita atenção. Como eu gostava da área, fui convidada a fazer parte dessa grande família, que é o PDV.

Fiquei encantada por tudo, principalmente pelos princípios que o IIDV apresenta. Um deles é a ideia de o aluno ser o protagonista. Isso foi o que mais me deixou feliz, porque parecia que era exatamente aquilo que eu queria, ser protagonista. O IIDV entrou no momento exato da minha vida quando estava procurando algo similar a essa ideia, cujo objetivo é de despertar vocação do jovem. As oportunidades que eu tive e que tenho são importantes no meu crescimento pessoal, acadêmico, na experiência de vida. Na verdade, são vivências que eu irei levar comigo para todos os lugares que eu for, pois eu sei que todos os frutos que eu estou colhendo irão servir para muitas coisas.

Hoje sei que aquela menina que nasceu, cresceu nas periferias da cidade do Recife, com o objetivo de ocupar uma posição no meio social; a inserção no mercado de trabalho, visando ainda a recompensar os meus pais pela dedicação a mim dada, está no caminho certo, de forma a chegar a todos os lugares por meio do conhecimento adquirido ao longo da vida, motivado pela determinação e força de vontade. Certamente, as dificuldades surgirão durante o percurso, mas estarei pronta para superá-las, com a graça do Senhor Jesus Cristo. Essa sou eu, Andreza Pereira, uma menina que nunca desiste das metas traçadas, dos sonhos, nem nos piores momentos vividos. Hei de conseguir alcançar tudo aquilo que tenho almejado.

ÁUREA VITÓRIA PEREIRA DE AGUIAR SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.5-11>



O despertar de uma jovem pela Licenciatura

Meu nome é Áurea Vitória Pereira de Aguiar Silva, nasci no dia 20 de maio de 2002, na cidade de Passira, Pernambuco, antes conhecida por malhada do boi. Na cidade de Passira existia uma tribo de índios (Tupi Guarani) no ponto mais alto do município, Serra da Passira. Na mesma residia uma índia muito bela que se chamava Passira, então, quando a cidade foi emancipada, deram-lhe o nome “Passira”, por ser uma cidade bonita por seus verdes campos, lavouras, plantio do milho e algodão. Localizada a 79 km da capital Recife, a cidade de Passira localiza-se no Agreste de Pernambucano e é conhecida, atualmente, como Terra do Bordado Manual, pois a produção de bordados mobiliza grande parte da população, principalmente as mulheres, sendo o bordado, uma das principais fontes de renda dos passirences. De acordo com a origem Tupi Guarani, Passira significa “Acordar Suave”.

Sou a segunda filha (caçula) de mãe solteira. Na verdade, uma “vitória”, literalmente, porque depois que minha irmã nasceu minha mãe engravidou duas vezes e perdeu, então os médicos falaram que ela não podia mais ter filhos, e passados 15 anos do nascimento da minha irmã, eu nasci, para sua alegria. Sempre fomos nós três, e passamos por muitas dificuldades, às vezes nem tínhamos esperança, mas minha mãe sempre foi uma mulher batalhadora e guerreira e nunca nos deixou faltar comida na mesa. De todas as profissões que existem ela já exerceu um pouco (faxineira, cozinheira,

tecelã, professora e, atualmente, agente de saúde). Em todos esses anos, foram poucas as vezes em que tive contato com meu pai, praticamente nem conheço sua família.

Na minha infância, fui uma criança tranquila, saudável e privilegiada, pois apesar de não conviver com um pai, tive bem dizer duas mães, porque minha irmã me tratava e trata até hoje como filha. Fui uma criança feliz. Depois que minha irmã começou trabalhar nunca me deixou faltar nada, e minha mãe sempre fazia o impossível para nos manter bem e unidas. Não tínhamos nem sequer uma casa para morar, morávamos de favor em uma casa cedida, que não era revestida e não tinha piso, mas graças a Deus, hoje temos uma boa casa própria para morar.

Entrei na escola com três anos de idade. No ano de 2008 ingressei na primeira série do Ensino Fundamental I, na Escola Municipal Mínima Candeias do município de Passira. Em 2011, fazendo quarta série, fui para Escola Municipal Maria Alves de Lima. Como era longe de casa, tinha que ir de ônibus, e ainda pequena acordava às cinco horas da manhã para me preparar e minha mãe me levar no ponto do ônibus, que passava às 6:20, chegando em casa de meio dia. À tarde eu fazia minhas lições de casa e assistia um pouco. Minha mãe sempre foi muito participativa na minha vida escolar, sempre perguntava se eu tinha dever para fazer e muitas vezes me ajudava, até quando eu tinha algum seminário, eu apresentava para ela antes. Aliás, até hoje ela fica me ouvindo falar sobre os temas de meus trabalhos e é obrigada a escutar tudo, mesmo sem entender do que estou falando. Ela sempre me incentivou a estudar e buscar um futuro brilhante. Ela almejava o melhor para mim, sempre.

Houve uma época em que sofri bullying na escola, e isso me desmotivava, me deixava triste, falavam que eu era filha de mãe solteira, que tinha cabelo ruim, era gorda, usava óculos, enfim... No início me sentia péssima, não falava isso para ninguém. Minha mãe descobriu e me ajudou a passar por aquele momento e consegui superar. Durante o meu tempo na Maria Alves, tinha uma professora que era como uma mãe para mim, ela sempre prestava atenção em mim e me via como eu realmente era. Para ela não importava de que família eu pertencia, mas que eu era uma aluna extraordinária. Quando eu não estava bem, ela percebia e conversava comigo.

Sempre quando tinha viagens, minha mãe guardava um dinheiro para não nos imprensarmos tanto. Minha irmã como já estava casada e tinha uma situação boa de vida, me ajudava. Então, eu sempre participava de tudo na escola. Tinha uma viagem, mas em casa estávamos com um pouco dificuldade, devido ao fato da minha mãe tomar remédios controlados e ter depressão. Então, estávamos passando por um momento muito difícil, e eu não queria que ela deixasse de cuidar de sua saúde para que eu podesse ir a uma viagem, então não coloquei meu nome na lista.

Como minha professora percebeu que eu não ia, ela resolveu fazer “o caderno de ouro”, e o dinheiro que o aluno arrecadasse seria para pagar a viagem. Me juntei com dois amigos e conseguimos o dinheiro, então falei para minha mãe, e logo ela ficou triste por eu não ter falado, mas ficou bastante feliz. É por momentos como este que irei sempre guardar essa professora em meu coração, pois ela sempre dizia que eu iria chegar longe, sempre me motivava a continuar, seguir em frente. Sem dúvidas ela é, para mim, um exemplo a ser seguido.

No meu Ensino Fundamental, passei por mais um momento muito difícil. Quando lembro o que aconteceu, meus olhos lacrimejam. Sempre fui uma pessoa tímida, com poucos amigos, calada, mas sempre fui muito aberta com minha mãe, ela sempre me dizia que o melhor amigo é os pais e como sempre foi eu, ela e minha irmã, eu sempre contava tudo em casa. Então, durante meu Ensino Fundamental, existiu um professor que mudou bastante minha vida. Falo em sentido de mudar o que eu pensava do mundo, sobre o que eu queria ser e o porquê eu queria ser; sobre a necessidade de você nunca desistir e sempre buscar forças para prevalecer nos momentos mais difíceis.

Nesta época, esse professor me enviou uma solicitação de amizade, e pensei que não haveria problema em aceitar, já que tinha tantos outros professores em meu Facebook. No início me enviou uma mensagem, achei bem estranho e cliquei para ver. Ele havia perguntado sobre um assunto da aula, então respondi. Depois ele começou enviar mensagens constrangedoras, me assediando, e pedi para ele não falar mais comigo, que não estava gostando da situação, mas ele continuou mandando mensagens de assédio, então bloqueei.

Por conta disso, durante as aulas, ele começou a se aproximar mais de mim, ficava soltando gracinhas... Enfim, eu já não aguentava mais, não queria mais ir à escola, então minha mãe começou a perguntar o que estava acontecendo. Morrendo de vergonha, falei para ela, e na mesma hora ela ligou para minha irmã e minha vó e a gente foi na escola. Lá ela falou com a diretora, denunciou na Secretaria de Educação, e levamos toda a conversa do Facebook, mas não denunciemos na delegacia para não me expor mais, porque já estava sendo bem difícil. Diante disso, o professor foi afastado de suas atividades.

Decorrente do exposto, nesse momento, eu não queria mais voltar à escola, foi bem difícil a situação, mas minha mãe sempre me apoiou, motivou e me incentivou a persistir. E hoje eu sei que o fato de eu não querer voltar à escola naquela época, era mais porque pessoas que eram tão próximas a mim, não chegaram nem para me dizer uma palavra de conforto ou perguntar, “poxa Aurinha, o que está acontecendo?”. Simplesmente julgavam sem saber o motivo do ocorrido, sem ouvir os dois lados da história. E isso me desmotivava a continuar. Mas aí eu percebi que eu era forte o bastante para continuar lutando todos os dias, e com o passar do tempo eu descobri que o que eu sou hoje também é crédito dessa lamentável situação, porque foi naquele momento que vi que eu tinha que crescer e me tornar uma mulher.

Sei que não fui a única a passar por uma situação como esta e por isso eu digo que independente do que acontece em nossas vidas, a gente tem que viver um dia de cada vez, tem que dar o seu melhor todos os dias e quando alguém falar que não vale a pena, você tem que dizer: “e daí?”, e continuar persistindo, pois como diz Augusto Branco, “não existe verdadeira vitória sem esforço e sacrifício. Mas há, sim, quem consiga sucesso fácil. Mas este não são vencedores: são trapaceiros.”. Permaneci na Maria Alves até o ano de 2015.

Já meus finais de semana, eu ia para a igreja com a minha avó, e os Domingos eram sagrados, pois ia logo cedo da manhã e passava o dia por lá, na Infância Missionária. Fui batizada na igreja católica, fiz catequese e crisma, fiz parte do grupo de jovens, JUSC – Jovens Unidos Servindo a Cristo. Fui convidada a me tornar coordenadora desse mesmo grupo.

Minha melhor brincadeira quando criança era de escolinha; eu e meu primo tínhamos um lugarzinho para ministrarmos aulas a nossos vizinhos mais novos. Era uma brincadeira, mas para mim, era mais que uma brincadeira. Todas as tardes tínhamos um horário, e quem faltava chamávamos os pais. Fazíamos dia da Páscoa, dia dos estudantes, ou seja, comemorávamos todas as datas. Venho de uma família tradicionalmente de professores; tenho tias, mãe e irmã professora, então no início eu pensava que minha vontade de ser professora era por influência, mas descobri, com o passar do tempo, que não era essa a razão. Sempre amei ensinar algo a alguém, sempre quis ser professora desde pequena. Estudar, para mim, era uma diversão, e amava ganhar livros, apesar de que sempre fui fascinada pelos os números, gosto muito de cálculo. Tal era que meu sonho era ser professora de Matemática.

No ano de 2016, com meus 13 anos, entrei no primeiro ano do Ensino Médio na EREMAG – Escola de Referência em Ensino Médio Manoel Guilherme da Silva. Minha primeira opção de curso era Engenharia Civil e a segunda opção era Licenciatura em Matemática. Tive muitas dificuldades em meu Ensino Médio, e o único momento que eu tinha para estudar era durante as aulas, pois, em casa não tinha como, já que minha irmã tinha acabado de ter gêmeas e só tinha a gente para ajudar. Ela teve uma gravidez complicada, teve que fazer fertilização in vitro; então todo aquele momento era difícil e eu ficava sem tempo para estudar. Como eu moro no sítio e estudava na cidade, como minha mãe trabalhava e tomava remédios controlados, e eu passava a noite com uma menina, então mal dormia e no outro dia saía logo cedo de casa, às 06:15 da manhã e só chegava às 19:30. Então, era muito complicado ter um tempo para estudar em casa.

No ano de 2018, fazendo o terceiro ano do Ensino Médio, entrei no PREVUPE (Pré-Vestibular da Universidade de Pernambuco). Ainda fui algumas vezes nos Sábados e Domingos o dia inteiro e, das vezes que fui meu professor na época do PREVUPE, era um aluno do Instituto Federal de Pernambuco e me falou sobre o vestibular do IF e que eu me dava muito bem em Química, então decidi me inscrever no vestibular.

Neste mesmo ano fiz vestibulares e no ano seguinte (2019) me inscrevi nos cursos e saiu os resultados. No ENEM, pensei em colocar Engenharia Civil como primeira opção de curso e Licenciatura em Matemática como segunda, porém, como o curso de Engenharia Civil era integral, então não tinha condições para que eu estudasse, pois

teria que ir morar em outra cidade. Além de não termos condições suficientes de gastar com moradia, não podia deixar minha mãe sozinha, então acabei deixando de lado o curso de Engenharia. Então, coloquei Licenciatura em Matemática e em Física. Logo mais saiu o resultado do vestibular do IFPE, e consegui ser classificada na primeira chamada do curso de Licenciatura em Química, fazendo logo minha matrícula.

As aulas começaram e eu estava na moradia do IF, então recebi a lista da UFPE, e meu nome constava em Licenciatura em Matemática, porém eu tinha que ir no outro dia levar os documentos, mas como eu era de menor, teria que ir com minha mãe e ela não podia ir comigo e já estava em cima da hora, então acabei não indo. Consegui 50% no curso de Engenharia em uma universidade particular, mas como ficava caro, eu optei por não fazer.

Então, passei uma semana na moradia e tive que voltar para casa, pois minha mãe estava muito nervosa, e a volta para casa acabou dificultando minha estadia no curso, pois como eu moro no sítio, não tinha transporte para me trazer até em casa. Eu saio todos os dias às 16:00 horas, com exceção do dia que vou de manhã, às 11:00, e chego à meia noite e vinte em casa todos os dias, as vezes até mais tarde, quando ocorre algum problemas com os ônibus, pois vou até a cidade de Passira e lá pego outro ônibus até perto de casa. Então, quando o ônibus que vou para o IF chega cedo em Passira, o de Caruaru atrasa ou o da FAINTIVISA, ou um outro... Mais, como falei, vou no ônibus até perto de casa, e pago a um outro meio de transporte para me esperar e me levar até na minha casa.

Dessa forma, logo no início me deparei com a seleção do PDVL, cujo objetivo é despertar o interesse para as licenciaturas, então corri e me inscrevi para os grupos de trabalho de Ensino e Avaliação e Jogos Didáticos. A família do PDVL me recebeu de braços abertos. Consegui entrar para o de Jogos Didáticos, fiquei muito feliz, mas as dificuldades surgiram novamente, e acabei ficando por pouco tempo no GT. Um tempo depois, consegui uma oportunidade para participar no laboratório de avaliação e estava disposta a dar o meu melhor e assim fiz. Consegui uma bolsa do Programa de Iniciação Acadêmica – BIA, o que concretizava ainda mais a possibilidade de continuar no curso, pois seria uma forma de me manter.

No ano de 2019, tive a oportunidade de participar do Congresso Internacional Despertando Vocações– COINTER, na modalidade PDVL. Submeti meu primeiro trabalho em um congresso, e isto me deixou ainda mais fascinada pela licenciatura. Fui monitora deste mesmo congresso, o que me fez ver o mundo com o olhar diferente. Aqui eu já não pensava da mesma forma que entrei no Instituto, pois a cada dia eu aprendia mais e mais, e sei que eu tomei a decisão certa não desistindo e persistindo, pois hoje acredito que não existe nenhuma outra profissão que me alegraria mais do que a licenciatura. Tenho certeza que ser docente e mediar a construção do conhecimento é a minha vocação. Aprendi muito até aqui e pretendo aprender muito mais, pois a formação de professores nunca para. Então, eu nunca pararei, sempre buscarei me engajar mais nesta profissão.

Neste ano de 2020, consegui aprovação do PIBID – Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, o que me deixou ainda mais feliz. Sou grata à professora Kilma em especial, porque foi através dela que surgiram todas as oportunidades, foi ela que me falou sobre a seleção do PDVL, e é através dele que consegui muitas conquistas. O caminho a ser trilhado é longo, ainda irei passar por muitas dificuldades e sei que preciso permanecer firme e forte, mas quero ser uma excelente profissional e para isso sei que não para aqui na minha graduação, tenho que passar por muito mais. Espero que muitos outros alunos possam ver a Química como eu vejo ou, então, que possam escolher alguma das licenciaturas, pois é o professor que forma todas as outras profissões.

BOANERGES DA SILVA BATISTA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.12-16>



Robótica educacional construindo parcerias

A motivação educacional que alicerça a práxis pedagógica do educador é a opção viva e intencional de produção de conhecimentos no processo de intercâmbio com os aprendizes. Ressalta-se a urgente necessidade de ressignificação dos saberes que orientam o cotidiano escolar, numa perspectiva de construir *links* com as necessidades dos discentes, as condições materiais do espaço escolar e as possibilidades de parcerias com diferentes grupos, existentes em cada esfera social.

O ambiente escolar é um local onde as relações de ensino e aprendizagem estão em constantes transformações, em que acabam se tornando um espelho, reflexo das necessidades da sociedade, e é com este pensamento que as escolas Estaduais Jovelina Gomes, na Paraíba, e José Ferreira da Costa, no Rio Grande do Norte, em consonância com suas gestões escolares, iniciaram as atividades do Projeto de Robótica Motivacional dentro das respectivas instituições, para que assim acontecesse a utilização da robótica como ferramenta motivacional para o estudo das disciplinas Ciências, Física e Matemática, além de trazer uma ligação multi e interdisciplinar com outras áreas do saber como a Geografia, a História, a Língua Portuguesa entre outras, despertando, assim, a formação de um cidadão crítico e participativo na sociedade.

Ao do receber os *kits* de Robótica Educacional do Governo do Estado da Paraíba, a escola Estadual Jovelina Gomes, da cidade de Uiraúna, se viu com uma grande necessidade de uso das novas ferramentas educacionais, e me vi, como profissional, inclinado a intermediar as ações motivacionais para que se fosse construído a ligação entre uma das novas tendências da educação a robótica através da mediação dos professores e do engajamentos dos seus alunos.

Sou servidor da rede pública do Estado da Paraíba na função de técnico administrativo e professor de Física, por formação, e ao participar ativamente do II Congresso Internacional de Gestão e Tecnologias e da *Robothon* COINTER 2018, resolvi colocar em prática o projeto que desenvolvi durante jornada acadêmica na área de robótica; para isso contei com a ajuda mútua dos professores de matemática (Marciel Fernandes da Silva), Ciências (Maila Pereira de Sousa e Judeane Pinheiro da Silva) e Geografia (Bruna Moreira), que, juntamente comigo, participaram de um curso de montagem e utilização mecânica dos *kits*, oferecida pelo Governo do Estado. E assim, foi dado os primeiros passos no desenvolvimento de uma metodologia ativa para motivação do ensino e aprendizagem de forma construtiva e significativa, tendo como base a colaboração mútua entre as diversas instituições e as empresas parceiras da área privada, além da troca de conhecimento entre alunos, professores e toda a comunidade escolar.

Dentre as várias ideias que foram indexadas e debatidas, foi criado o Projeto Intitulado Intercâmbio de Conhecimento: Robótica Motivacional, que logo ganhou uma base forte, que teve à frente a escola Jovelina Gomes, da cidade de Uiraúna/PB, e a escola José Ferreira da Costa, da cidade de Rafael Fernandes/RN; se tornou uma ideia de sucesso e cresceu durante sua trajetória, e com isso, conseguiu juntar cada vez mais colaboradores aos seus ideais. As demais Escolas Estaduais de Uiraúna, Dr. José Duarte Filho, Monsenhor Constantino Vieira e Ernani Sátyro, juntamente com a Escola Estadual de Poço Dantas, José Nilson Santiago, a escola estadual de Bernardino Batista, Nelson Batista Alves, ao verem e acreditarem no potencial significativo de ensino e aprendizagem, se juntaram à causa e firmaram uma parceria que cominou na I Semana Interestadual de Robótica no Sertão. As escolas parceiras também contaram com o apoio da Fundação Lica Claudino, da Loja Seu Caba moda masculina, da Empresa Jaspe

Engenharia e com a participação do Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV), fazendo com que o projeto conseguisse trilhar um caminho em direção a uma educação de qualidade.

Durante o desenvolvimento das ações didáticas e pedagógicas, fui responsável por uma aula motivacional primeiramente, junto com os professores da escola Jovelina Gomes e também da escola José Ferreira da Costa; onde foram realizadas oficinas de montagem com os alunos, em ambas as escolas, utilizando os kits de Robótica do estado da Paraíba. E através dos planos de ações desenvolvidos pela professora Marizete Batista do Nascimento (que deu apoio pedagógico), com a coordenação pedagógica (Leila Maria Carvalho e Cleila Maria de Oliveira) e com o apoio das equipes gestoras de ambas as escolas, acima citadas, foi firmado uma parceria que deu certo, movimentou toda a comunidade escolar, conseguindo, assim, aliar teoria e prática de forma lúdica e participativa.

A primeira Semana Interestadual de Robótica no Sertão foi o evento de culminância do o Projeto Intercâmbio de Conhecimento: Robótica Motivacional, desenvolvido durante 6 meses de práticas de montagem e estudos teóricos relacionadas a robótica como fonte de motivação para estudo das diversas disciplinas curriculares. Com isto, pode-se mostrar o resultado de esforços cooperativos dos professores e dos alunos das escolas estaduais da região, onde teve dois dias de evento com palestra de abertura e salas de exposições dos trabalhos envolvendo as mais diversas disciplinas e áreas do conhecimento. E com o apoio do Programa Internacional Despertando Vocações Tecnológicas (PDVT) pode-se ter a participação do IIDV, como forma de mostrar para os agentes regionais, formadores de opinião, como algo feito com união e determinação, mesmo que não seja notado por muitos; mesmo que se pareça pequeno; mas nunca se pode esquecer que uma parte, quando somada as demais, se toma uma totalidade e assim será sempre grandiosa aos olhos de quem pratica o ato de cooperar (ajudar) com próximo.

Ver no rosto daquele que aprende algo novo, se autoconstruindo e se motivando a buscar o saber de forma coletiva é algo que não tem preço; ver aqueles que acreditam que a educação é algo possível de ser difundida em qualquer âmbito institucional traz

um prazer emocional e profissional que transcende espaços físicos e grupos sociais. Além de fazer com que todos os envolvidos consigam se reconstruir tanto no seu lado pessoal como profissional, pois ali ele vê tudo que aprendeu sendo repassado de maneira prazerosa e consciente.

Toda minha formação acadêmica, profissional e pessoal passou por uma jornada, longa, de entradas e de saídas, de idas e de vindas, aprendendo e ensinando, conhecendo pessoas interessantes. Sou graduado em Licenciatura em Física na modalidade EaD, pela UAB, em parceria com a UFRN. O que me levou, posteriormente, a cursar minha Pós-Graduação *Lato Sensu*, pelo IFPB, em Práticas Assertivas em Didática e Gestão da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – EJA/PROEJA, pois tinha ênfase na minha área de interesse educacional. E ao ver e participar do IIDV pude, de maneira satisfatória, firmar ainda mais o meu compromisso de aperfeiçoar e difundir a qualidade da educação nas escolas da minha região, utilizando as ferramentas tecnológicas como forma de implementação na prática curricular e pedagógica da educação, tanto profissional como acadêmica, de forma que aqueles que a conheçam vejam o quão necessário é se apropriar e utilizar do saber em toda a sua simplicidade e complexidade a serviço do outro e da humanidade.

O sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte são regiões que muitas vezes passam despercebidas por diversos olhares, e ainda mais, se tratarmos de educação pública, pode reacender a vontade de sonhar, através da participação e brilhantismo, direto e indireto, de alunos, oriundos de escolas diferentes, com o intermédio motivacional de profissionais da educação, vindos de realidades educacionais diferentes, e que juntos movimentaram e se reinventaram através da troca de conhecimento, formando uma ligação emocional profunda entre as instituições escolares, que antes estavam isoladas. Assim se conseguiu uma nova significação ao falarmos de comunidade escolar, pois o sentido vivenciado por todos os envolvidos no projeto foi além do entorno da escola, onde se encontram os discentes, seus pais, seus docentes e demais representatividades políticas, culturais, sociais e econômicas, na qual se tem uma instituição de ensino como centro.

O que aconteceu foi a integração entre comunidades que se encontravam limitadas ao seu espaço cotidiano de contato, e através da robótica educacional foi oferecida a oportunidade de ampliar as condições para o desenvolvimento de uma ligação intelectual que priorizou a formação de sujeitos críticos e participativos capazes superar as problemáticas impostas pela vida de forma consciente e responsável.

É nosso dever através das ações metodológicas e didático/pedagógicas ressignificar e fortalecer o ensino e a aprendizagem em nossa região, construindo um elo que vai além da escola, da rua, do bairro, da cidade, do estado em que cada indivíduo se encontra. Precisamos deixar de lado o ultrapassado modelo de educação que apenas é voltado ao acúmulo de informação e ao descontentamento do alunado. Posso dizer, através das sensações vivenciadas e absolvidas por professores, alunos, pais e demais envolvidos e que pude presenciar, que há uma necessidade de mais momentos onde a educação possa expandir seus limites despertando vocações em nosso sertão. Tenho consciência que todos encontraram motivação para continuar firmes lutando por uma melhor qualificação educacional e profissional de qualidade, pois quem bebe da água do saber, do trabalho em grupo, do enlaço socioemocional, do embate capaz de derrubar os muros da ignorância e do comodismo, não pode e não deve parar! Isto é ser IIDV!

CARLOS AUGUSTO BRANDÃO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.17-21>



Superando Desafios

Em 1998, no hospital Barão de Lucena na cidade de Recife, capital de Pernambuco, nascia eu, Carlos Augusto Brandão, com um nome que fazia homenagem ao meu pai, Carlos José, ao cantor José Augusto, o qual minha mãe era uma grande fã na época, e também com o sobrenome Brandão referente às origens da minha família paterna. Cresci sendo menino de prédio, jogando bola na rua e brincando de vídeo game com meus amigos do bairro e da escola. Minha primeira experiência com a educação foi em um colégio particular, o Santa Tereza, onde estudei desde o maternal até a 8ª série. Meu Ensino Médio foi em um colégio público, o Engenheiro Lauro Diniz, e como todo colégio público de bairro, tinha dificuldades financeiras e os professores, que às vezes não se importavam com o futuro dos estudantes. Já no final do Ensino Médio, surgiram professores, em especial prof. Ricardo de Matemática e prof. Sérgio de Linguagens, que tinham empenho de sobra para abrir a minha mente e a da turma, nos convidando para ficarmos depois da aula e até em fins de semana, respondendo questões do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), nos fazendo acreditar que o ensino superior poderia ser uma realidade pra nós.

Motivado a tentar, mas com o conhecimento insuficiente para enfrentar o Enem, meus pais me matricularam nos Caras de Pau do Vestibular, um pré-vestibular muito

conhecido no Recife por ter os preços mais em conta, permitindo que pessoas de classes mais baixas tivessem a oportunidade concorrer para ingressar numa universidade pública e de qualidade. Logo que saí do Ensino Médio, por inspiração do prof. Ricardo que era formado em Engenharia, meus planos eram cursar Engenharia de Produção, porém, na primeira semana do pré-vestibular, comecei a ver como era magnífico o mundo aos olhos das ciências da natureza. O ano de 2016 foi o que mais estudei em toda a minha vida, estudando de Domingo a Domingo; todos os meus dias eram no pré-vestibular, perdi as contas de quantas vezes cheguei lá com as salas completamente alagadas por causa das chuvas de Recife e tive que voltar pra casa quase que nadando, sem nunca pegar leptospirose, felizmente.

Tempos após o ENEM, a nota finalmente sai e começa o novo desafio, escolher um curso no Sistema de Seleção Unificada (SISU). Esses dias foram de extrema indecisão, quase que todo dia eu mudava de curso, pensava em Engenharia, Enfermagem, Publicidade e Propaganda, Filosofia e Jornalismo. No último dia do SISU, Maria Eduarda, uma amiga do pré-vestibular, me falou da existência da Biomedicina, e rapidamente fui atrás de saber sobre o curso e gostei muito do que li, o que me fez colocar ele como primeira opção. Após ter a cabeça raspada e fazer a matrícula na UFPE, caiu a ficha de que um dos meus objetivos tinha sido alcançado, eu me senti o próprio Projota na música “Muleque de Vila”, principalmente por minhas origens, sendo morador da Vila do Ipsep, no Recife. Foi muita felicidade, compartilhei esse sentimento com familiares, amigos e, principalmente, com os professores que tornaram possível o meu ingresso no curso de Bacharelado em Biomedicina na UFPE.

Chegou 2017, ingressei no curso e já de cara observei como o campus universitário era muito diferente de todos os lugares no qual eu já havia estado. Como todo mundo, tive muitas dificuldades logo no início, principalmente pelo meu curso ser em horário integral, o que me fazia passar o dia todo no campus. Por sorte, conheci pessoas muito maravilhosas naquele lugar, tanto alunos como professores, e isso com toda certeza foi o que me fez superar as dificuldades no primeiro período, quando fui pra final em Bioquímica, Histologia e Embriologia.

Nesse momento eu tive o meu primeiro tombo no curso superior; o sentimento de ter falhado nas disciplinas me fez pensar se realmente eu deveria continuar em um

curso da área de saúde, haja visto falhar também no futuro, como profissional biomédico, pode resultar em graves consequências na vida de pacientes, e essas consequências nas piores hipóteses pode ser a perda do maior bem dele, a vida. Refletindo muito sobre, decidi continuar, mas, fiz a promessa de que dali em diante daria o melhor de mim em todos os momentos, não dando oportunidade para o erro, buscando sempre ser o melhor profissional possível.

Após essa decisão, decidi estudar para essas avaliações como se não houvesse amanhã, o que me garantiu aprovação nelas com notas acima da média, mesmo tendo ido para avaliação final. Meus próximos períodos tiveram uma disciplina e dedicação 100% maior, busquei grupos de estudo, monitorias, extensões, ligas acadêmicas e participação em eventos, o que me rendeu amizade com outros alunos da minha turma e com pessoas de várias áreas das ciências da saúde.

Uma dessas pessoas da turma que conheci melhor e pude me aproximar foi o Alexandre Lima, uma pessoa sensacional que estudou no mesmo período que eu no pré-vestibular, entrou no mesmo curso que eu, mas, a oportunidade dos nossos caminhos se cruzarem só chegou depois. Alexandre sempre foi uma das pessoas mais proativas que já conheci, é incrível a forma como ele consegue ser multitarefas, como ele consegue estudar, administrar e empreender, e isso me deixou muito curioso, dando espaço para conhecer ele e seus projetos de vida. Foi numa dessas conversas que descobri a existência do IIDV, um instituto que tinha como missão despertar vocação de estudantes para várias áreas do conhecimento, sendo a luz para a escuridão que existe na cabeça dos jovens que são muito confusos com o seu futuro, como eu já fui um dia, e esse instituto realizava encontros no IFPE, bem perto da UFPE, o que tornou pra mim quase obrigação conhecer o IIDV e as pessoas que tornavam esse instituto real.

Na minha primeira reunião com o IIDV, fiquei surpreso com as iniciativas que eram planejadas naquele local, e ainda mais impactado com a confiança que os professores depositavam nos estudantes, confiando tarefas como organização, comunicação e logística para a realização de atividades. Achei que tudo aquilo era loucura, não acreditava que as atividades realizadas pelo instituto com tanta magnitude tinham como organizadores jovens alunos. Encantado com o funcionamento do instituto e muito bem recebido pelo professor Erick Viana e companhia, decidi continuar

frequentando as reuniões e ver o que poderia acontecer no meu futuro. Minha primeira missão no IIDV foi dar os primeiros passos no desenvolvimento do Programa Internacional Despertando Vocações para Ciências da Saúde (PDVS), trabalhando em conjunto com alunos da área de saúde e profissionais já formados.

Além do desenvolvimento do PDVS, um outro grande desafio no meu primeiro ano foi a participação como monitor no COINTER PDV 2019, e foi nesse momento que senti na pele toda a confiança que os professores colocavam na gente, em como tudo aquilo era loucura, e que mesmo sendo loucura era uma coisa sensacional, nós nos sentíamos verdadeiros profissionais tendo que lidar com parte dos desafios que é fazer um congresso internacional dar certo. A participação no evento me deixou mais forte, fortalecendo as minhas raízes no IIDV e me abrindo portas para novas oportunidades dentro do instituto.

Infelizmente, o ano de 2020 trouxe grandes desafios. Devido à pandemia, meu semestre letivo foi pausado logo no início, todas as minhas atividades presenciais, como o projeto de extensão UFPE SOS MAR, a Liga de Hematologia Clínica de Laboratorial da UFPE, e a minha iniciação científica foram totalmente interrompidas, mas, por uma boa causa, garantir a nossa segurança. Acontecimentos como esse me fazem refletir sobre o como a vida pode mudar de uma hora para outra, em como grande parte dos acontecimentos não são totalmente planejados, simplesmente acontecem, e a pandemia não somente aconteceu, como também nos obrigou a aderir comportamentos totalmente diferentes dos que estávamos acostumados.

As primeiras semanas da pandemia com o isolamento social tornaram meus dias monótonos, baseados totalmente em acordar, comer e dormir. Com o passar das semanas, ao ver que o isolamento e a pandemia iriam se entender mais do que gostaríamos, aos poucos foram surgindo algumas atividades para serem realizadas de forma remota, como cursos, aulas e eventos.

No fundo eu sentia que apenas participar dessas atividades não estava me tornando realizado como pessoa, o protagonismo que tanto escutei no IIDV me fez querer sair do papel de ouvinte e me tornar administrador. Depois de várias reuniões, alguns projetos foram inicialmente planejados e era hora de colocar o trabalho em

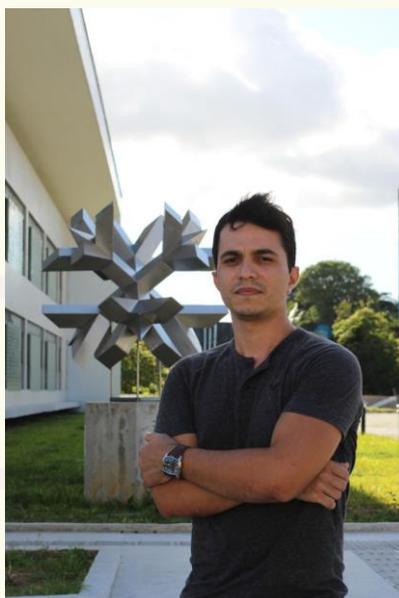
prática de forma remota. Um dos problemas que eu e meus amigos de curso de Biomedicina vimos durante a pandemia foi a questão das fake news, pois, coisas que para nós, alunos de Biomedicina eram tremendos absurdos, para a população, tais informações viravam verdades de tanto que eram vistas e comentadas.

Tínhamos que fazer alguma coisa para mudar essa realidade, e a nossa ideia foi utilizar as mídias sociais para divulgação da ciência, e foi aí que nasceu o instagram do @scientizando. Ao ver que as atividades remotas podiam sim funcionar bem, fiquei curioso e comecei a buscar me informar mais sobre o assunto, e mais uma vez fiquei surpreso em como o IIDV estava à frente do tempo, oferecendo um curso sobre Educação à distância e como ministrar cursos na plataforma do IDVLearning.

As dificuldades nas atividades remotas existem, mas a vontade de fazer acontecer é quem dá a palavra final, e a palavra final é que o COINTER PDVS 2020 vai acontecer, sim, e, diferente de todos os seus anos, vai ser totalmente remoto. Nesse evento estou tendo a honra de atuar como membro da comissão organizadora, me dando a oportunidade de trabalhar lado a lado com professores e profissionais de vários países, e eu não imaginaria onde eu conseguiria tudo isso sem participar do IIDV!

DEREK LUIZ ALVES DOS SANTOS

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.22-26>



Educação & empreendedorismo: Um verso inspirador e uma importante prosa

Sou educador... Sou prodígio na arte de sonhar, especialista em improviso, mas paralelamente, mestre das idéias planejadas a se concretizar, doutorando no saber viver, e futuro PHD, se assim tudo fluir, no ato de ensinar.

Hoje, um pouco mais experiente, continuo vivendo a vida da maneira mais empreendedora e promissora possível, sabendo que, como ser humano, só sei que *pouco* sei, e preciso constantemente me aperfeiçoar, aprender e conhecer mais. Fazer o que se gosta, buscando sempre o progresso e o bem estar, é o que importa, pois a vida é algo passageiro, mas algo muito bom, quando temos a oportunidade realizar sonhos, deixar as nossas contribuições, e nos espiritualizarmos, claro, sempre com bom senso, equilíbrio e fé.

Ser empreendedor é ser empresário, com clareza um visionário, um bom cidadão;

É ser um servidor público eficiente e eficaz, que age com civismo e patriotismo, para melhorar a vida da população;

É criar soluções, quando se quer algo melhor para a sociedade, associar-se, bem como unir forças, em um sistema de cooperação;

É ser inovador e agir com criatividade, e por que não com sustentabilidade? Tudo em um sistema de formalidade ou informalidade, tanto por oportunidade quanto por necessidade, em mundo de globalização.

A Pandemia da COVID-19, por meio do Coronavírus, provocou diversos contextos nas sociedades mundo a fora, refletindo também, na economia, e conseqüentemente, no meio ambiente. E isso é algo que envolve, logicamente, empresas, escolas, universidades, e todo o intercâmbio cultural globalizado entre pessoas como um todo. Esse cenário foi, está sendo, e será um marco, pois muita coisa foi impactada, porém, é interessante mencionarmos aos processos reflexivos a que todos nós fomos imersos. Cada vez mais, os processos tendem a ser digitais e à distância, entretanto, vem a ser importante não deixarmos que a normalidade, nesse cenário, entre em extinção. Esse contexto ainda carece de muitas interrogações e respostas!

Sendo assim, as pessoas tiveram minimamente a oportunidade de valorizar o normal, os detalhes do dia a dia: o que se dispõe, deseja-se, e onde se quer e não se quer chegar. Eu particularmente, já vinha a fazer isso, mas agora de forma mais intensificada. E justamente por isso, que dei impulso aos meus objetivos e metas, isso, a partir da escrita de um novo planejamento individual, por meio de um de um plano de vida pessoal, acadêmico e profissional.

Além disso, sempre é bom recordarmos o que fizemos, haja vista que o passado nos ajuda no controle do presente, bem como a lidar com o futuro; isso, a partir de experiências adquiridas, sejam elas positivas ou negativas, porém, nesse último caso, é importante não se repetir erros. Uma grande forma de “minimização de falhas” chama-se: planejamento!

Falando de estudos, digo que somada à minha especialização em Administração Pública, atualmente disponho do título de Mestre em Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável, na mesma área de concentração, e área de avaliação: Administração, Contábeis e Turismo, pela Universidade de Pernambuco - UPE. A dissertação teve como título, “LICITAÇÕES E CONTRATOS SUSTENTÁVEIS: o IFPE - Campus Recife sob a perspectiva do isomorfismo institucional”, trabalho pelo qual pretendo dispor de publicações. Além disso, tenho a meta pela realização de um doutorado.

Ademais, estou a cursar uma Formação Pedagógica (R2) em Licenciatura em Pedagogia (para não licenciados), e, uma especialização *latu sensu* em Educação Especial

e Inclusiva, bem como, outras formações complementares, a exemplo de capacitações e eventos diversos, e do curso de Formação em Psicanálise. Uma grande pretensão também é aprender outro(s) idioma(s): inglês, espanhol, francês, italiano e libras me chamam a atenção, bem como, ter uma experiência internacional de intercâmbio, haja vista que até o momento, ainda conheço restritos lugares no mundo, e justamente por isso, as viagens internacionais a turismo, já estão devidamente planejadas, uma vez que viajar é ação de grande entusiasmo para mim, algo além da minha formação em Gestão de Turismo. O Brasil conheço bem! Ademais, pretendo “investir” enquanto empreendedor capacitado, no mercado.

Tenho tido novas experiências como professor, agora também, na modalidade EAD (Educação à Distância), pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE, interligado ao Programa REDE E-TEC BRASIL, bem como, em novas atividades enquanto educador, ora ligadas ao ensino, a pesquisa e a extensão. Atuar como professor formador à distância tem sido algo desafiador, mas significativo, pois é algo que cada vez mais tende a crescer, devido a diversos fatores, sejam eles: logísticos, relacionados à conciliação de tempo nas atividades do dia a dia, custos e despesas, preferência individual, dentre outros. Ainda sobre isso, aos poucos estou expandindo a minha área de atuação, além das áreas de Administração e Turismo, indo assim, para áreas como: Sustentabilidade, Políticas Públicas e Educação.

O projeto de extensão do IFPE ao qual coordeno, qual seja, “DESPERTANDO VOCAÇÕES PARA O EMPREENDEDORISMO: Empresas Juniores no contexto universitário em Recife/PE” tem sido um grande incentivador do protagonismo estudantil, bem como, impulsionador do empreendedorismo universitário, talvez resultando em um plano de negócios elaborado pelos estudantes, pois esse trabalho é como uma semente plantada, da qual poderá brotar a primeira empresa júnior do IFPE - *Campus Recife*. Nele oriento estudantes dos níveis: técnico e superior, em dois planos de trabalho que objetivam a construção de agenda de trabalho com empresas juniores e cursos superiores, sendo justamente esse objetivo, o título dos mesmos, de modo que, o de nível técnico, visa à prestação de apoio.

Sou membro do projeto de pesquisa em andamento na mesma instituição, “Formação empreendedora, protagonismo estudantil e mudanças organizacionais em instituições de ensino brasileiras”, ora ligado ao “Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração Redes de Cooperação – GEPARC” que vem a ser um mensurador de dados e informações sobre a mesma temática central. Tais projetos e iniciativas estão alinhados ao Programa Internacional Despertando Vocações - PDV.

Ainda sobre o PDV, após participação na edição: COINTER PDVGT 2017, como coautor do trabalho:

- TURISMO RURAL PEDAGÓGICO NA COMUNIDADE DE MARRECOES EM LAGOA DE ITAENGA - PE.

Particpei do COINTER PDVGT 2019, como publicações nos anais, enquanto autor, nos seguintes trabalhos:

- INFORMAÇÃO EMPRESARIAL PARA O PROCESSO GERENCIAL APLICADO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE SÃO LUÍS: Casa do Empreendedor - Sebrae;
- LICITAÇÕES E CONTRATOS ADMINISTRATIVOS NO ÂMBITO DO SESC/PE: relato técnico de experiência profissional em uma perspectiva sustentável;
- LAZER E O DIREITO À CIDADE: uma proposta de intervenção na Praça Doutor Alberto Wanderley em Recife – PE.

Oportunidade em que apresentei os dois últimos trabalhos, tendo participado ainda, como avaliador de submissões, assim como de comissões do respectivo evento.

E, enquanto coautor, nas seguintes obras:

- PLANO DE COMUNICAÇÃO DE MARKETING E REVITALIZAÇÃO PARA O ESPAÇO PASÁRGADA;
- A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES E TRANSEUNTES DO ENTORNO DA PRAÇA COMPOSITOR ANTÔNIO MARIA NO BAIRRO DE SANTANA NO MUNICÍPIO DE RECIFE/PE: estudo sobre um riacho tributário ao Rio Capibaribe;
- PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS DE DESCARTE DE LIXO ENTRE OS ESTUDANTES DO IFPE - CAMPUS RECIFE;
- A IMPORTÂNCIA DO USO DO EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL - EPI.

Obtivemos ainda no citado evento a premiação de 1º lugar - artigo completo (modalidade apresentação oral), com a publicação do mesmo, no livro dos premiados do respectivo congresso: “Caminhos para o desenvolvimento tecnológico e social”, cujo

título do capítulo/artigo é: “LAZER E O DIREITO À CIDADE: uma proposta de intervenção na Praça Doutor Alberto Wanderley em Recife - PE”. E dando sequência, estou inscrito no COINTER PDVGT 2020 - IV Congresso Internacional de Gestão e Tecnologias, esse ano, um evento online, no qual estou submetendo e participando com novos trabalhos, bem como, pela primeira vez, no COINTER PDVL 2020 - VII Congresso Internacional das Licenciaturas. Ademais, continuo associado ao Instituto Internacional Despertando Vocações - IIDV.

Considero que toda essa trajetória no PDV tenha sido muito positiva para a minha a minha vida, agregando mais uma vez a minha pessoa, não somente novas experiências, mas também, o alavanque de sonhos, assim como, a concretização de objetivos e metas desejáveis.

Assim como no livro “Memorial IIDV 2019”, ao qual tive participação contribuindo com o capítulo: “Empreendedorismo e o despertar para vocações como ferramenta para o sucesso”, este novo capítulo de livro configura-se como uma continuada forma de contribuição, não somente para a recapitulação de pensamentos e ações desenvolvidas, mas também, como um mecanismo ora adotado para inspirar e para despertar vocações empreendedoras e científicas nas áreas de gestão e educação.

EMANUEL ASSUERO SILVA COSTA ALVES

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.27-32>



Caminhos para o sucesso!

Olá, eu sou Emanuel Assuero, meu nascimento ocorreu já no início do século 21, sendo exatamente, no dia 06 de abril do ano 2000. Vivo na cidade do Recife/PE.

Tive o privilégio de ser filho de Rosineide Alves e Denis Alves, pais incríveis; agradeço a Deus quase todos os dias por tamanho presente. Tenho 3 irmãs mais velhas, Manuela Cleo, Mayara Celle e Ester Mirth's. E juntos cuidamos de 4 cachorros, Snoop, Amora, Romeo e Hope. Ou eles cuidam de nós. Nossa casa sempre está de ponta cabeça por conta deles, mas até que gostamos.

Eu poderia dizer que minha comida predileta é pizza ou lasanha, mas, sinceramente, eu não estaria sendo fiel à minha consciência, então confesso que não tenho uma comida preferida, gosto tanto de pizza como gosto de melancia, como gosto de laranja, maçã, cuscuz, tapioca... eu não tenho uma comida preferida, eu amo todas. Acredito que é por conta disso que não fico doente facilmente.

Mudando de assunto, lembro-me que meu início escolar, surgiu na Escola Municipal Ester Campelo, uma escola pequena e humilde, porém com professores de excelente qualidade. Infelizmente, não lembro muito dos nomes dos ilustres

professores que tive, e nem sei exatamente quem me ensinou a ler, a escrever, a somar, e quem sempre ficava zangada comigo por não saber as todas as cores. Não lembro! Mas sei que eu aprendi e sou grato.

Eu estudei no Ester Campelo até ao 5º ano, pois do 6º ano ao início do Ensino Médio (metade do 1º ano), eu fui para uma escola particular local, que transformou a minha vida. Tirou-me da inércia.

Oásis Colégio e Curso, esse é o atual nome da escola, que me ajudou a ser quem sou hoje. Você pode estar pensando que estou exagerando em minhas definições, mas vou lhe contar uma história interessante sobre mim. Vamos lá. Eu sabia ler, mas não entendia absolutamente nada do que eu lia, sabia escrever, mas para mim a escrita era apenas letras após letras, e que os professores só pediam para a gente escrever, simplesmente porque queriam nos castigar, pelo barulho. Assim eu negligentemente pensava. Realmente estava perdido e precisava de ajuda.

Assim que ingressei no 6º ano, senti que estava no lugar errado, pois o nível de ensino era bem superior ao que estava esperando, e o pior era que as dificuldades aumentavam relativamente com o tempo; eu estava na parte fácil e já me sentia sufocado com tantos assuntos novos e difíceis de compreender. Bem certo que eu deveria levar essa situação aos meus professores, ou à direção, para que eles me guiassem e me ajudassem na medida do possível, mas como é que faz isso se você é novato, tímido e tem medo de não ser inteligente suficiente? Como é que faz? Simples, não faz, esse era o meu leigo pensamento.

Por sorte, minha mãe percebeu a minha dificuldade, viu que eu precisava de ajuda e não hesitou, falou com meu pai e me colocou no reforço escolar. O reforço escolar foi minha salvação, pelo menos foi quase isso. Eu tive a melhor professora possível, tia Glorinha. Falo isso com tanta convicção porque além dela me ensinar as lições de classe, me ensinava, ao mesmo tempo, lições de vida que guardo até os dias atuais.

Atualmente o reforço ainda fica próximo à minha casa e quando passo por lá recordo dos bons tempos, e também dos dias nublados que passei na escola. Ali eu aprendia praticamente tudo de novo, eu tinha basicamente a mesma aula 2 vezes, no

mesmo dia. Era bem chato e cansativo, mas extremamente necessário e eu entendia a situação.

Com o tempo fui pegando o jeito, fui pegando o ritmo, mas mesmo assim, por mais que eu estudasse, eu não conseguia tirar notas boas o suficiente para passar nas matérias, sempre ia para a recuperação, na maioria das vezes em todas as matérias, exceto Educação Física e Artes. Essas eram mais fáceis de passar.

Eu tinha muito que melhorar, e sabia disso. Por isso não desisti da guerra. Batalhei até a última prova ser aplicada. No final do ano, eu estava afiado como um bisturi, estava conseguindo tirar notas dignas de um ano corrido e puxado.

Entretanto, mesmo com melhoras significativas eu não consegui passar de ano, por conta das minhas notas baixas no início do ano, na 1° e 2° unidade, sendo mais preciso. Eu me senti péssimo depois dos resultados, fiquei triste por ter perdido um ano escolar, e, mais triste ainda, porque meu pai não tinha tantas condições para pagar aquela escola particular, e ele suou tanto no trabalho, doou tanto de si no trabalho, para dar a mim e minhas irmãs um ensino de qualidade, e eu não valorizei o suficiente.

Esse peso na consciência foi a fagulha que explodiu minha mente impulsionando-me a ser melhor e irrepreensível no ano seguinte. Eu estava com essa meta, esse objetivo, e não deixaria nada mudar isso. Essa era minha missão, meu desígnio, meu propósito.

No ano seguinte eu mal toquei nos livros que tinha, os assuntos ainda estavam frescos em minha mente, eu lembrava-me de tudo, cada detalhe, estava muito confiante. E confiança excessiva gera uma estagnação inconsciente, pensamos que sabemos de tudo, e na realidade não sabemos. Pois algumas coisas mudam, e a nossa mente pode falhar e nos deixar na mão. Então vendo que eu não lembrava completamente de tudo que estudei no ano anterior, comecei em outro reforço escolar, pois ainda não conseguia estudar em casa, não conseguia me concentrar o suficiente.

Esse era próximo da escola e tinha várias pessoas da minha sala que também o frequentavam, era ótimo, lembro-me bem que tinha até um futebol ou tênis de mesa, no final, quando acabávamos as atividades. Essa ideia de jogos no fim era muito boa,

pois mesmo quando eu não tinha vontade de ir, eu acabava chegando, apenas por conta dos jogos após o fim das atividades.

Fiquei nesse reforço escolar até o 8º ano, depois percebi que não precisava mais e deixei de frequentar. Eu já estava acostumado à rotina, estava indo bem nas provas, nas atividades, nos seminários, e em outras atividades escolares. Eu nunca gostei de estudar em casa para provas, ou de fazer atividades de casa, e na maioria das vezes eu fazia essas coisas na escola, ou quando largava, ou fazia na classe mesmo, antes de largar.

Quando eu chegava em casa minha mãe ficava preocupada comigo, porque eu nem estudava e nem fazia as atividades de casa, em casa. Ela pensava que eu tinha voltado a ser como fui no 6º ano, mas eu explicava a ela que tinha realizado, porém era perceptível que ela não dava muito crédito, mas mesmo assim deixava passar, pois queria mostrar que estava confiando em mim, e isso era ótimo, aumentava minha dedicação. No fim da unidade quando ela pegava o boletim percebia que eu não estava mentindo e ficava alegre com o desempenho. Sempre chamava minha atenção sobre o que os professores constantemente falavam, eles elogiavam o progresso alcançado, mas em contra partida reclamavam que eu falava demais, mas isso era o mínimo em relação ao objetivo principal.

Um fato sobre mim: já que eu não gostava de estudar em casa, ficava a tarde toda procurando o que fazer, e acabava desmontando um som antigo, um celular que não prestava mais, uma bicicleta parada, desmontava tudo que via, para ver qual era o problema, porque ele tinha parado de funcionar. O ruim era que eu só não sabia colocar as coisas de volta, não sabia deixá-los como antes.

Eu não queria ser médico, não queria ser jogador de futebol, nem um ator de cinema. Por mais que eu goste de ajudar as pessoas, e entregaria a minha por amor a vida alheia, eu não gostaria de ser apenas um médico, e por mais que eu goste de esportes, no contexto bem geral, eu nunca tive a ambição de ser um jogador, e por mais que eu goste de uma encenação, eu não tenho essa vontade de ser ator.

O meu sonho é de trazer utilidade ao que se tornou inútil, fazer as coisas que não prestam voltarem a realizar seu papel antes estabelecido. Caso realmente não tenha

como deixar com utilidade, pois ficou ultrapassado, estabelecer um plano de melhoria para o objeto, ou reutilizar as peças para um projeto secundário, de um modo que as demais peças sejam corretamente descartadas para uma reciclagem adequada e sustentável.

Por conta desse sonho que no final do ensino médio eu mudei para outra escola, eu queria ser mais útil na vida das pessoas. E também queria ter a oportunidade de participar de competições que ocorrem apenas para escolas estaduais. No mês de agosto de 2016 eu entrei no EREM Alberto Torres, com um intuito de ser mais desafiado, e de também poder ajudar os alunos que não conseguiam entender assuntos que inicialmente aparentavam ser complexos. Porém, por incrível que pareça, os alunos da rede estadual estavam no mesmo nível que eu, um nível muito bom.

Em 2017 tive a oportunidade de participar de uma seleção de um projeto governamental chamado PROUNI, que ajuda os alunos do Ensino Médio a cursar cursos da área que desejam e por sinal tinha Mecânica. Ao avistar o curso eu ligeiramente me inscrevi, e junto com uns amigos passar. Lá eu tive a oportunidade de aprender por longos 2 anos tantas coisas que precisariam de mais algumas páginas desse livro para descrever, com mais clareza, tudo quanto se desencadeou em tão pouco tempo.

Eles me admitiram com representante de turma, mesmo sem eu querer tal cargo, porém não tive como revogar, me bloquearam dessa opção, e até que eu gostei. Foi uma ótima experiência. Sério mesmo. Agradeço a cada um da turma que fez parte da turma, pois eu não aprendi somente com os excelentíssimos professores que tivemos, mas com cada um.

No fim do curso busquei uma outra oportunidade de curso técnico na área de manutenção, e encontrei um panfleto do IFPE, então resolvi pesquisar sobre os cursos e tive interesse por um que tem como título Climatização e Refrigeração, e atualmente estou cursando-o, tendo o prazer de dizer que está cada vez melhor. Quando penso que não tem como piorar, piora, e sinceramente, eu gosto disso, gosto do que é difícil e complexo, eu gosto de ser desafiado. Ajuda-me a ser melhor, e isso é bom. Certo dia quando estava na coordenação do meu curso, no *Campus* Recife do IFPE para ver o horário das aulas, recebi uma mega proposta de ajudar jovens de cursos

superiores, a criar a sua própria empresa. Ouvindo tais palavras, rapidamente concordei com a ideia e me propus a ajudar, bem certo que eu não sabia a fundo como funcionaria o projeto, nem como poderia ajudar, mas eu estava ali para aprender, e a ideia aparentava ser muito boa.

Depois de longas horas conversando eu compreendi tudo sobre o projeto, a ideia principal e tudo que a envolvia, eu achei incrível e concordei em participar do PDV, do projeto, bem como de diversas ações ligadas ao programa, a exemplo do COINTER PDVGT, pelo qual submeti trabalho. E desse dia em diante, os professores Derek Alves e Erick Silva, bem como, a estudante Rosangela Santos, em muito tem ajudado na realização das atividades e também a compreender mais sobre alguns assuntos em que eu não tinha nenhum domínio. E hoje, juntos, estamos levando motivação aos discentes de cursos superiores.

O PDV tem me proporcionado o atingimento de diversos objetivos em meu processo formativo, é uma fábrica de conhecimentos disponível para alunos e educadores.

GUILHERME DE SIQUEIRA FREITAS PONTES

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.33-36>



O ano mais produtivo da minha vida!

Desde quando eu era criança, sempre achei bastante interessante ensinar outras pessoas e, entre os doze e os treze anos, decidi me tornar professor. À época, eu queria ensinar Geografia, depois foi História, Português, Inglês, Espanhol. Enfim, dei algumas aulas particulares e de tudo um pouco, na adolescência e início da faculdade. Também almejava produzir artigos acadêmicos e fazer um mestrado, desde novo. Entretanto, não foi em nenhuma dessas licenciaturas que ingressei na faculdade. Iniciei o Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, no Instituto Federal de Pernambuco. Foi em agosto de 2017, especificamente em 23 de agosto, a minha primeira aula; dia chuvoso e cheguei atrasado na aula.

Passaram-se os semestres 2017.2, 2018.1, 2018.2 e 2019.1 e eu me envolvi em algumas atividades acadêmicas, três monitorias, eventos, mas nada que realmente transformasse a minha vida e fosse tão inovador. Com as monitorias pude conceber, mais uma vez, a semente do desejo pela docência, especialmente com um querido professor de História do curso de Gestão de Turismo: Ateniense Alves. Sob influência deste docente, pude ter contato mais profundo com assuntos históricos, voltados à Arte ou ao Brasil, durante as duas monitorias e também com o Trabalho de Conclusão de Curso sob sua orientação.

Em Julho de 2019, após sair de um estágio em uma empresa de receptivo no aeroporto de Recife, recebi o convite de um amigo próximo para desenvolver um projeto de PIBIC na área de empreendedorismo, em um grupo de pesquisa com um docente que já conhecia por nome e sempre expunham bons comentários a respeito dele, o professor Erick Viana. Por ser um professor conhecido entre os estudantes do meu curso, eu, de pronto, aceitei. Poderia recusar a chance de iniciar o sonho de criança?

Iniciei um PIBIC cuja temática se reflete no empreendedorismo, especificamente para compreender a visão dos gestores do Instituto Federal de Pernambuco – *campus* Recife, a respeito da importância do empreendedorismo na escola, um tema desafiador e no qual não poderia imaginar o quão gratificante seria, com o passar do tempo.

Com ganas de escrever artigos e produzir cientificamente para um mestrado, conheci uma orientadora muito inteligente e, na minha concepção, melhor pessoa que um estudante poderia ter na vida: professora Simone de Paula Silva. A afinidade acadêmica foi praticamente instantânea e, graças a ela, pude submeter um dos meus primeiros artigos no COINTER de 2019, sob o título: “Percepção dos Gestores sobre Empreendedorismo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Recife”. Nesta produção, realizei pesquisa com diversos gestores da escola para entender impressões dos servidores sobre empreendedorismo, empresas juniores, participação dos profissionais em ações empreendedoras, bem como a existência ou não de empreendedorismo na instituição de ensino. Mais para frente eu ainda discorrerei mais sobre o COINTER.

Certo, mas eu ainda não expliquei diretamente como entrei no Programa Internacional Despertando Vocações – PDV. Na verdade, eu jamais imaginei que participaria de algo além de um mero projeto de iniciação científica e escrever um artigo para pontuar no mestrado. Quando a professora Simone e Kleber, meu amigo e orientando da mesma docente, começaram a me explicar o que é o PDV, eu fiquei encantado. Descobri que foi quase automático participar do PIBIC e do PDVG, na área de Gestão, pois sou muito identificado com temáticas de empreendedorismo e inovação na sociedade.

Eu admito que já conhecia o Programa Internacional Despertando Vocações por relatos de amigos que haviam participado anteriormente, porém, não sabia muito a respeito. Acreditei que se tratava de algo sem tanta importância até começar a ir às aulas do Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração e Redes de Cooperação (GEPARC), quando conheci outros estudantes que participavam, junto ao professor Erick, de reuniões e eventos importantes para o desenvolvimento científico, ainda tão inexplorado no Brasil.

Fui me envolvendo e tornando-me partícipe do PDV, sem muito ensejo, até participar do COINTER. Eu apenas compreendi o que é um evento internacional, com pessoas de diversos países, palestras em mais de um idioma, discentes e docentes de instituições públicas e privadas de várias partes do país com o congresso. Eu estava participando mesmo daquilo tudo? Era tão suntuoso, poder conhecer e ver palestras, aproximar-me de estudantes e aumentar a gama de contatos.

Particpei do COINTER, apresentei dois artigos acadêmicos no meu primeiro evento internacional, fui monitor de comunicações orais e fui compreendendo que ser um estudante e profissional comum já não era mais possível. Foi graças ao PIBIC, meu principal gatilho, que percebi a expansão do meu universo de oportunidades.

Especificamente sobre esse projeto de iniciação científica, eu pude aprender a escrever e a me apaixonar por ler artigos; foi por meio de um projeto desprezioso que comecei a me apaixonar e minha relação e percepção de mundo se alterou de forma irreversível.

Em 2020, continuei o PIBIC com professora Simone e Kleber e fomos realizar uma pesquisa de campo em Vitória de Santo Antão, com o intuito de colher respostas da mesma pesquisa que desenvolvi em 2019 com os gestores de Recife, mas agora com os servidores da cidade do Agreste de Pernambuco. Lá, foi possível conhecer brevemente sobre as origens do PDV, com o PDVAgro e PDVL, focados nas ciências agrárias e licenciaturas, respectivamente. Mais uma vez, em uma escola agrícola dessa vez, percebi a importância de se estudar o empreendedorismo. Por meio da inovação no ensino, com professores que promovam o discernimento aos estudantes, foi-me facilitada uma visão

de que a educação empreendedora transforma sociedades. Fazer parte de iniciação científica, para um estudante, é gratificante.

Em março de 2020, teve início a pandemia do novo coronavírus. O IFPE não pôde continuar aberto, porém, o PIBIC não poderia parar. Graças às diversas atividades propostas pela professora Simone, o meu desenvolvimento pessoal, acadêmico, estudantil e profissional foi aumentado de forma inimaginável! Participamos de maratonas de hackaton's com outros docentes, com atividades voltadas às soluções para a pandemia e pós-pandemia, como o HackingHelp Rio e incentivado a me inscrever no Startup Way Federais Club.

Tais eventos online, embora não diretamente relacionados ao PDV ou ao PIBIC, devo agradecer ao programa. Exponho isto por um motivo: em qualquer um dos eventos citados, só pude participar por conhecer professor Erick e professora Simone. Eles definitivamente puderam mudar minha quarentena para um período fértil à produtividade.

Com o PIBIC concluído, não foi possível deixar de trabalhar junto com os docentes já citados tantas vezes no texto, mas sim um motivo de continuar junto a eles. Graças ao impulso recebido nos últimos meses, tornei-me convicto de que desejo fazer um mestrado em uma área cuja relação com o empreendedorismo seja próxima e é esse meu principal objetivo de vida no curto prazo. Enquanto estudante e profissional, vejo a necessidade de se empreender na própria vida, buscar novos horizontes, fazer diferença na vida das pessoas.

Por fim, só posso agradecer ao professor Erick e à professora Simone pela oportunidade e incentivo que recebi neste ano que fiz o PIBIC e entrei no PDV. Poder escrever esse texto foi a forma na qual eu consigo agradecê-los por todo o carinho e caminhos abertos por expandirem meus horizontes. É por isso que, futuramente, desejo também tornar-me parte enquanto professor do Instituto Federal de Pernambuco, no curso de Gestão de Turismo ou na área de administração. Isso quem vai definir é o futuro, entregue a Deus.

HELOISA DE BARROS DANTAS

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.37-39>



O desenvolver da mulher pesquisadora

Nascida em Recife, meu pai possui curso técnico em computação, já minha mãe, no entanto, só concluiu o Ensino Médio alguns anos após o meu nascimento. Esta teve uma infância sofrida, criada por minha bisavó Maria Cicera, lavadeira de roupas, e fez serviços domésticos, todo dia indo trabalhar a pé para garantir o sustento dos netos. Durante a segunda infância, vivi uma vida tranquila, estudando em bons colégios, brincando no quintal da casa da minha avó com meus primos. Apesar de gostar das recreações em grupo, desenvolvi um amor logo cedo pelos livros. O dia preferido da semana era o que chegava da escola e tinha revista de gibis novas me aguardando.

Como tudo na vida é mutável, e como tudo que é mutável, muda, surgiram mudanças, porém nem todas elas boas. Aos meus 11 anos as condições financeiras do meu pai já não eram mais as mesmas, e buscando encontrar novos caminhos, ele decidiu morar na Paraíba e ir atrás de uma oportunidade de emprego. Agora, não havia mais o quintal da minha avó, nem meus primos ou a escola que amava. Passamos por momentos de adaptação, e atrevo-me a dizer, depois deste período, as adversidades começaram a surgir com maior frequência.

A Paraíba era calma, silenciosa, até bonita, mas não era como a antiga casa. Nossa estadia no lugar novo durou pouco tempo, mas foi o suficiente para perceber que nem

sempre a realidade alcança nossas expectativas. Voltamos para Pernambuco um ano após, na carona de um caminhão, passando de cidade em cidade, nem sabendo mais qual seria nosso novo lugar de vivência. Na verdade, a partir daí parou de existir nós, já não era mais eu, minha mãe, pai e irmão, pois a separação dos meus pais veio na bagagem.

Durante a adolescência questionei-me por diversas vezes o motivo de tudo, porque a vida tranquila, calma e em família tinha se tornado completamente diferente e um tanto quanto amarga. Precisei escolher qual caminho seguir e encontrei os estudos, pois enquanto meus pais ainda eram casados, ao observar a relação deles, meu pai saindo para trabalhar e minha mãe ficando em casa, percebi que queria ser a pessoa responsável pelo meu próprio sustento, estudar, ter uma profissão. O Ensino Médio chegou e a vontade de encontrar a área de formação veio junto. A escola pública, entretanto, não oferecia suporte para tantas dúvidas. Então, utilizando a internet, canais de ensino à distância gratuitos, achei a base que me faltava, descobri a existência do vestibular, pois, por não ter pais graduados e residir em subúrbio, não fazia ideia do que e para que servia. No meio de tantas informações soltas nas pesquisas do Google, surgiu a insegurança e medo, como adentrar numa universidade sem condições financeiras? Como sem base de ensino?

Quando o sistema governamental não dá suporte para todos de forma igualitária, uns precisam se esforçar mais do que outros para conseguir atingir o mesmo nível de educação. Tendo consciência disso, aos 16 comecei a pesquisar vagas de jovem aprendiz, estagiei como auxiliar administrativo, e o salário tinha destino certo, investir nos meus estudos. Busquei cursos preparatórios para o vestibular, aqueles mais acessíveis a pessoas de baixa renda. Por um período dividi-me em três: escola, estágio e curso, cansativo mentalmente e fisicamente, mas era a única saída para ter um futuro melhor.

A primeira experiência com o ENEM não foi das melhores, tirei notas baixas, pensei em desistir, mas tive o apoio dos meus professores que me motivaram a continuar. Neste mesmo ano, em 2016, prestei vestibular para o IFPE, consegui ser aprovada no tecnólogo de Química Industrial. O IFPE abriu portas para novas perspectivas e aprendizados, e consegui aprimorar meus conhecimentos na área de

Química; as séries de iniciação científica tornaram-se ainda mais empolgantes, o sonho de ser aprovada na Federal na área de farmácia se tornou uma certeza ainda maior.

Um ano após ter sido aprovada no tecnólogo, consegui a tão sonhada vaga na UFPE, e a vida acadêmica saiu do plano irreal e transformou-se em realidade. No entanto, conciliar duas instituições públicas não era tão simples quanto imaginei, precisei passar pelos primeiros dois anos muito conturbados de graduação e IFPE, para conseguir começar a ter uma rotina mais equilibrada. A curiosidade de entrar em áreas de pesquisa começou a surgir, no meio de tantos projetos acadêmicos e de extensão, descobri o Instituto Internacional Despertando Vocações e o PDVS, esse acabava de ter sido criado em 2019.

Dentro do PDVS, pude desenvolver novas habilidades, conhecer outras áreas, aprendi a tomar iniciativa e estar sempre disposta a adentrar em novos projetos e tarefas. Somado a isso, tive o prazer de ser membro da Comissão Organizadora do I Congresso Internacional de Ciências da Saúde, auxiliei na organização do cerimonial e participei ativamente do COINTER. Depois disso, o envolvimento com o programa só cresceu, pois o Instituto Internacional Despertando Vocações oferece um universo de oportunidades, assim, a área de Ciências da Saúde era só uma pequena parte do todo.

A curiosidade é uma estrada de achados, e explorando esta, aventurei-me por novas áreas. Realizei cursos de edição de vídeos, imagem e tenho auxiliado nas mídias sociais do II COINTER PDVS, assim como, mais uma vez, na comissão organizadora do evento. Além disso, adentrei no Setor Comercial/Marketing da Editora IIDV, como também, no grupo de gestão do IDVLearning, aonde aprimorei conhecimentos sobre educação à distância e funcionamento da plataforma 'online' do IDVLearning.

Logo, o IIDV pode servir como estrada de qualquer indivíduo que queira desenvolver e conhecer novas áreas, além de aprimorar-se na sua de atuação. Com o mundo globalizado no qual vivemos, se faz necessário sempre estar com um olhar amplo, não se restringindo apenas a uma única área de conhecimento. A educação é um mundo de oportunidades e multidisciplinaridade, logo, pretendo vasculhar ainda mais as vias por ela oferecidas dentro do programa.

JÉTER CORREIA DE LIMA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.40-44>



Influências externas na vida acadêmica de um estudante

Nascido no início da década de 1980, na capital potiguar chamada Natal, cidade conhecida por seu tempo bom e belas praias. Daí o nome “a noiva do sol”, dado pelos seus cidadãos. Sou o décimo filho de uma família simples do interior do estado norte-rio-grandense. Meu pai é do Espírito Santo e minha mãe do município de João Câmara. Foi em Parnamirim que se conheceram quando ele era militar da Aeronáutica e ela cuidava de sua tia enferma.

Ambos evangélicos, nos batizaram com nomes bíblicos. O meu nome, de grande força e significado, na língua hebraica significa “abundância, superior”. Meu pai é ministro do evangelho e foi líder de igreja até 2018. Durante 50 anos nos mudávamos com frequência e assim fomos criados, vivendo em distintas cidades.

Há pouco registro da minha primeira infância vivida em Brejinho, chamada “terra da farinha”. Nessa cidade, frequentava a creche pública desde minha tenra idade e no entanto, nos anos finais da década de 1980, em meio aos preparativos para a retomada da democracia, minha família se muda para Serrinha, local onde aprendi a ler e escrever nos primeiros ciclos da educação infantil.

No ano de 1992 minha família se dirige para o Alto Oeste do Estado do Rio Grande do Norte, região de muitas serras com solo vermelho e afloração rochosa

oriunda dos resquícios da Chapada da Borborema. Com quase 500 quilômetros da capital, foi em São Miguel, cidade agradável e de povo acolhedor, vizinha da tão conhecida cidade de Pau dos Ferros, que agora adolescente, comecei meus estudos no 6º ano do Ensino Fundamental. Nesta fase da vida escolar fui líder de sala, estudante dedicado e respeitador, alcancei a confiança dos meus professores e da temida diretora, que passou a ser uma grande amiga.

Com o passar do tempo, vieram os problemas de saúde dos meus pais e ambos decidiram regressar para o Agreste potiguar, devido a facilidade em fazer visitas médicas e cuidar da saúde. Voltamos para a primeira cidade que o meu pai foi pastor e ele foi alocado em Vera Cruz, cidade onde dei continuidade aos meus estudos até o 8º ano do Ensino Fundamental. No entanto, foi quando aos 18 anos recebi a oportunidade de trabalhar e terminar meus estudos em Parnamirim. Estudei o 9º ano na escola estadual Presidente *Roosevelt* e também concluí o Ensino Médio em 2000.

Igual a todo estudante, sonhava com várias formações, mas, não sabia por qual decidir e tampouco me sentia capaz. Foi aí que a minha irmã Laodiceia que sempre me incentivava, me amou e lutou por mim como uma mãe e me dizia para seguir nos estudos. Sou grato pelo seu cuidado e não sei como o retribuir, senão com meu carinho e atenção. Ela foi imprescindível na formação da pessoa que sou hoje.

Fui aprovado no meu primeiro vestibular e no ano de 2003 passei a cursar bacharelado em Geografia pela UFRN, curso de conhecimento fantástico. Com a ajuda de uma grande amiga e orientadora, a professora Dra. Cleonice Furtado, pude fazer o meu primeiro artigo científico intitulado “A camada de ozônio e o significado de suas variações em Natal-RN”, apresentado no Congresso Nacional de Climatologia em Aracaju-SE. Sempre gostei da área climática e urbana e me sentia muito feliz em poder compreender os fenômenos atmosféricos que influenciavam na vida diária dos seres vivos de determinada cidade.

Colei grau em 2007 e voltei a viver com os meus pais, coisa que não fazia desde 1999. Dei início a Licenciatura em Geografia, no entanto, minha mãe, que era diabética e por essa doença havia perdido parte do seu pé, teve um AVC e o meu pai precisou fazer uma cirurgia do coração. Nesse contexto de problemas de saúde familiar, perdi a matrícula na universidade e, sem saber dos meus direitos, não pude recorrer.

Com o conhecimento da graduação, pude dar aula de Geografia e como já sabemos do desfalque na educação brasileira referente a falta de professores, também lecionei no Ensino Fundamental as disciplinas: Ensino Religioso, Geografia e Ciências. Já no Ensino Médio foram: Sociologia, Filosofia, Biologia, Inglês, Geografia, História e Economia do RN. Também tive o privilégio de lecionar no EJA as disciplinas: Ensino Religioso, Artes e Geografia. Sempre ensinei em escolas municipais e estaduais que eram muito distantes de onde morava, tendo que caminhar um longo trajeto a pé para esperar o transporte que nos levava para um lugar mais distante ainda, nas periferias da cidade.

No ano de 2008, recebi a missão de liderar a juventude da igreja que me congrego e passei 03 anos na liderança; fizemos diversos encontros que exigia mais conhecimento de mim, por isso, decidi estudar a Bíblia mais a fundo. Também pude liderar 05 congregações e foi uma experiência extraordinária de crescimento espiritual e humano sem igual. Hoje, sou Bacharel em Teologia com diploma reconhecido pelo MEC e com especialização em Metodologia do Ensino Religioso. Compreender a relação homem e divindade é muito importante para quem não entende a diversidade religiosa, mas que deseja estreitar relações com Deus.

Entre os anos de 2005 a 2015 lecionei nas cidades de Parnamirim e Brejinho, sempre por meio de contrato. Foi quando lecionava nessa última que, no mês de agosto, recebi a informação de que havia sido aprovado no ENEM para o curso de Licenciatura em Letras Espanhol do IFRN. Eram mais de 60 km da capital e eu acordava muito cedo para pegar o primeiro ônibus que, após 01h20 de viagem, chegava ao ponto de ônibus urbano, onde embarcaria em outro ônibus para chegar no horário de aula. Todo dia, saía 20 minutos antes de terminar a última aula e corria para pegar um ônibus que me levasse para o ponto onde passava o transporte que me levaria de volta.

Nas primeiras semanas no IF enquanto aluno do curso, procurei ingressar na base de pesquisa chamada NUPELE-BR e nesta pude crescer acadêmica e profissionalmente a sobra de uma peruana arretada, amiga, profissional, autêntica, de coração e caráter nobre. Enquanto estudante, eu sempre fui amigo e colaborador dos meus professores, me dispunha a desenvolver com eles os projetos, atividades extra classe, pesquisas, extensões. Ainda que sem saber, aceitava a proposta e enfrentava com garra, tendo por objetivo alcançar o êxito almejado. Particpei de 05 projetos de Extensão, 02 em 2017,

02 em 2018 e 01 em 2019. Destas extensões, participei 03 vezes da mesma, que era um curso de espanhol para profissionais da área de Turismo, parceria entre NUPELE-BR e a secretaria municipal SETUR.

Fui bolsista do Programa PIBID 2015-2017 e do Programa Residência Pedagógica 2018-2019 em escolas estaduais de Natal-RN. Alocaram-nos em um bairro que diziam ser muito perigoso, no entanto, passamos a dar as aulas e o medo foi passando ao passo que aumentava a credibilidade e amizade com os alunos. Lembro que atravessei ao lado de um dos alunos uma viela com um pouco mais de 1,5 metro de largura. Eu estava no coração da favela (assim chamado), e enquanto andávamos sentia os olhares, pois eu era um estranho ali.

Foi nesse núcleo de estudos e pesquisa da língua espanhola que publiquei 04 artigos científicos sob a orientação da professora Dra. Maria Velasco (CNAT-IFRN), o primeiro se intitula “os sons do Espanhol como fator essencial na pronúncia do futuro professor de ELE no processo de formação docente” e o publicamos no congresso nacional CONEDU em Natal-RN no ano de 2016.

O segundo artigo publicamos na língua espanhola no congresso regional CEDOC em Canguaretama-RN no ano de 2017, intitulado “*el neutro ‘lo’: común en español, raro en portugués*”. Senti muito medo, me sentia incapaz, mas, eu confiei na professora que muito me incentivou a escrever em espanhol. Foi uma experiência maravilhosa que me proporcionou mais segurança na escrita da língua espanhola. Sinto ter alcançado melhor nível após ter tomado a decisão de publicar em outro idioma.

Os outros 02 foram publicados no congresso internacional COINTER-PDV em Natal-RN no ano de 2017 e João Pessoa-PB em 2019. São eles respectivamente: “*La historia de un fono [b] y tres grafemas B, V y W*” e “O Programa PIBID: análise e reflexão das propostas da CAPES de 2013 a 2018” (nesse fui coautor). Ainda no ano 2017, neste mesmo congresso, recebi o convite para junto do professor Msc. Valdileno Vieira (CNAT-IFRN), sermos palestrantes da oficina Mídias Educacionais: como escolher e avaliar *softwares* educacionais.

Sou membro do Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV) desde 2018, fui voluntario do COINTER 2017 e 2018 orientando os congressistas e liderando equipes no cerimonial das palestras.

Houve um momento ímpar, onde fui convidado para entrevistar uma professora argentina a respeito do congresso. Outra experiência extraordinária foi a surpresa que recebi da estimada professora Mary, o troféu talento Destaque PDV 2018, entregue pela professora Dra. Kilma Viana. Custei acreditar quando ouvi o meu nome. As ações desenvolvidas pelo PDV me fizeram pensar melhor a respeito do futuro que quero para mim. Dei início nesse ano, 2020, a uma especialização em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Espanhola e pretendo permanecer envolvido no mundo acadêmico que tanto me apraz.

Somos pequenos e, no entanto, no pouco que fazemos sempre haverá alguém olhando. Existem aqueles que não irão reconhecer e por esses não perca tempo, siga em frente. Faça o seu melhor quantas vezes for necessário, sem esperar nada de ninguém. Nunca esqueça, você é a somatória das influências externas que te alcançaram, das vivências boas e ruins. Lembre-se, transforme maus momentos em boas experiências. Você é o melhor de você mesmo.

JUSSARA RICARDO DA SILVA RODRIGUES

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.45-47>



Relato de vida

Filha de Luciana Ricardo da Silva Rodrigues e Eurico Rodrigues do Rêgo, me chamo Jussara. Durante boa parte da minha vida vivi no interior de Limoeiro-PE, numa fazenda em Ilhetas junto a meus avós paternos. Hoje eu sou muito grata por ter tido a oportunidade em ter vivido uma infância raiz, sadia e feliz. Meu avô sempre foi uma referência para todos da família; era honesto, legal, contente e o mais admirável era sua simplicidade e a calma que tinha em tudo que acontecia. Sempre aparecia cobra na casa em que eu morava, e minha mãe fazia cada escândalo com medo. Nisso, meu avô vinha andando com toda a calma do mundo até lá em casa para matar a cobra. Ele trabalhou a vida toda com pecuária, e só quem permaneceu na atividade entre doze filhos foi meu pai.

Aos Sábados, todas as minhas primas iam para fazenda e era tanta brincadeira; eu sempre era a cobaia por ser a mais nova. Lembro de um dia em que todas subiram no pé de tamarindo, mas eu não conseguia. Logo, elas amarraram uma corda em minha cintura e quando puxaram não aguentaram mais e eu cai. Nesse dia eu chorei tanto. Teve outra vez em que eu botei o dedo na boca da lagartixa e me desesperei quando meu pai disse que ia sair as tripas (gargalhada).

Há 17 anos atrás meu avô faleceu. Aconteceu de uma forma bem improvável: uma das vacas paridas, com ciúmes do bezerro, lhe deu várias chifradas e ele faleceu. No dia da tragédia meu pai só encontrou meu avô de madrugada, embaixo de um pé de juá. Foi sem palavras aquele dia, foi uma perda irreparável para todos nós. Depois desse fato, a vaca foi vendida e meses depois a fazenda foi vendida também. Foi tão ruim ter saído do sítio, sofri muito. Porém, fomos morar no sítio da minha vó materna numa casa que a princípio, seria um bar sem divisão nenhuma, e vivemos lá por cerca de uns 9 anos. Lá era maravilhoso, a gente vendia dudu quando tinha torneio de futebol aos Domingos. Quando a fazenda foi vendida, viemos para a “cidade”, e sem dúvidas muito difícil a adaptação.

Meu pai mudou totalmente o rumo de trabalho em que foi ensinado desde criança, e foi ser moto táxi, permaneceu por uns 3 anos. Minha irmã e eu fomos estudar na escola Professora Jandira de Andrade Lima, e lá permaneci até a formatura. Havia professores excelentes lá. Ao me formar no Ensino Médio no ano de 2014, optei por um curso técnico, porque ainda tinha dúvidas da área a seguir. No entanto, escolhi o curso de Agroindústria do IFPE, que na época, era ofertado no turno da noite. Fiz a prova, passei e iniciei em 2015, foi toda uma empolgação. No dia da matrícula minha mãe ficou bem preocupada, porque ela achou muito esquisito a chegada até o Instituto, mais com um tempo foi ficando tranquila.

Já no início do curso, observava que eu me sentia muito mais motivada quando tinha aula das disciplinas mais específicas, como Zootecnia, Agricultura, entre outras, e não gostava muito das disciplinas voltadas à produção agroindustrial. Seis meses depois eu engravidei. O tempo foi passando e abandonei o curso no último módulo, primeiro porque eu já ia ter o bebê e segundo que eu não queria seguir na área. Consequentemente, hoje me arrependo muito de ter abandonado mesmo sem gostar, foi muita imaturidade.

Em 2017, passei pela nota do Enem na UFPB EAD em Licenciatura em Ciências Agrárias e foi um divisor de águas, onde me encontrei de fato e vi que era nessa área que eu queria seguir. Ademais, mesmo passando em Agrárias, meu objetivo era a Agronomia. Por meu filho ser muito novinho, esperei um ano após o nascimento para prestar o vestibular no curso de Agronomia. Quando fiz a prova, achava que tinha ido

péssima na redação e não ia conseguir passar, pois aquele ano era perfeito, uma vez que as aulas seriam à tarde e teria transporte público neste horário levando para Vitória. Cheguei em casa com o sentimento de frustração, mas tinha entregado nas mãos de Deus, e o resultado é que passei em quinto lugar e com nota 8 na redação.

Isso me deixou muito feliz, mas a peleja não parou por aí, pois logo eu soube que não podia cursar duas faculdades públicas e tipo, eu fiquei sem saber o que fazer. Como eu já estou no finalzinho dessa graduação, preferi manter os dois cursos. Meus planos para breve é um mestrado na área de Entomologia Agrícola ou Fertilidade do Solo, e ainda estou balançada nessas duas áreas. Porém, por Entomologia tenho um apego a mais e pretendo, até o mestrado, conseguir desenvolver um produto de controle biológico de praga e patentear, assim como também tenho o objetivo de passar no concurso federal para professora.

O Programa Internacional Despertando Vocações – PDVAGRO, conheço desde o tempo da agroindústria através do meu amigo Adjair José, membro e participante ativo. Sempre me recomendou e falava de sua importância para mim. Tanto que quando começaram as aulas, fui logo atrás de saber onde me inscrevia e etc. Semanas depois, o Professor Edísio e o coordenador Djalma foram até a sala de aula apresentando o programa e logo corri para me inscrever no edital. Fui chamada para uma entrevista, passei e estou lá, participante do Grupo de Trabalho em extensão rural, e amo as práticas e oportunidades de estar associando a teoria com a prática, resolver problemas e ainda de conhecer pessoas e aprender com elas.

Esse programa nos oferece crescimento profissional e além disso, agrega muito na vida pessoal de cada membro. Tenho muito a agradecer ao professor Erick Viana e ao professor Edísio Raimundo, que me deram oportunidade e sempre foram pessoas de conduta inquestionável, e empatia por nossos defeitos e qualidades.

KAROLINY PAULA DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.48-52>



Aquela que caminha com o vento

Antes de qualquer coisa, acredito que tudo que escrevemos é endereçado, independente que isto esteja explícito ou não, cada palavra é santa e tem, em sua constituição, um dono que só quem as colocou no mundo sabe. Se posso escrever esse texto hoje, é por causa de vovó, que faleceu recentemente, aos 62 anos, mas que me criou, me amou e me mimou, além de sempre me estimular enquanto aluna, pessoa, ser humano; ela me ensinou que eu não sou mais que ninguém (mas que também não sou menos) e que a porta da vida é baixa pra gente de nariz em pé não conseguir passar. Vovó lia pouco, escrevia pouco, mas amava como ninguém e me transmitiu tudo de bom que eu tenho. O sonho de vovó era que eu escrevesse um livro, então escrevi esse capítulo e dedico a ela não só esse escrito como toda minha vida. Pode descansar, minha neguinha, teu rebanho está pronto, confia na tua criação.

Sou natural de Recife, mas me criei no Alto São Sebastião, comunidade do bairro de Cavaleiro em Jaboatão dos Guararapes, bairro este conhecido pela feira livre e pela grande quantidade de ladeiras por todos os lados. Karoliny Paula da Silva, filha de Andréa José da Silva, que sempre foi mãe-solo e contou com o auxílio de João José da Silva e Joana Antonia Zacarias da Silva, meus avós, para conseguir me criar. Sou preta, pobre, moradora de comunidade, filha de mãe frentista, neta de um avô que cortou

muita cana e de uma avó que limpou muito chão para sobreviver. Falo tudo isso com muito orgulho, pois foram essas características que fizeram de mim quem sou.

Desde pequena, eu nutria paixão pelos estudos; meu avô, que, desde os 8 anos, cortava cana nos engenhos e que só frequentou a escola até a antiga quarta série, sempre me ensinava a ler com jornais, a contar e distinguir os ordinais dos cardinais. Graças a ele, cheguei à escola aos dois anos e aos quatro eu já lia e escrevia com tranquilidade; me apaixonei por matemática desde sempre, pra mim, minha profissão seria algo relacionado a isso. O avô, quem carinhosamente eu chamo de pai, é o grande homem da minha vida e que sempre me incentivou aos estudos e contribuiu positivamente para isso, querendo pra mim um futuro diferente do que ele já viveu.

Quanto mais eu crescia, mais eu olhava para os estudos como um refúgio, pois sempre que eu me decepcionava ou estava triste, ia preencher os livros didáticos até a professora ter que me pular de série por já ter feito os livros inteiros. Vovó colocava os livros em lugares altos e me distraía pulando corda comigo, jogando vôlei, amarelinha, entre outras brincadeiras, sempre virando criança perto de mim e, apesar do pouco estudo, acabava comigo no vídeo game e em jogos de lógica.

A escola sempre foi um lugar que me inspirou, afinal era na escola onde eu tinha amigos e liberdade de ser. Na minha primeira escola, Tia Irene e Tia Isabel sempre me guiavam a ser proativa e humana, tanto que sempre que eu acabava minhas atividades, corria rapidinho para ajudar na turma de maternal, brincando e pintando com as crianças. Foram muitos tios e tias que me inspiraram e me ajudaram a conseguir viver da melhor forma possível, olhando o mundo por meio de uma ótica social e psicológica. Muitos amigos ficaram pelo caminho, outros perduram até hoje, mas todos eles tiveram sua importância na escrita da minha história.

Meu primeiro contato com o universo acadêmico foi pelo IFPE em 2015, pois passei em nono lugar no curso de Edificações, me matriculei, fui um dia e desisti. Não senti que deveria continuar, todo mundo reclamou comigo, mas vovó passou a mão na minha cabeça, disse pra eu confiar no meu coração e assim o fiz. Em 2016, entrei em Licenciatura em Letras, na UFPE, no qual cursei 4 períodos e, ao participar do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), eu tive contato com sala de aula

e compreendi que aquele não era meu espaço. Foi fácil entender, porque eu sempre acreditei que, se eu não sentisse que poderia exercer minha profissão dentro da minha comunidade, não valeria à pena continuar, mas foi difícil pensar pela ótica da “perda de tempo”. Não acredito mais em perda de tempo, afinal tudo que vivemos nos transforma profundamente e é necessário. Cada entrada e desistência de curso pra mim foi como uma mola para o autoconhecimento e para autodescoberta.

No ano de 2018, já meio desesperançada e me sentindo “boba” por voltar ao pré-vestibular pela segunda vez, passei com bolsa de 100% para uma universidade particular da cidade do Recife pro curso de Psicologia, no qual me (re)descobri enquanto pessoa, humana, profissional e tudo que há. Incrivelmente, saí totalmente da área de exatas e de linguagem para um local totalmente diferente. E, mesmo apenas aos 20 anos, eu me sentia velha demais para entrar de novo em uma graduação.

Não dá para não falar da Psicologia, um curso que me questiona todo diazinho, mesmo que nas férias, mesmo que longe, mesmo que eu não queira. Um curso que alterou a minha forma de olhar para a vida. E cansa. Cansa entender, ouvir, pensar no outro lado, questionar, repensar, pensar no que falar, em como falar, em como me aproximar. Cansa entender que não é sobre mim, que muitas coisas não são sobre mim. Todavia, tudo isso é necessário, e eu o faço devagarinho, todo dia um pouco, desatando nós com as mãos atadas para conseguir ser comigo e, assim, estar com o outro.

No ano seguinte, descobri o Programa Internacional Despertando Vocações, que me ajudou a me mover dentro do mundo acadêmico, mostrando-me as diversas possibilidades que o universo laboral poderia me ofertar. Eu me apaixonei novamente pela sala de aula, mas dessa vez por outra ótica, pelo olhar da Psicologia. Ministrei um minicurso intitulado “O cuidado de si e o cuidado do outro a partir da perspectiva Foucaultiana” e, por meio dessa vivência, vi tudo quanto o PDV podia e pode me fazer crescer enquanto pessoa e profissional.

A partir desse instante, vi que não tinha idade para descobrir aquilo que eu amava fazer, e que eu poderia inspirar outros jovens a ter a mesma descoberta, inclusive meninos e meninas oriundos do mesmo lugar que eu. Finalmente, eu poderia me capacitar para fazer aquilo que eu gostava dentro da minha comunidade, poderia trazer

mais dos meus pra ocupar os assentos nas universidades públicas e privadas deste estado, além de ver mais pessoas pretas ocupando espaços de poder, já que essa é uma realidade tão distante ainda no Brasil.

A família do PDV me acolheu e me abraçou como nunca antes havia acontecido dentro de um programa acadêmico; tive oportunidades ímpares, como ser uma das organizadoras do I Congresso Internacional de Ciências da Saúde, no qual eu pude aprender lições incríveis enquanto organizadora e profissional, visto que tive acesso a cursos da minha área, a pesquisadores e a estudantes com os mesmos interesses que eu: ser profissional para servir à sociedade.

Toda vez que levanto de manhã e vou para as mil atividades acadêmicas que faço, lembro que, para que eu estivesse ali, há muita gente trabalhando lá fora. Inclusive minha, que nunca deixou de me apoiar, ajudar e estar comigo em todas as decisões da minha vida, que chora o meu choro e sorri meu sorriso do meu lado. A melhor e mais generosa pessoa que já conheci. Falo da minha família como quem fala de reis e rainhas que me guiaram até o lugar onde estou hoje e para os voos que ainda vou alçar, porque, na verdade, são minha realeza.

Chegando ao hoje, trabalho com crianças com Transtornos do Espectro Autista (TEA) e isso vem me construindo de um jeito que eu nem fazia ideia que poderia acontecer. Aprendi sobre diferença; o transtorno pode até pode ser o mesmo, mas cada criança tem uma forma única, a sua singularidade. Atendo neném que reconhece diferenças mais rápido que eu, crianças que escrevem com destreza e contam com mais destreza ainda e adultos que não falam. Cada um tem suas especificidades e dificuldades, exatamente como os ditos “normais”. Quando converso com eles, ouço-os devagarinho (e ouvir é mais que as palavras, é ouvir o choro dos não-verbais, o silêncio dos verbais, os gritos desesperados, os soluços baixinhos, os tapas, mordidas e cabeçadas...) e, depois de ouvir, eu elaboro com eles algo único. Se é uma perseguição, a gente desarma ela juntos; se é um crença de desvalor, a gente revê junto; se é um descontentamento, a gente muda essa chave junto. Aprendi a estar verdadeiramente junto de alguém, inteira como eu nunca estive antes, aprendi a ter paciência.

Eu posso pegar na mão da minha criança e apressá-la para andar, comer, fazer um exercício e outras coisas ou posso acompanhá-la pacientemente, vê-la acertar os passos, vê-la mastigar vagarosamente, vê-la curtir os próprios movimentos (ou fazer tudo isso correndo e na ponta dos pés), a paciência é uma virtude dos diferentes que não precisam correr, porque, como diz muitas vezes a sociedade, eles não vão a lugar nenhum. Que sorte a deles não precisar ir a nenhum lugar, não é? A liberdade de ser exatamente o que se é.

Na minha existência, houve diversas desistências, insistências e muita resistência. Apesar de ser boa escrevendo histórias, é difícil escrever a minha, porém se for pra ficar uma lição de tudo que eu disse é: arrisque-se. Não tenha medo de trocar de curso, de confiar em você, de tentar, pois cada passo é importante e nos constrói profundamente. Além disso, ame. Ame as pessoas, reflita sobre a vida delas, acredite e tente melhorar o mundo em que vivemos. Transforme o universo de alguém e mostre pra quem ainda não sabe que a vida é mais do que só aquilo que se vê. Caminhemos com a força do vento em nossas pernas, para que nunca falte leveza para continuar; a dureza das pedras em nossas mãos, para que nunca falte força pra construir; e com a moleza das águas em nosso coração, para que possamos nos moldar ao amor que o mundo precisa. Sejam atrevidos.

KLEBER DANYLO MENDES DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.53-56>



Astronauta!

Meu primeiro sonho de infância era ser um astronauta, uma missão quase que impossível para quem nasceu preto, pobre e no Brasil. Imaginar as estrelas e a imensidão do universo sempre foi algo que me despertou muita curiosidade, e já que olhar o céu é olhar para o passado, resolvi falar do meu passado. Bem, além do meu fascínio pelo céu, duas coisas sempre foram constantes em minha vida, a música e a tecnologia. Eu tinha 14 anos quando eu fui chamado a partir de um sorteio para conhecer uma escola chamada SAGA, uma escola muito famosa na área de designer gráfico e games. Fui visitar essa escola com a minha mãe, e chegando, lá o rapaz nos apresentou e falou o valor da mensalidade; minha mãe quase que caía para trás, pois minha mãe, nessa época, trabalhava em um hospital na parte de serviços gerais e meu pai era pintor. Eu, indignado, engoli o choro até em casa e falei para minha mãe que estava tudo bem. Quando eu cheguei em casa, deitei na minha cama, me enrolei no lençol e chorei a noite inteira.

Depois, com 16 anos, fui fazer uma entrevista para o programa de jovem aprendiz, e minha mãe, como sempre, estava lá comigo. Chegando lá, fiz uma prova e o entrevistador me falou que eu não passei no teste. Eu estava sentado numa cadeira e minha mãe em outra do lado; minhas lágrimas ao receber a notícia caíam numa folha

de papel que segurava como uma pedra. Era como se eu não tivesse o controle, e foi o momento que eu me senti mais burro na minha vida.

No terceiro ano do Ensino Médio, pedi para os meus pais para que pagassem um cursinho para mim, e o mais baratinho da cidade era 100 reais. Todos os dias o meu pai brigava com a minha mãe falando que eu não iria passar e que só estava queimando dinheiro comigo, e realmente eu não passei. Porém, eu nunca desisti, e no ano seguinte eu consegui uma bolsa em outro cursinho que era um pouco melhor que o anterior. Era uma bolsa como monitor para conseguir dinheiro para passagem e alimentação. Eu vendia coxinhas e brigadeiro no ônibus quando ia e lá no cursinho para os alunos. No meio do ano eu consegui passar para um curso técnico no IFPE - Instituto Federal de Pernambuco, mas ainda não era o que eu queria. Certo dia, nesse cursinho que eu era monitor, um professor chegou para mim e falou que o meu cabelo era de poodle. Sim, poodle, aquele cachorrinho. Eu nunca mais esqueço disso, pois aquilo me provocou uma ferida tão grande que até hoje ainda não superei.

Eu nunca mais apareci novamente naquele cursinho, simplesmente bloqueei todos. Mas eu precisava de algum lugar para me desenvolver, foi quando conheci os pré-vestibulares gratuitos da UFPE - Universidade Federal de Pernambuco. O VS - Vestibular Solidário foi um local que me acolheu e me ensinou muita coisa, e como resultado, consegui passar para dois cursos superiores: Medicina Veterinária e Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Chegando no curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas, tive contato com a cadeira de empreendedorismo com professor Erick Viana, que foi como um pai para mim. Todos os debates eram empolgantes, e nas aulas sempre sentia que havia algo mais para aprender. Não demorou muito para que eu me aproximasse do Programa Internacional Despertando Vocações (PDV), que conheci através do I9, onde haviam vários minicursos. Eu senti que precisava somar e aprender com as pessoas que realizavam o PDV, pois eram alunos que nem eu. A possibilidade de realizar uma internacionalização sempre me atraiu; escutei vários relatos de alunos ex-participantes e participantes do programa de como eles conseguiram ter essa experiência.

Nisso, recebi um convite para desenvolver um trabalho de pibic a respeito do empreendedorismo. Eu nunca havia realizado um trabalho científico, nem sabia como fazer. No desenvolvimento deste trabalho, entendi o real tamanho do Instituto Internacional Despertando Vocações e como ele surgiu, e que não era apenas uma coisa local do Instituto Federal de Pernambuco campus Recife. Era muito maior do que eu poderia imaginar, era uma rede de cooperação entre alunos e professores, que buscavam o conhecimento e a oportunidade.

Dentro do IIDV, me desenvolvi e realizei vários Networks, como professora Simone, que foi minha orientadora no segundo trabalho científico que desenvolvi e o meu grande amigo Guilherme, que me quebrou vários galhos e me ajudou a publicar artigos e ir ao Cointer apresentar comigo. Também passei várias noites sem dormir em reuniões para solução de problemas com meu colega de turma Samuel, que também faz parte do Instituto. Era trabalhoso, mas divertido; tínhamos contato com coisas que a gente não via no curso ou que até via, mas não aplicava, e no PDV podíamos aplicar os conhecimentos.

Ser empreendedor não é uma tarefa muito fácil, pois exige autonomia, resiliência, paciência, uma boa ideia, pessoas para te ajudarem, dinheiro, sorte e várias outras coisas. Eu consegui pelo menos ter um desses atributos, que foi autonomia, que eu desenvolvi e aprendi no IIDV. Abrir uma microempresa junto com a minha irmã no ano de 2020, aproveitando uma oportunidade que surgiu para trabalhar como designer nas eleições. Abrimos a Afro Produtora, e nossa intenção é atender uma demanda digital de criação de conteúdo audiovisual, e no futuro criação de sites e sistemas.

Meus planos do momento são conseguir uma internacionalização para ampliar meus horizontes e concorrer às melhores vagas de trabalho ou conseguir desenvolver ainda mais essa microempresa com a minha irmã. Não são tarefas muito fáceis, mas eu sei que eu sempre vou poder contar com os companheiros que conheci ao longo da minha jornada Instituto Internacional Despertando Vocações.

Fiquei com a minha paixão pela tecnologia, que agora já é uma relação de amor e ódio, e creio que todo programador tenha um pouco dessa relação. Meu segundo refúgio e a música e a poesia, então irei finalizar com uma poema.

Habito uma pele que descascar, descascar e arrebatata.

A pele em que habito descascar, descascar e arrebatata.

Meus ancestrais não foram descascados nem Arrebatados

Mas foram lapidados sem direito a lápide nem à memória.

Na efemeridade da vida Negra a alma não habita

E vadiagem era sinônimo crime.

Mas em verdade vos digo

Sincretismo, catolicismo e capitalismo querem pintar eu,

Você, Jesus e orixás de branco.

Até quando 80 tiros vão ser engano?

Reparação histórica tá que nem caviar

Nunca vi nem comi, eu só ouço falar.

Tá mais fácil ir para o orum perguntar para oxalá

Se um dia esse sofrimento acaba, será?

Uma negra e uma criança nos braços solitários na floresta de concreto e aço

O elevador e quase um templo exemplo pra minar meu sono.

Do alto da torre Miguel caiu, mais uma vítima do racismo.

E eu sobrevivo.

MARIA EDUARDA SANTANA BARRETO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.57-61>



As incríveis inspirações

Nascida em 21 de junho de 2000 na cidade de Limoeiro, filha de Luciene Maria de Santana e neta de Maria Lucia da Conceição. As duas mulheres mais incríveis que já conheci em toda minha existência. Sou Maria Eduarda Santana Barreto, residente da cidade de Lagoa de Itaenga no estado de Pernambuco. Tive o prazer de ser criada nesta cidadezinha pequena, porém, meus sonhos e objetivos iam muito além dos limites da cidade. Morei toda a minha vida com minha avó materna que sempre me incentivou a estudar, e tanto ela como minha tia, Severina Maria de Santana me criaram como filha e nunca mediram esforços para me ajudar em tudo que eu precisava. Mesmo sendo de família humilde, nunca medi esforços para correr atrás dos meus objetivos e seguir meus sonhos. Nestas páginas vou narrar um pouco da minha trajetória, que mesmo conhecendo melhor do que ninguém é um desafio contar esses momentos jamais esquecidos.

Fui criada em Lagoa de Itaenga, a capital do coco-de-roda, cidade bastante rica culturalmente devido à diversidade de artistas que existe. A cidade tem seu nome de origem indígena, pois aqui existia uma lagoa, uma grande pedra (ita, na língua tupi-guarani) e uma vegetação brava (Enga, também do tupi-guarani), juntando-se a palavra ita+enga, formando, assim, o nome da cidade. Como cidadã Itaenguense pude desfrutar

do ensino da escola Municipal João Vieira Bezerra, escola muito conhecida em minha cidade onde estudei durante meu Ensino Fundamental.

Sempre uma aluna muito quieta e calada, tanto no Fundamental quanto no Médio, nunca fui de dar trabalho aos professores. Durante o meu Ensino Fundamental, tinha muita admiração por algumas professoras, em especial a professora Stefani Severo, pelo fato dela fazer seu trabalho com muito amor. Stefani foi uma de minhas professoras mais queridas de todo o Fundamental, e pelo que meus colegas me falavam, ela também era a professora preferida deles. Não posso esquecer-me da professora Stella, professora de ciências que também foi uma de minhas inspirações. As poucas idas ao laboratório da escola com a professora renderam boas experiências e ótimo aprendizado, e a primeira vez que estive em um laboratório foi acompanhada por ela.

Ver essas professoras ministrarem suas aulas só reforçava o que eu já tinha em mente: um dia quero ser professora e poder fazer meu trabalho com muito amor e carinho. No ano de 2015, entrei para o Ensino Médio em um novo colégio, o Tristão Ferreira Bessa. No Ensino Médio, a ideia de me tornar professora foi ficando distante por ser um momento em minha vida em que eu já não pensava tanto nos meus objetivos como antes. Nas feiras de profissões, eu sempre optava por escolher profissões que passavam longe da de professor, porém ainda com muitas incertezas do que eu realmente queria para minha vida.

Meus professores, ao longo do Ensino Médio, davam o seu melhor para que nossa aprendizagem fosse garantida, mesmo com as dificuldades encontradas na escola. Entretanto, na maioria das vezes, as aulas não eram tão interessantes, e eu acabava por muitas vezes nem prestando atenção, principalmente nas disciplinas de exatas. Em 2016, no segundo ano do Ensino Médio, surge uma nova professora na escola, professora essa que tinha acabado de terminar sua graduação em Licenciatura em Química no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), trazendo novidades para os alunos na disciplina de Química. Mesmo não contendo um laboratório apropriado de Química na escola, a professora trouxe experimentos e novas metodologias para a sala de aula.

A partir deste momento, eu e meus colegas passamos a ter um novo olhar para a disciplina de Química. Olhar este que também despertou meu interesse pela profissão de professora, especificamente professora de Química. Em 2017, no último ano do meu Ensino Médio e na busca pela vaga em alguma universidade, minhas incertezas

relacionadas a que curso seguir ainda existiam, mesmo tendo a área da química como opção. Então é aberto o processo de inscrição para os cursos do Instituto Federal de Pernambuco em Vitória de Santo Antão, ao qual já tinha ouvido falar, através da professora que me deu aula no segundo ano do Ensino Médio.

Com a persistência de alguns amigos e familiares decidi me inscrever no vestibular e optei pelo curso de Licenciatura em Química, porém sem muitas esperanças. No dia da prova minha confiança era zero, pois eu não havia me dedicado o suficiente para realizá-la. Depois de algum tempo o resultado do vestibular saiu, a aprovação me deixou surpresa, eu realmente não estava esperando. Minha felicidade foi gigantesca, mesmo conhecendo muito pouco do curso. Ingressei no Instituto Federal de Pernambuco no ano de 2018, sendo algo muito novo para mim, tendo algumas dificuldades em certas disciplinas, pois como nem tudo são flores, a base não tão boa que tive durante minha vida escolar culminou nas minhas dificuldades em relação às disciplinas na faculdade.

Durante um período, pensei em desistir do curso quando me deparei com algumas reprovações, pensei em procurar outra área, e pensava que aquele curso de Licenciatura em Química não era para mim. Porém, com a ajuda de amigos e parentes que me incentivaram, decidi permanecer no curso. Em 2019 resolvi entrar no PDVL, ano em que decidi fazer parte deste programa tão bem indicado pelos meus colegas. Ao ingressar no PDVL muitas portas do conhecimento se abriram para mim, os pensamentos de desistir do curso já não me visitavam mais. Um novo e surpreendente despertar acabou me incentivando ainda mais. A recepção ao entrar no PDVL não poderia ter sido melhor, fui recebida de braços abertos por todos.

Chegando ao programa, era hora de escolher um Grupo de Trabalho (GT), o que particularmente foi muito difícil para mim, já que os grupos de trabalho eram todos bem interessantes. Depois de pensar muito, cheguei à decisão de participar do GT de experimentos investigativos que se sobressaiu dentre os demais, pelo fato da investigação me soar bastante interessante, principalmente envolvendo experimentos de química. No programa participei de atividades que só fizeram agregar neste meu processo de formação. O que mais me marcou no programa foi a palestra da professora e pesquisadora Ana Maria Pessoa de Carvalho, que aconteceu na Universidade Federal Rural de Pernambuco, experiência que jamais esquecerei, foi realmente uma palestra

memorável. Foi incrível assistir a palestra de uma pessoa com tanto para oferecer. Foram essas e outras atividades que me fizeram continuar fazendo parte deste programa, pois mesmo sabendo de todos os entraves que giram em torno da profissão de professor, é gratificante saber que poderemos criar pontes entre os alunos e o conhecimento.

Ao entrar no PDVL, tive essa concepção de professor, o programa honrou o nome e despertou um lado em mim que eu ainda não conhecia. As atividades oferecidas pelo programa têm total importância na construção da minha profissão. No programa pude contribuir no despertar de outros jovens para a Licenciatura em Química, mostrando que essa ciência não é abstrata e sim que está presente em toda parte.

Estamos em 2020, passando por uma pandemia, um momento muito delicado. A minha vida acadêmica mudou completamente, confesso que se adequar neste novo formato de ensino não está sendo fácil. Notei que em meio a essa situação os professores tiveram que se reinventar para que o conhecimento possa ser compartilhado com os alunos da melhor forma possível. Desta maneira, fica claro que ser professor é se adequar a cada situação. Viver esta experiência só reforça que não estamos falando de uma profissão fácil, nós temos que ter sempre uma carta na manga, pois nunca sabemos o dia de amanhã, são esses desafios que mostram que ser professor é fazer seu trabalho com amor, é estar preparado para passar por muitas situações que exigem muito.

Ainda falta um bom tempo para que eu possa terminar o curso, porém, já tenho a compreensão de que estas práticas que estou vivenciando durante minha formação acadêmica estão centradas na construção do saber. Estou vivenciando e aprendendo um novo fazer pedagógico que vai de contrário com aquele vivenciado na minha vida escolar, enquanto aluna do ensino básico. As lutas e desânimos sempre vão existir, mas sei que não posso desistir, pois tenho certeza que o final será surpreendente. Sinto-me muito feliz em ter tido todas as inspirações e apoios que precisei ao longo de todo esse tempo. Sei que tenho muito a aprender e que a minha jornada acadêmica não termina aqui, visto que os meus objetivos vão além da formação de docente em graduação.

É interessante que, ao rememorar todos esses momentos, me bate uma saudade gigantesca das minhas professoras e dos meus amigos do Ensino Médio, em que tive momentos incríveis ao lado de pessoas incríveis. Posso dizer que eu soube aproveitar

cada momento dessa fase que passou e só me deixou saudades, porém a mudança e evolução são necessárias. Espero ter o prazer de voltar novamente às escolas em que eu já estudei, não mais como aluna, mas sim, como professora, e poder ministrar minhas aulas, compartilhando com meus alunos o saber.



MARIA GRASIELLY DA SILVA NASCIMENTO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.62-65>



Uma trajetória de lutas e muitos sonhos sendo realizados

Meu nome é Maria Grasielly da Silva Nascimento, nasci em 19 de dezembro de 2001, sou filha de Sandra Maria Moura da Silva Nascimento e Josildo Sebastião do Nascimento, e a irmã mais velha de Maria Gabrielly da Silva Nascimento, os amores da minha vida. Poderíamos ser em torno seis, mas, infelizmente, minha mãe, em sua primeira gestação sofreu um aborto, e em sua última gestação o seu bebê veio a óbito em apenas seis meses de gravidez; mas tudo acontece na permissão de Deus. Moro com o meu companheiro Jaildo Pacheco da Silva, em Passira-PE, conhecida como a terra do bordado manual, onde passei minha infância repleta de alegria, nesta cidade.

Meus pais não concluíram os estudos, mas sempre me incentivaram, e ainda incentivam, sempre mostrando a importância dos estudos para as suas filhas, para que possamos ter um futuro melhor, pois eles não tiveram a oportunidade de terminar os estudos deles. Meu pai trabalhou desde cedo e não concluiu o Ensino Fundamental e minha mãe ajudava em casa e não concluiu o Ensino Médio. Hoje em dia meu pai tem a profissão de pedreiro e minha mãe é dona de casa, e sempre deram o melhor deles para nos educar. Sempre me dediquei aos estudos desde pequena, de ir à escola, ser uma boa aluna. Sempre fui aluna de rede pública, pois os meus pais não tinham condições de pagar uma escola particular para as suas duas filhas.

Comecei a minha trajetória acadêmica com apenas três anos em uma escola do município de Passira, e terminei o meu Ensino Fundamental na mesma, e no 9º ano, na disciplina de Ciências, tive o primeiro contato com a matéria de Química, o que despertou muito a minha atenção. Eu não tinha visto profundamente sobre a Química, era apenas o começo, mais já achei bastante interessante.

Com 14 anos entrei na escola estadual Cônego Fernando Passos, onde concluí o meu Ensino Médio, e também conheci muito sobre Química durante esses três anos. Minha professora do Ensino Médio, Sandra Soares, mesmo sendo formada em Biologia, mas com uma especialização na área da Química, explicava os conteúdos muito bem, e sempre durante as aulas, despertando minha atenção e interesse para a Química.

Desde o 2º ano do Ensino Médio já queria ingressar no ensino superior para o curso de Licenciatura em Química, e sempre fui fascinada no jeito que os professores passam conhecimentos para os alunos, e no momento em que meus colegas tinham dúvidas em relação ao conteúdo de Química, eu repassava para eles o meu conhecimento e eles compreendiam, o que me deixava muito feliz por ter repassado o meu conhecimento para o próximo. Através da minha tia, fiquei sabendo que no IFPE, localizado em Vitória de Santo Antão, tinha o curso de Licenciatura em Química, e junto com colegas de turma realizamos nossos pedidos de isenção.

Logo após a inscrição para o Vestibular, no momento em que eu fiquei sabendo que passei no vestibular do IFPE, e principalmente no curso que eu desejava, foi um momento de muita felicidade para mim e para todos que acompanharam a minha trajetória de estudos e sabiam o quanto eu gostava de Química, os meus pais ficaram muito felizes e orgulhosos por ter uma filha que iria fazer faculdade e estava realizando um dos seus sonhos, e para mim isso era a realização de um sonho, que finalmente estava conseguindo concretizar.

Em 2018 estava começando o início da minha trajetória no IFPE, Campus Vitória de Santo Antão, e desde do primeiro dia de aula já sabia que tinha escolhido a carreira certa, e que ao decorrer desta trajetória encontraria muitas dificuldades, mas a minha vontade de seguir em frente foi muito maior do que as dificuldades que estavam surgindo.

No primeiro mês tive a oportunidade de ouvir falar sobre o PDVL, que é um programa voltado para a iniciação científica, e fiquei simplesmente fascinada por este

programa, pois o seu principal objetivo é desenvolver ações que auxiliem no despertar do interesse para os cursos de Licenciatura. Porém, no dia que eu soube sobre este programa, foi à noite e estava na faculdade, e era o último dia de inscrição, e infelizmente não iria ter como eu poder fazer a minha inscrição, pois chegava tarde em casa e estava sem internet. Depois de algumas semanas abriram as inscrições novamente, pois uma grande quantidade de alunos estavam na mesma situação que a minha, queriam participar do PDVL, mas não conseguiram se inscrever a tempo. Nesta segunda inscrição que abriram, consegui me inscrever, fiz a seleção e fui aprovada, sendo mais uma conquista na minha caminhada discente.

Inicialmente, me inseri no grupo de trabalhos de jogos, já que sempre fui fascinada por essa área, pois na escola que estudei meu Ensino Médio, alguns alunos que participavam do PDVL aplicavam jogos em relação aos conteúdos e eu percebia como isso me ajudava, e também ajudava os meus colegas a compreenderem melhor o conteúdo trabalhado na sala de aula, sem falar que a aula fica muito mais interessante.

Após ter me inserido no grupo de trabalhos de jogos, começaram as reuniões e ações nas escolas parceiras, tendo a oportunidade de voltar para a minha antiga escola, onde estudei o meu Ensino Médio. No primeiro dia que tive a oportunidade de fazer intervenção, foi um sentimento inexplicável, pois tive uma sensação diferente ao entrar na sala de aula, me senti diferente, de outra forma, pois eu estava lá para proporcionar saberes novos, onde um dia eu também aprendi. Depois de alguns meses, entrei, também, no grupo de trabalho de experimentos investigativos, onde era tudo novo para mim, pois no início da graduação senti muitas dificuldades em relação aos experimentos, já que nunca tinha presenciado um, e foi aí que percebi que esse GT iria me ajudar muito em relação a prática e suas abordagens.

O PDVL demonstrou, desde o início do curso, coisas maravilhosas, em que pude pela primeira vez ir em uma escola como docente em formação, pois é muito importante para nós como futuros professores saber o que vamos enfrentar depois que terminarmos o curso, e também aos métodos que podemos adotar para facilitar a aprendizagem dos nossos alunos, podendo observar as dificuldades encontradas pelos professores, principalmente, no início de sua formação. Está sendo um programa que me proporcionou o conhecimento científico, onde eu aprendi a fazer artigos científicos. No meu 2º período consegui uma bolsa PIBIC - Programa de Iniciação Científica pelo

CNPQ, e também sou membra do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências (GEPEC-IFPE), e assim aumentando ainda mais o meu desejo de continuar no curso e seguir em frente em minha carreira de docente.

Em meu 2º período da graduação tive a oportunidade de participar de um congresso como o CONEDU e o COINTER, e também tive a oportunidade de participar como comissão organizadora do COINTER PDVL, que é um congresso internacional, que busca contribuir para o seu aprendizado e para sua vida acadêmica. Tive uma experiência incrível com bastante aprendizado; tive o meu trabalho premiado em primeiro lugar na modalidade de pôster. Naquele momento, fiquei sem acreditar e agradeço muito ao PDVL por ter me mostrado esse caminho científico, me ajudado na escrita, me ensinado os componentes para construir um bom artigo, e por me mostrar a importância de tudo isso em minha vida acadêmica.

Agora em 2020.2 fui aprovada no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), voluntária do programa, e continuo participando do grupo de trabalho de jogos e de experimentos investigativos, onde estou me empenhando cada dia mais, e só tenho a agradecer às pessoas que compõem o grupo do PDV. Essas pessoas são muito especiais, dedicadas e buscam sempre ver o seu maior desempenho. Sou grata, também, à minha orientadora, pois através dela conheci o PDV, onde cresci como pessoa e profissionalmente, e por sempre acreditar em mim, no meu potencial, por me apoiarem no meu crescimento acadêmico. Só tenho a agradecer, pois o PDV foi um elemento essencial em minha vida, agradeço a todos, inclusive a Deus e às pessoas que fazem parte da minha trajetória, que acreditam em mim e que sempre me apoiaram desde o início, que foi a minha família, pois isso foi essencial para isso tudo acontecer.

Sei que meu percurso é extenso, tenho muito a batalhar para concluir o curso, ser uma ótima profissional e pôr em prática o que eu aprendi durante a minha formação no programa; mostrar a Química para os meus futuros alunos de forma diferente e dinâmica para que venha despertar neles a vontade de ingressar nesta profissão. Tenho muitos sonhos, inclusive em passar em mestrado, doutorado, concursos públicos, entre diversos outros sonhos, e sei que com fé e bastante dedicação, aos poucos vou alcançando cada um deles.

MARIA LETÍCIA SOARES DE LIMA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.66-69>



“A vida é o que é quando estamos distraídos fazendo outras coisas”

Falar de si não é uma tarefa fácil, escrever sobre minha caminhada até aqui, olhar para trás e perceber que para uns parece pouco, mas cheguei tão longe sem imaginar metade. Então, sem demora, venha cá, conhecer minha história para juntos prosear.

Me chamo Maria Letícia Soares de Lima, tenho dezenove anos de carreira solo nesse mundo, sou a terceira de quatro irmãs, sou filha de Maria do Carmo de Lima e Gilberto Soares de Lima, agricultores que aprenderam com a vida o lado bom e ruim de brincar de viver. Venho do interior de Pernambuco, mas especificamente da zona rural de Salgadinho, e meus pais, pessoas mais importantes e influenciáveis em todas minhas pequenas conquistas até hoje, sempre viram a educação como um ponto chave para as oportunidades.

Desde pequena tive uma vida que não tenho do que reclamar. Meus pais sempre foram os responsáveis por permitir que eu tivesse a educação que tenho, mas não foi na cidade que resido que iniciei meus estudos, foi em Jaboatão dos Guararapes, na escola Henriqueta de Oliveira que iniciei minha formação básica. Como meus pais tinham família em cidades diferentes, tal motivo me permitiu muitas mudanças até meu

quarto ano de Ensino Fundamental e até que por muito mudar, ficamos em Salgadinho até os dias atuais.

Cidadezinha pacata de poucos habitantes, mas que traz muita riqueza de conhecimentos. Costumo dizer que moro onde o vento faz a curva, por ser uma cidade tão escondida, mas foi lá que minha história continuou; pequena cidade que a mim encantou, e foi de verso em verso, que mais uma estrofe se formou, mas e o interesse pelos estudos? Esse só surgiu no Ensino Médio, quando comecei a entender que conhecimento ia além de uma breve leitura, é uma viagem pronta para se aventurar em tempos distintos e cada viagem com um poder incrível.

Ainda no Ensino Médio, vivenciando o protagonismo juvenil que é algo que me encanta, descobri o amor que tenho por escrever, sentimento que cresceu a cada dia que fui percebendo que o que está além das palavras é real. Elas expressam mais do que seus significados possam comportar, e foi a contar disso que começou meu despertar por lecionar, mas ainda era algo bem distante para mim.

Quase no final de 2018 abre o vestibular para IFPE, e como estava à procura de oportunidades, estava fazendo um vestibular atrás do outro. Eu não sabia o que queria como opção de curso superior, mas eu tinha a certeza que não queria a área de exatas, pois eu nunca fui muito próxima da mesma e para ser mais específica, eu sempre dizia que se um dia passasse na faculdade de Química eu não iria cursar, mas mesmo assim me inscrevi e coloquei como última opção de curso. No começo de 2019, como realizei apenas as questões de português e a redação da prova no vestibular, deixei a mercê, até porque eu disse que não iria cursar, caso passasse. Entretanto, o destino apronta uma experiência diferente e bem inusitada, distante do que imaginava, mas distância é apenas um traço do nosso destino e eu consegui ser selecionada no sétimo remanejamento.

A persistência de querer algo a mais me fez desfrutar do desconhecido e iniciar uma longa trajetória de viagem que dura em média três horas, até mais, dependendo do dia. Saio de casa às 15:00 da tarde para pegar duas conduções para chegar em Passira, cidade vizinha a Salgadinho, que tem ônibus direto para Vitória de Santo Antão. Como moro no sítio, acaba se tornando mais difícil, pois ao retornar do IFPE, o carro me deixa na cidade de Salgadinho e a chegada de à meia noite acaba se tornando perigosa.

Divido casa alugada com outras universitárias e pela manhã retorno à minha casa do sítio. Minha vida mudou em todos os sentidos, em todos os fatores e por modificar muita coisa em tão pouco tempo, se adaptar no início foi bem mais complicado que o normal, ainda tendo que lidar com a frustração de entrar em algo tão diferente para mim.

Porém, eu tinha em mim algo bem maior que a frustração, a esperança, que por algum motivo que eu não entenderia naquele momento, me fez estar ali, e assim foram seguindo meus longos dias de universitária, até que ouvi falar sobre o Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas – PDVL, que é até hoje um dos principais motivos de ter continuado no curso.

Entrei como voluntária na primeira seleção de estudantes de 2019 e com o tempo, a inserção de bolsas para pesquisa e extensão estavam sendo aplicadas a cada estudante e fiquei com uma de pesquisa, que foi um incentivador para começar a protagonizar. Creio que sem a prática não se chega à excelência e foi assim, participando do PDVL, que comecei a me encantar por aquele novo mundo de possibilidades que até então era desconhecido para mim. A datar, fui descobrindo como a Química tem infinitas possibilidades de se inventar e reinventar, é o espectro de cores que traz uma cor nova todos os dias, pois tem sempre o que se descobrir. A curiosidade não é coisa de vizinho, é coisa de químico, pois tudo se indaga e tenta-se solucionar. O PDVL é uma família que me acolheu e me acompanha nessa jornada acadêmica.

No programa, participo de diversos projetos que me induzem a ampliar meus horizontes para a área. Fui comissão organizadora no VI COINTER que ocorreu no Recife, e realizei estudos nos Grupos de Trabalho – GT e a partir desses grupos desenvolvi pesquisa, fiz intervenções juntamente com os demais do programa, podendo ser realizada a vinda de estudantes do Ensino Médio das escolas em que o PDVL atua como extensão. Mostrava-se um pouco da área e dos setores dos Institutos para eles se familiarizarem um pouco com as universidades. Isso tudo me possibilitou uma vasta construção de conhecimentos, ao fazer parte de uma história que traz a oportunidade de transpor os conhecimentos e ao mesmo tempo adquiri-los, possibilitando uma experiência satisfatória de estar no lugar certo e no tempo certo.

Com a vinda de 2020, tudo se tornou mais complicado, mas não menos interessante, e como comecei a ficar sem tempo para me organizar com tantas coisas,

dei uma pausa nos estudos do GT e decidi focar nas disciplinas do curso, pois um dependia do outro para poder acontecer e acabei me desligando superfluamente dos grupos de estudos. Quando me organizei para retornar, veio essa pandemia atual da Covid-19, que veio para mostrar que não importa quem e quanto você tem e é, mas que nas raras exceções, isso não faz a mínima diferença, porque a vida é o que é quando estamos distraídos fazendo outras coisas. Mas a pandemia, mesmo com seus prós e contras, ensina uma coisa nova a cada dia e veio com uma gama de curiosidades em mim. Teve dias em que eu pesquisei; em outros, procrastinei, aprendi e em outros, apenas assisti.

É tempo de mudar sim, de se autoavaliar e se perguntar: é isso que quero? E mais ainda, é isso que não quero? Após tantas mudanças e readaptações, estou me descobrindo no novo mais uma vez e mesmo tarde para o novo, mais uma vez fui na fé, tentei seleção para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID e consegui. Mais uma pequena conquista que modifica minha construção. Não era o que eu queria, não foi o que imaginei, mas tem me feito bem até agora.

Mudar nem sempre significa ter errado, e até os dias atuais se me perguntarem o que quero exercer como profissão, ainda estarei em dúvida. Sempre foi uma incógnita para mim, mas com toda certeza eu mudei meu olhar para a Química, para a arte de lecionar e mais ainda, eu não precisei ir além para isso, apenas experimentei viver, pois a vida é um sopro que muda a qualquer esquina.

MARISA MARINHO FERNANDES VIANA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.70-74>



Simplificar a vida: o melhor remédio para a nossa felicidade!

Nascida em Codó- MA, no dia 07 de outubro de 1975, filha de Manoel Fernandes da Silva e Maria Marinho Fernandes. Meu pai frequentou a escola por 4 meses e minha mãe por 4 anos, e tiveram uma infância muito sofrida e paupérrima na cidade de Timbaúba, no interior da Paraíba. Meu pai ficou órfão muito cedo e teve um trabalho árduo para sobreviver, e minha mãe perdeu o pai aos 12 anos de idade, então, teve que abandonar os estudos para trabalhar, tendo, conseqüente a cultura letrada muito escassa.

Casada desde 1999, tenho uma filha de 9 anos chamada Isabela Fernandes Viana. Eu escapei da estatística de mulheres terem filhos antes dos 20 anos de idade: tive minha filha aos 35 anos e com uma gravidez de Fertilização in Vitro, assistida pelo médico Dr. André Luiz. Foi uma experiência mágica e única em minha vida, e agradeço a Deus pela oportunidade de ser mãe, tentando educá-la nos moldes do caráter, disciplina e boa educação, respeitando o próximo como ser humano digno.

Como tive a maternidade um pouco tardia, consegui viajar um pouco em nosso lindo Brasil, aproveitando os feriados e as férias do trabalho. Passeava com o meu

esposo, muita experiência nova, pessoas diferentes, comida variada, estilo e músicas ecléticas, tudo muito encantador.

Venho de uma família numerosa. Minha mãe teve 9 filhos, e eu sou a caçula, então, foi muito enriquecedor, porque tive como referência cada exemplo das minhas irmãs e do meu irmão. Ao longo do meu crescimento, fui vendo os erros deles e tentando não repetir para sofrer menos, ou melhor, errar menos. A nossa família é conhecida como “a família dos M”; filiação: Manoel e Maria, irmãs: Maria das Neves, Maria do Socorro, Maria do Carmo, Marinês, Marilene, Marlene, Mauricélia e meu adorável irmão: Marcílio.

Quando eu tinha 4 anos de idade, minha família mudou-se para a região Norte do Brasil, Capanema-PA, e morei lá por 11 anos. Estudei numa escola de freiras chamado Colégio São Pio X. Finalizei o antigo 1º Grau, e lembro de uma professora, Irmã Marieta, como era chamada. Ninguém gostava dela, diziam que ela era muito rude, mas, comigo ela era atenciosa e dizia que eu ia ser uma “irmã” muito importante pra a instituição, e logo ela me presenteou com um crucifixo, e eu empolgada com a proposta resolvi passar um final de semana na escola. Foi aí que me deparei com uma solidão profunda; não podia escutar música secular, assistir à tv, não podia namorar (risos)... Na minha casa tinha muita gente, as minhas irmãs sorrindo, contando piadas, dançando, bebendo, cada uma com sua particularidade, eu sentia um aconchego no meu lar, embora, como toda família tem suas disfuncionalidades, mas, no geral, tínhamos momentos felizes e hoje vejo o quanto foi importante pra nossas vidas. Fazíamos todas as refeições juntos, usávamos uma roupa da outra, era um lar bem alegre.

Todavia, com esses ocorridos veio a minha decepção e da irmã Marieta quando falei sobre minhas vontades, como por exemplo: constituir minha família, namorar, noivar, casar, ter filhos, netos e muito mais. Depois disso, ela não teve mais o carinho como antes. Em seguida, fui morar e estudar por 2 anos em Recife-PE, pois meus pais se conscientizaram que era melhor pra mim naquela ocasião. Nesse período, trabalhava o dia e à noite ia estudar, sendo um pouco cansativo, não tinha muito lazer, mas, eu tinha um objetivo em cursar faculdade de Direito, ser uma Juíza e ser professora de Latim. Passados os 2 anos, fui morar em São Luís- MA, onde concluí o 2º Grau e prestei meu primeiro vestibular e fui aprovada no Curso de Letras. Cursei por 1 ano, depois tive que

parar porque não tinha como mais pagar, era uma faculdade particular, na época muito cara, porque era a única na cidade; se fosse hoje jamais aconteceria isso devido à variedade de faculdades e flexibilidade de pagamento.

Ao longo dos 24 anos morei na minha encantadora Ilha do Amor, assim como é conhecida, a única cidade brasileira fundada pelos franceses, muito rica em acervo de azulejos, poetas, como Gonçalves Dias, Artur Azevedo, Bandeira Tribuzi, Josué Montelo, o nosso ex-presidente José Sarney e dentre outros.

Em 2009, retomei os estudos, (vale ressaltar que dentre meus irmãos, eu fui a única que conseguiu cursar e terminar uma faculdade). Minha formação acadêmica foi em Gestão de Pequenas e Médias Empresas, exerci a função por 12 anos, trabalhando com o consumidor final, gerenciando lojas e pessoas, incluindo setores de RH, Contábil, Financeiro e Logístico. Depois parti para outro viés, fui para a psicologia humana. Desde muito nova tive alguns problemas de saúde, inclusive enxaqueca. Foram longas idas e vindas de consultório, exames e nada se descobria o que realmente estava acontecendo comigo. Um belo dia, Deus colocou um anjo na minha vida Dr. Osmir, neurocirurgião, e foi então que ele me falou o que eu tinha: todos esses sintomas eram causados por ansiedade. A princípio duvidei, mas ao longo do tratamento fui percebendo o que as minhas emoções e pensamentos faziam com o meu corpo.

Desde então, tenho feito alguns cursos sobre essa área, inclusive cursando Psicanálise, paralelamente cursando Graduação em Pedagogia e Pós-graduação em Neuropsicopedagogia e Curso de extensão em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Além de MBA em Coaching em 2018, e, recentemente (abril de 2020), “A crise dos Opióides” em Harvard (EUA). Em 2018 em Massachussets (EUA), tive a adorável experiência de como reduzir o stress através da Mindfulness.

Atualmente, tenho ministrado palestras sobre esses temas, foi e é uma área de conhecimento para mim muito satisfatória e compensadora, porque consigo me entender e conseqüentemente posso ajudar pessoas com conflitos internos, traumas e como ter e controlar a inteligência emocional, então eu saí do “campo objetivo de Frederick Taylor, para o campo subjetivo de Sigmund Freud”.

Em 2016, fui tirar umas férias prolongadas, indo visitar minhas 2 irmãs que moram a 14 anos em Massachussets. Até a presente data me encontro neste país que me acolheu de uma forma muito receptiva. Ao passar dos primeiros dias de passeio, me deparei com uma situação desafiadora de morar nos EUA, deixar minha pátria amada Brasil, abdicar de toda uma história de 40 anos em busca de novos conhecimentos, aprender uma segunda língua, viver novas experiências e dar a excelente oportunidade pra minha única filha Isabela de ser alfabetizada na América do Norte, mais especificamente numa cidade pacata chamada Webster - MA (EUA).

Quando cheguei na cidade, mudei completamente minha rotina, fui ser dona de casa, lavar, passar, cozinhar, fazer tarefas domésticas, levar e buscar minha filha na escola e ajudá-la a fazer “homework”. Completado os 2 anos de estada no país, comecei a me desmotivar, as coisas já não mais me seduziam e quando vinha a estação de frio rigoroso que chega até -30º no período de 23/12 à 23/03, eu ficava muito melancólica, abatida, muito desanimada, e então, resolvi trabalhar fora, mas, um trabalho que eu poderia conciliar tarefa doméstica, cuidar da minha filha e ganhar dinheiro e também pra sair um pouco, conhecer novas pessoas e exercitar meu “inglês”.

Quero deixar aqui o meu enorme e caloroso agradecimento ao amigo e colega de trabalho da empresa Gentex e meu professor de inglês, meu adorável Joey Carr. Sem a sua ajuda, com certeza, não teria conseguido perder minha timidez ao falar com pessoas que não participavam do meu ciclo de amizades e foi com essa atitude e incentivo que hoje consigo me comunicar um pouco com os americanos sem fobia de errar e de não ser entendido, com aquela famosa frase “WHAT”?

Obrigada, muito grata a Joey Carr, pela sua paciência e dedicação em me ensinar inglês e também tentar compreender e corrigir-me no idioma. Fico feliz ao saber que existem pessoas como ele, com essa humanidade e respeito ao próximo e não ter discriminação com os estrangeiros, assim como saber que nós estamos neste mundo para aprender, evoluir e que dependemos um do outro para termos conhecimento, para sermos felizes.

Agradecida ainda ao MSc Derek Alves pelo convite de atuação como avaliadora de um projeto na área do empreendedorismo ligado ao “PDV”, bem como, por convites

relativos a novas avaliações e parcerias diversas no âmbito do mesmo. Atualmente, sou associada ao IIDV, e pudemos realizar submissões de trabalhos no COINTER (PDVL / PDVG), eu, como autora principal/coautora de trabalhos enriquecedores.

Chega ao meu conhecimento a importância desse programa, com a perspectiva de poder despertar o interesse das pessoas por cursos de graduação, buscando novos talentos, assim, gestando profissionais qualificados com larga experiência, lançando ainda, esses jovens no mercado de trabalho. E, o projeto Despertando Vocações para o Empreendedorismo: Empresas Juniores no contexto universitário em Recife/PE vem agregar valores para o desempenho profissional, haja vista que, de fato, não precisamos apenas de pessoas boas, mas, de pessoas diferentes. O PDV foi um marco para a minha trajetória acadêmica, isso, considerando que veio para movimentá-la, impulsionando as minhas ações para um direcionamento futuro no âmbito da educação.

Ultimando o meu sucinto memorial, finalizo com uma frase belíssima e sábia de superação: “Seja tudo o que quiser ser, mas, acima de tudo, seja você sempre. A perseverança é a mãe da boa sorte. Paciência e perseverança têm o efeito mágico de fazer as dificuldades desaparecerem e os obstáculos sumirem. Os grandes feitos são conseguidos não pela força, mas, pela perseverança”.

MISAEI TOMAZ DE ARAÚJO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.75-77>



Ser feliz

Meu nome é Misael Tomaz de Araújo, tenho 26 anos, nascido em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. Atualmente, moro com meus pais, o irmão Mario José Da luz Araújo, a irmã Giselia Tomaz de Araújo, e tenho um irmão mais velho que já é casado. Sou estudante da UFRPE, onde faço o curso de Bacharel em Sistema de Informação, e estou cursando o 8º período fatorial.

Desde a infância sempre fui muito curioso em saber como tudo funcionava, a ciência por trás dos acontecimentos e dos fenômenos da natureza. Sempre gostei de tecnologia e como, através dela, tudo funcionava. Apesar de ser amante da ciência, nunca deixei a fé de lado, e cresci em uma igreja evangélica, onde aprendi sobre o amor de Jesus. Até os meus 16 anos, nunca soube realmente o que eu iria fazer da vida; pensei em ser professor de Física ou Matemática, e me passou pela cabeça, também, ser engenheiro mecânico e áreas afins.

Mas, em 2012, aconteceu algo que resultaria no momento no qual vivo hoje. O governo distribuiu para as escolas pequenos laptops, sendo algo incrível para mim, na época. Em um certo dia, um colega meu chamado Diogo me chamou para ver algo no laptop dele: eram uns códigos estranhos escritos no bloco de notas que não faziam o menor sentido. Ele salvou o bloco de notas e abriu o arquivo com um navegador e o que

apareceu me deixou em choque. Na tela do navegador estava escrito meu nome em azul dentro de uma caixa preta. E eu me perguntava como isso é possível? Ele foi mudando as cores e as palavras da caixa, e isso me deixou realmente curioso.

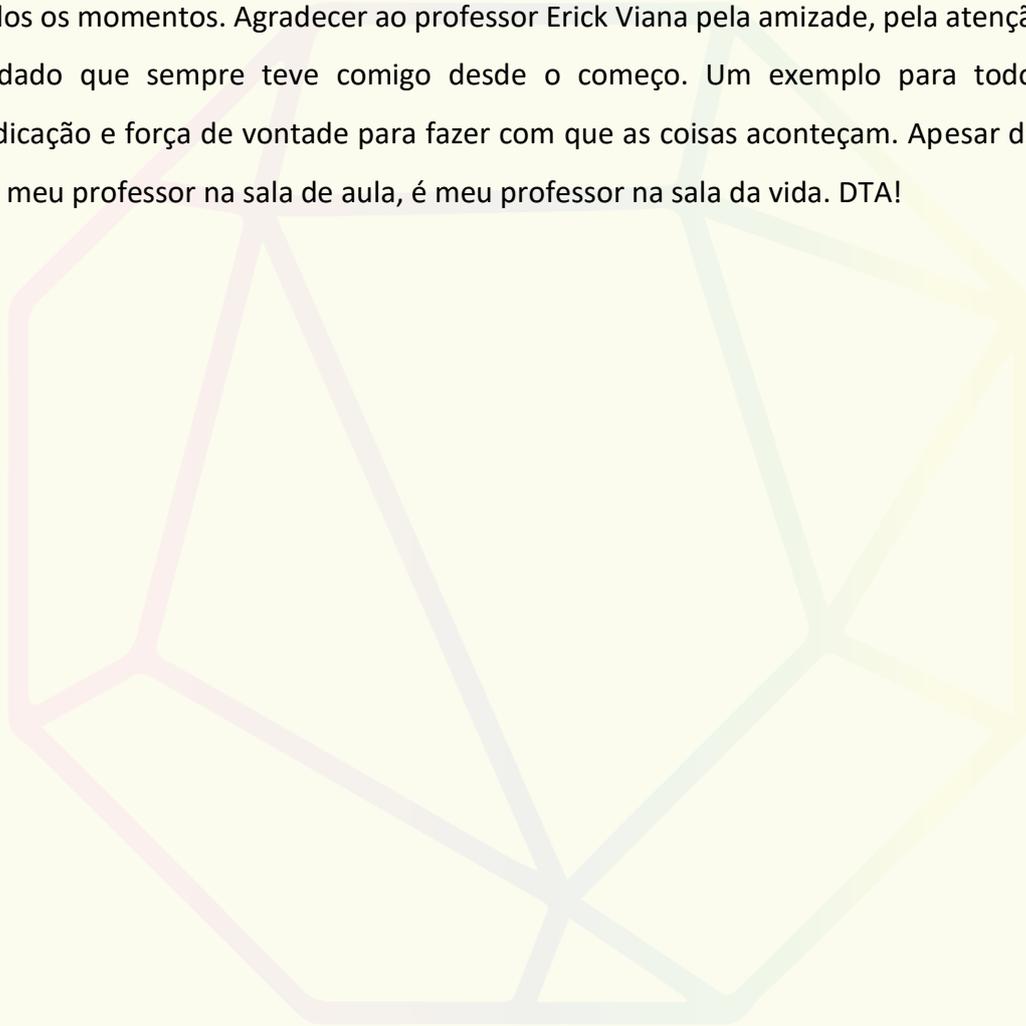
Em 2012, terminei o Ensino Médio e comecei a fazer um curso técnico em Redes de Computadores. Passei um tempo na área de Redes, mas sabia que não era o que eu realmente queria fazer, então decidi começar a fazer o Enem, e depois de quatro tentativas, finalmente consegui passar no curso de Sistemas.

Em setembro de 2018, através de Larissa Amanda, eu conheci o PDV (Programação Internacional Despertando Vocações). Um certo dia, Larissa comentou comigo que o sistema e os sites do PDV foram feitos por um estudante chamado Gabriel Vanderlei. Na hora eu não acreditei e relutei com ela que era improvável. Não satisfeito, pedi a ela o contato do estudante, entrei em contato com ele e acabei descobrindo que eu estava errado. Perguntei se eu poderia participar do programa na área de desenvolvimento e fui aceito. Depois disso, conheci o coordenador geral do PDV, professor Erick Viana e a presidente do IIDV, Dra. Kilma Viana. Resumindo a história, entrei de cabeça no programa e sem dúvida foi a melhor experiência que já tive até hoje. No começo, professor Erick e Gabriel tiveram muita paciência comigo (até hoje têm); todo sistema era feito em PHP, e eu não sabia escrever uma linha em PHP, fui aprendendo no “learning by doing”.

Em 2019, participei do meu primeiro congresso. Foi uma experiência fascinante e assustadora, dormindo apenas 6 horas entre o dia 2 e 5 de Dezembro. Lembro que houve alguns problemas no sistema que fui resolvendo durante o evento. Numa situação em particular, tive que resolver o problema na Sexta, indo para um casamento: imagina eu na mesa das testemunhas com um notebook na mesa e as pessoas ao redor sem entender nada, foi engraçado. Mas era necessário, o erro que corrigi quase custou a perda de todos os dados do congresso. Hoje eu atuo como coordenador adjunto da CTI (Centro de Tecnologia e Informação) do IIDV, e sou responsável pelos sistemas dos Cointers, associados, certificados, todos feitos com o framework Smart Event, desenvolvido pelo coordenador da CTI, Gabriel Vanderlei.

Quero agradecer primeiramente a Deus por tudo que aconteceu e acontece em minha vida. Aos meus pais, que são exemplos de pessoas para mim. Com meu pai aprendi a nunca reclamar do trabalho, e com minha mãe a nunca desistir dos sonhos.

Agradecer à equipe da CTI e HELPDESK, que sempre me ajudam em tudo que preciso, porque sozinho não se vai muito longe. Agradecer à minha namorada Larissa Amanda, que é um presente de Deus na minha vida, uma pessoa maravilhosa. Agradecer ao meu coordenador Gabriel Vanderlei; esse rapaz, que é um gênio, sempre me orientou e me ensinou muito ao longo desses anos. Ao professor Ayrton Matheus, que sempre está nos orientando quanto às tomadas de decisões para o sistema. À professora Kilma Viana, pela oportunidade de estar atuando no PDV, pelos conselhos e pelo apoio em todos os momentos. Agradecer ao professor Erick Viana pela amizade, pela atenção e o cuidado que sempre teve comigo desde o começo. Um exemplo para todos de dedicação e força de vontade para fazer com que as coisas aconteçam. Apesar de não ser meu professor na sala de aula, é meu professor na sala da vida. DTA!



RAUÃ BEZERRA DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.78-82>



Um conto de reviravoltas

Me chamo Rauã Bezerra da Silva, tenho vinte anos e resido na cidade de Gravatá no Agreste de Pernambucano. Sou filho de Ivonete Maria da Silva e José Bezerra da Silva, ambos da zona rural. Meu pai é do Sítio da Lagoa do Barro no município de Chã Grande e minha mãe do Sítio do Cumbe, próximo a Cachoeira das Palmeiras em Gravatá. Sou o caçula de três filhos; meu irmão do meio com 23 anos se chama Ramon e minha irmã mais velha com 26 anos de idade se chama Ramony.

Mesmo não acreditando em nenhuma religião completei todo o meu Ensino Infantil e metade do Ensino Fundamental I em um colégio católico da cidade. Fui um aluno bolsista e era considerado o melhor da turma na disciplina de Matemática, na qual sempre tive muita facilidade com os cálculos, e por essa razão não me lembro de precisar da ajuda dos meus pais para fazer as tarefas de casa. Foi nesta fase da minha vida que a minha família me incentivou a ser professor, o que não quer dizer que eu gostava de assistir aula, pois sempre fui conhecido na vizinhança por ser o garoto que vivia fugindo da escola, pois achava muito tedioso passar a minha manhã dentro de uma sala de aula e foi por essa razão, no término do meu Ensino Fundamental, que quase reprovei por falta.

Na minha infância, eu brincava na rua com as outras crianças do bairro, mas preferia ficar em casa brincando com jogos de montar, tabuleiro ou assistindo TV, e

também gostava de me divertir com o meu primo Mateus. Fazíamos tudo juntos e até hoje somos muito próximos.

Ao terminar o Ensino Fundamental I, os meus pais me transferiram para a rede pública, onde passei a estudar na Escola Estadual Aarão Lins de Andrade. Me recordo que a quinta série foi um pouco mais difícil a adaptação, pois eu era muito tímido e não fiz amizades rápido, o que me levou a sofrer bullying no começo deste ano letivo. Foram muitas aulas perdidas em decorrência do abuso que sofria, e cheguei a levar alguns tapas e socos, não levando a situação até a direção por medo de ser punido também. Todavia, neste mesmo ano, conquistei uma de minhas maiores amizades e foi por conta dela que passei a ter mais motivação para ir à escola. Natália e eu vivíamos colados na sala de aula e no intervalo, sorriamos de tudo.

Na sexta série mudei de turma, pois a gestão da escola me colocou na turma A. Este ano foi menos tumultuado porque fiz mais amizades. No ano seguinte, na sétima série, fiz muita bagunça, deixei de ser o menino tímido e passei a ser o bagunceiro junto com meus outros três amigos, Tiago, Daniel e Raul. Nós quatro fugíamos da escola para poder jogar vídeo game em uma *lan house* próxima e foi o ano em que mais vivi aventuras faltando as aulas e pulando o muro da escola. Foi neste mesmo ano que fiz as provas da OBMEP e passei nas duas fases, sendo um dos três na cidade de Gravatá que conseguiram, resultado que me fez escapar da reprovação.

Na minha oitava série fui separado novamente dos meus amigos, pois fui o único dos quatro que conseguiu passar de ano, o que me fez ter menos interesse em assistir aula, uma vez que, eu não podia estar mais com meus amigos e não gostava das pessoas da minha nova turma, sendo um dos piores anos de todos. Tive muitas faltas nas aulas, me envolvi em um jogo virtual e, entre outros problemas, desenvolvi depressão.

Não tenho muitas lembranças deste ano, pois ele se resumiu em passar o dia olhando para a tela de um computador, o que causou preocupação em meus pais que sempre me perguntavam se eu estava sofrendo bullying na escola, mas nunca me abri com eles. No fim do ano, não consegui entrar na escola técnica que tanto queria, pois não havia me preparado e fiquei de recuperação em quase todas as disciplinas, mas posteriormente fiz as provas e consegui passar.

Faltava apenas a prova final de Ciências, e quando cheguei na sala não tinha ninguém aplicando a prova, então fui na sala dos professores e quem me atendeu foi a professora “Mocinha”, que me deu um conselho que nunca mais esqueci. Ela era minha professora de Português, contei que faltava apenas esta prova para ser aprovado, então ela ligou para o professor de Ciências e eles concordaram em me aprovar. Depois ela me chamou para dentro da sala e me disse: “nós aprovamos você porque acreditamos no seu potencial, vá para a escola de referência e assista as aulas de lá”. Foi uma frase simples, mas que me fez derramar uma lágrima dos meus olhos.

No ano de 2015 iniciei o Ensino Médio, onde comecei a me interessar em assistir as aulas, e as minhas notas melhoraram, tendo poucas faltas no meu boletim. Foi neste ano em que passei a realmente gostar de estudar e fiz mais uma grande amizade que dura até hoje, Thiago. Vivíamos sempre tão colados na escola que alguns colegas desconfiavam que fôssemos um casal.

Então o primeiro e segundo ano se passaram com toda aquela energia que qualquer estudante de Ensino Médio tem. No terceiro ano já estava bastante ansioso para acabar o ano e entrar na Universidade; eu estudava em tempo integral e à noite cursava o pré-vestibular com minha colega Maria Aparecida (Cidinha) - in memoriam -, onde estudávamos juntos desde o Ensino Fundamental, mas somente neste momento nos permitimos uma aproximação e foi uma amizade única que foi fortalecida pelo tempo que passávamos juntos, tanto na escola, quanto no pré-vestibular. Infelizmente seu fim foi trágico, ela morreu com uma das piores doenças que podemos ter, a depressão.

Em 2017 passei um dos anos mais estressantes e acabei descontando esse estresse nas pessoas ao meu redor. Novamente passei a faltar muitas aulas, discuti com vários professores e funcionários, inclusive, a diretora da EREMPAF (Escola de Referência em Ensino Médio Professor Antônio Farias). Mesmo assim, consegui concluir o ano com êxito e comemorei a formatura em uma viagem com a turma da escola para Pipa, no Rio Grande do Norte. A viagem foi maravilhosa, apesar de ter perdido minha carteira com todos os meus documentos e quase R\$ 500,00 nas vésperas da aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio. Felizmente, continha no edital uma cláusula em que podíamos fazer a prova apresentando um boletim de ocorrência em caso de perda de documento.

Nesta mesma época prestei o vestibular do IFPE para o curso de Licenciatura em Química, e fui motivado a fazer este curso no Instituto devido à minha professora do pré-vestibular, pois, nas aulas dela eu ficava bobo com a forma como ela ensinava e como gostava do que fazia, por isso decidi pelo curso.

Logo no fim do ano de 2017 recebi de presente de Natal a aprovação no curso de Licenciatura em Química. Nos meses de Janeiro e Fevereiro chegaram os resultados dos outros vestibulares, e havia passado em Engenharia de Biotecnologia e Bioprocessos na UFCG, Licenciatura em Ciências Biológicas na UFPE/CAV e duas Bolsas em duas universidades particulares no Recife de Bacharelado em Ciências Biológicas, mas, infelizmente, não me recordo do nome destas instituições. Espero um dia encontrar a professora “Mocinha” e agradecer o seu conselho que muito provavelmente nem lembra mais disto, mas foram palavras muito significativas para mim.

Dentre os cursos em que fui aprovado, escolhi cursar Licenciatura em Química no IFPE no *Campus* Vitória de Santo Antão. E assim começa o primeiro período letivo, um mundo totalmente novo com pessoas novas e eu, que nunca tinha visitado um Instituto Federal, me fez encher os olhos por ser um lugar tão grande, bonito e com tantas árvores. Quem não gosta deste sentimento de novidade? Durante as aulas, a professora Dra. Kilma Viana nos apresentou o Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas (PDVL), provocando uma maior ambição acadêmica em todos.

A seleção foi feita através de uma redação em que tínhamos que explicar o motivo pelo qual gostaríamos de entrar no programa e conseqüentemente, fazer uma entrevista. Durante esta entrevista pude ver minhas mãos tremendo de nervosismo, mas ainda bem que deu tudo certo. Logo quando ouvi sobre o programa, fiquei empolgado, pois a proposta é incentivar a prática docente, e eu entrei com a intenção de ser professor, contudo, ainda tinha minhas dúvidas acerca da profissão.

Assim, ingressei no Grupo de Trabalho de Resolução de Problemas, não foi minha primeira opção na seleção, mas hoje não trocaria de forma alguma e nem gostaria de deixar de trabalhar com cada uma das pessoas, tanto do GT de RP quanto dos outros colegas do PDV. No ano de 2019, me afastei das atividades por problemas pessoais, no entanto, como diz o ditado, “um bom filho a casa torna”. A metodologia de

Aprendizagem por Resolução de Problemas que aprendi no PDVL irei levar para além da extensão universitária, assim como todos os outros aprendizados que conquistei junto aos meus colegas e amigos com quem trabalhei e trabalho, em especial ao professor MSc. Sanderson Malta que esteve sempre ao meu lado me orientando em toda a minha trajetória acadêmica, assim como, foi o responsável por ensinar grande parte do que aprendi e por me ceder uma bolsa do PIBEX IFPE (Programa Institucional de Bolsas de Extensão do IFPE).

Dentre as várias experiências que vivenciei, uma delas foram as Visitas Guiadas, uma atividade que proporciona às turmas do Ensino Médio a conhecer o *Campus* do IFPE e faz-se uma culminância das atividades de cada grupo de trabalho para os estudantes, um aprendizado bastante enriquecedor para todos os envolvidos. Não posso esquecer de falar dos Congressos que o programa me possibilitou participar, em especial o COINTER PDVL. É indescritível o sentimento de participar pela primeira vez de um Congresso Internacional e ter contato com a ciência que é produzida nas mais diversas regiões do Brasil e do mundo. Como participei da comissão organizadora no V COINTER PDVL, tornou-se ainda mais prazerosa a vivência por ver de perto o esforço de todos que fazem o evento acontecer com êxito.

Por fim, venho por meio deste relato, agradecer a todos que participaram da minha jornada direta ou indiretamente. Este conto que chamo de vida continua...

REGIANE RIBEIRO DOS SANTOS

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.83-85>



Encontro com o Programa Internacional Despertando Vocações

Sou Regiane Ribeiro dos Santos, natural de Seropédica, Rio de Janeiro; filha mais velha de João Batista dos Santos, servidor público e operador de máquinas agrícolas, e Regina Ribeiro dos Santos, do lar. Também sou irmã de Rosana Ribeiro dos Santos, 12 meses e 25 dias mais nova. Nasci um dia depois de minha mãe completar 28 anos e quase fui leonina. Morávamos numa casa da empresa do meu pai, um quintal muito grande, num bairro bastante arborizado chamado Ecologia e, por lá, vivemos 29 anos até meu pai se aposentar e comprar uma casa, na mesma cidade. Tenho uma base familiar bem estruturada, uma família unida e festeira.

Com o Ensino Médio completo, meus pais incentivavam a educação, sobretudo, meu pai, que convivia com doutores. Assim, eu e minhas irmã fomos cedo para a escola, sempre perto de casa.

Tenho muitas lembranças boas do meu Ensino Fundamental, realizado numa das melhores escolas privadas da cidade, localizada no meu bairro. Minha irmã e eu tínhamos bolsas de estudo, o que nos obrigava a tirar notas boas para mantê-las. Fiquei 10 anos nessa escola e fiz muitos amigos. Ainda lembro da gente em fila indiana, cantando o hino nacional e da expectativa do sino tocar para o horário do recreio.

No último ano do Ensino Fundamental, fiz meu primeiro concurso. Fui aprovada para estudar numa escola pública, um colégio técnico também localizado na cidade.

Estudava em horário integral, tinha muitas disciplinas, pouco tempo livre, mas lá vivi os meus melhores anos. Fiz o curso técnico em Agropecuária com aulas práticas que incluíam catar tiririca num sol escaldante, dirigir trator, cuidar dos filhotes de cabra e matar coelho. Anos memoráveis!

Ao sair do Ensino Médio, fui fazer um pré-vestibular integral e, finalmente, longe de casa, na cidade vizinha. No ano seguinte, estava na universidade pública.

Engenharia de Alimentos era meu sonho naquela época; foram 5 longos e inesquecíveis anos com uma turminha pequena e muito unida. Frequentava o *campus* de bicicleta e dava aulas particulares em casa nos horários vagos. Fiz estágios em diferentes laboratórios, tive bolsa de pesquisa, mas meu sonho mesmo era ir para uma multinacional. E fui! Porém, não durei muito tempo por lá. Quando saí, resolvi, então, tentar o mestrado.

O trajeto entre minha casa e a Embrapa, onde fiz meus experimentos do mestrado, era longo, mas dois anos passaram rapidamente. Comecei o mestrado trabalhando e, assim que a bolsa saiu, larguei o emprego. Esses anos foram suficientes para eu me apaixonar pela pesquisa e passei a almejar o doutorado, também querendo morar fora. Sonhava alto.

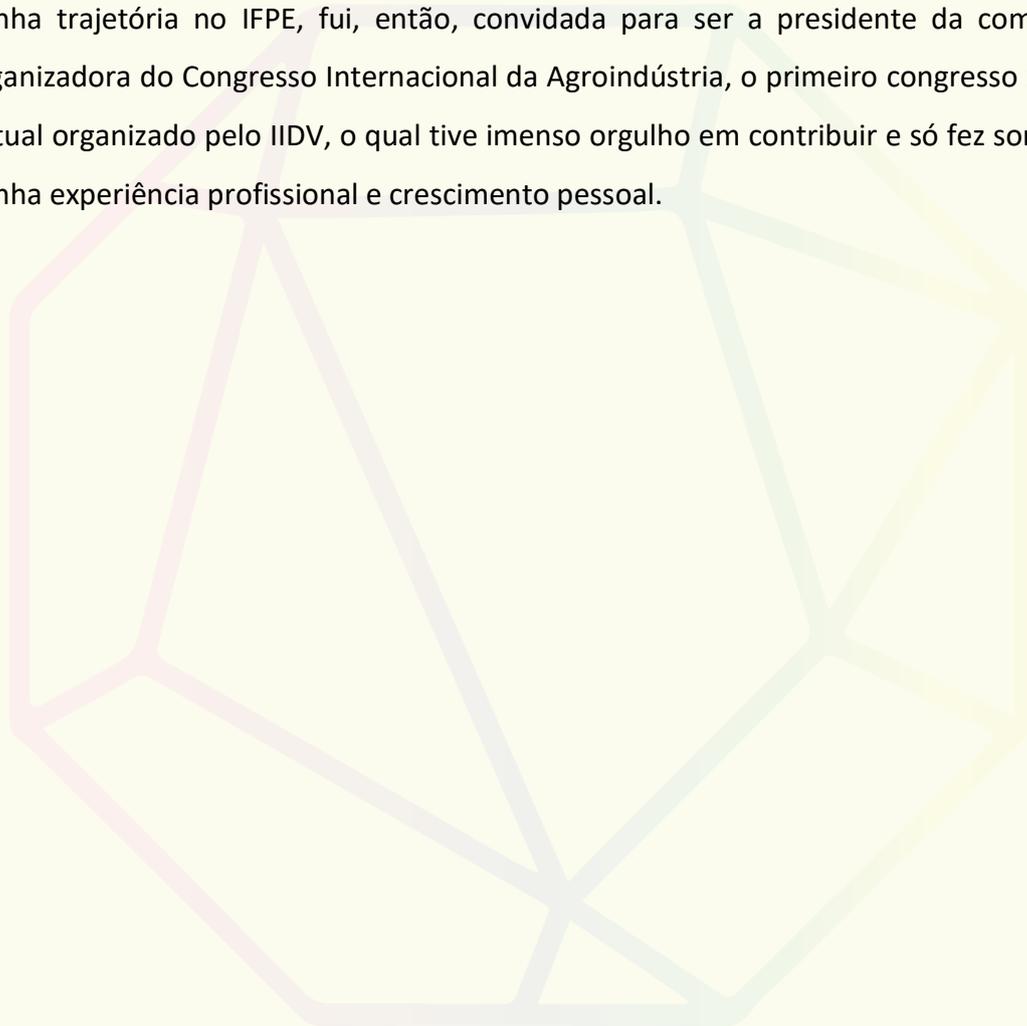
Mudei-me de cidade e, com o doutorado, estava de Domingo a Domingo dentro da universidade. Após 2,5 anos, fui aprovada num processo seletivo para estudar fora do país; nessa época já não havia tantas bolsas disponíveis e a disputa era grande. Morei um ano em Lisboa, embora sem conhecer ninguém. Tive a benção de só terem cruzado o meu caminho pessoas do bem. Foi tanto trabalho, mas tanta viagem, tantos sonhos realizados que de lá, só colhi bons frutos. Quando voltei de Portugal, finalizei os experimentos e escrevi minha tese. Depois de 6 meses era doutora.

A defesa da tese foi um alívio, mas troquei um peso por outro: passar num concurso. Após 1 ano e 8 meses, fui chamada para ser professora substituta no Instituto Federal de Pernambuco, para onde havia prestado concurso no ano anterior. Contudo, minha relação com Pernambuco começou bem antes do IFPE numa viagem que fiz a passeio 6 anos antes, sem nem imaginar que voltaria um dia para morar.

Arrumei minha mala e fiz minhas escolhas. Por 2 anos, lecionei diferentes disciplinas no curso técnico de Agroindústria integrado e subsequente no IFPE *campus* Vitória. Durante esse período, descobri minha paixão pelo trabalho de extensão e tive o

maior aprendizado profissional de toda a vida, dando aulas teóricas e práticas e ministrando minicursos.

Foi no IFPE que conheci o Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV) quando por 2 anos, consecutivos, participei dos congressos organizados pelo Instituto, em especial os voltados para a área das ciências agrárias. Pude acompanhar a transformação que o programa faz na vida dos alunos com cursos de formação, capacitando jovens e contribuindo para suas vidas profissional e pessoal. Diante da minha trajetória no IFPE, fui, então, convidada para ser a presidente da comissão organizadora do Congresso Internacional da Agroindústria, o primeiro congresso 100% virtual organizado pelo IIDV, o qual tive imenso orgulho em contribuir e só fez somar à minha experiência profissional e crescimento pessoal.



ROSANGELA RODRIGUES LIMA DOS SANTOS

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.86-89>



Quebrando paradigmas

Filha de Rosângela Lima Rodrigues dos Santos e Luiz Carlos Rodrigues dos Santos, meu nome foi escolhido em homenagem à minha mãe a partir de uma breve inversão de sobrenomes. Estou com 35 anos de muita batalha, tenho uma união estável com 10 anos de duração, não tenho filhos, mas uma linda sobrinha, da minha única irmã caçula.

Nasci em Recife - PE, uma bairsta arretada, comedora de cuscuz, queijo coalho e carne de sol acompanhada de uma deliciosa aguardente; sou muito emotiva e chorona, choro por qualquer coisa. E se tem uma característica em mim que me define é a perseverança, não desisto do meu objetivo de forma alguma, sou uma pessoa de fé na vida.

Sou admiradora das artes, especificamente do cinema e da música; amante dos esportes, ex-atleta de judô, fanática pelo Sport Clube do Recife, minha eterna paixão: “pelo Sport tudo!”. Tenho afinidades nas áreas de saúde e exatas, e comecei a minha vida acadêmica na UFRPE, onde passei no vestibular, antiga COVEST, para Zootecnia.

Tive que interromper o curso tristemente por problemas de saúde, a minha medula foi comprimida a ponto de me fazer perder os movimentos dos membros inferiores. Passei por diversas cirurgias acrescidas de um longo período de reabilitação,

para só então, tentar ora minimizar os problemas ocasionados com os quais convivo até os dias atuais.

A falta de informação me fez perder o curso, pois eu não sabia que poderia continuar cursando a graduação em regime domiciliar, perdi os prazos para trancamento, ou seja, não segui ao cronograma da universidade.

Tenho habilidades relevantes na área de transporte, fiz diversos cursos no SEST/SENAT. Sou instrutora teórica e prática de trânsito, motorista rodoviária de cargas, motorista de cargas indivisíveis e cargas perigosas. Além disso, já fui taxista, motorista de aplicativo nos momentos de dificuldades da vida e motorista de uma grande organização de renome no país.

Já trabalhei no comércio. Passei longos anos auxiliando a minha família na empresa que tínhamos, sendo o braço direito em todas as ocasiões, até que, infelizmente, após muitos anos de sucesso, tivemos que fechar as portas por mudanças no mercado. Quando se trata de trabalho, não tenho limitações, faço um esforço e bola pra frente.

O meu grande interesse é trabalhar em navios de cruzeiros viajando pelo mundo, conhecer um lugar novo a cada ancoragem, e a alegria que me dá em fazer despertar sensações nas pessoas, me fez me formar em *Bartender* pelo SENAC. Lá pude aprender a preparar drinks maravilhosos, o que despertou em mim a vocação para área de Turismo.

Atualmente estou cursando Gestão de Turismo no Instituto Federal de Pernambuco e venho me dedicando com todo o fervor, desta forma, superando momentos de dificuldades pessoais, físicas e financeiras. Com a força de vontade e a vocação que se despertou em mim na área de ciências sociais, estudo de forma excepcional em regime domiciliar, com a finalidade de galgar mais esse degrau tão esperado em minha vida.

Pretendo ainda, ao terminar essa graduação, dar continuidade à vida acadêmica: realizar uma pós-graduação, prestar concurso público ou arrumar um emprego que me proporcione estabilidade financeira, e talvez continuar os estudos em um mestrado e ir além com um doutorado.

Desejo aprender a falar fluentemente outros idiomas, principalmente o inglês, para utilizar tanto para trabalho, quanto para o lazer nas minhas futuras viagens internacionais, pois também quero conhecer vários países ao redor do mundo, sou imensamente apreciadora de culturas, gastronomia e arquiteturas.

Participo ainda de um projeto de extensão com o título: “Despertando Vocações para o Empreendedorismo: Empresas Júniores no contexto universitário da Cidade do Recife – PE”, que objetiva divulgar e incentivar no âmbito das Universidades da Cidade do Recife, o Movimento Empresa Júnior, com o intuito de despertar o interesse dos estudantes, profissionais e da gestão de cada instituição, na criação de empresa júnior, que vem atingindo os seus propósitos.

O meu plano de trabalho tem como título: “Construção de agenda de trabalho com empresas juniores e cursos superiores”. As atividades propostas em muito contribuíram, e continuam a contribuir, para o meu processo formativo e de cidadã, haja vista que, por meio dele, pude dar início a um processo contributivo no meio acadêmico. O referido projeto está inserido no Programa Internacional Despertando Vocações - PDV, ligado ao Instituto Internacional Despertando Vocações – IIDV. Foi assim que conheci este importante programa e dinâmica associação sem fins lucrativos.

Este projeto me deu a oportunidade de aprender muito mais, bem como de aperfeiçoar os meus conhecimentos, e repassá-los de forma a contribuir com a sociedade, com os demais colegas de trabalho, faculdade e pessoas interessadas no assunto. Ajudou-me ainda, a desenvolver habilidades, não só de forma teórica, mas vivenciando a prática na área de atuação, com o planejamento de trabalhos e organizações de eventos que pude realizar de forma remota, devido à pandemia da COVID-19.

O Coronavírus foi um marcante acontecimento na vida da população mundial. Esta pandemia particularmente me trouxe uma importante lição: pude observar que o que temos de mais precioso em nossa existência é a nossa vida. Sem saúde não somos nada, não podemos realizar nossas atividades, nossos sonhos, trabalhar, conviver com nossos entes queridos de forma mais íntima, pois, se tivermos algo contagioso, não

vamos querer prejudicar a quem amamos. É triste o isolamento e apesar de ser um acontecimento ruim, trouxe-nos valores imensuráveis.

Com o tempo ocioso ocasionado pela pandemia da COVID-19, pude realizar cursos à distância, participar da *Start Up Way* promovida com parceria do SEBRAE, aguçar dotes culinários, ter mais proximidade com os meus familiares que moram comigo, ter mais tempo para conversar, coisa que pouco fazia com essa vida atribulada. Entretanto, não podemos esquecer que o convívio social é de extrema importância para a saúde física, mental e financeira dos indivíduos, devendo ser vivenciado mais vezes no nosso cotidiano.

Surpreendi-me ainda como é grande o interesse dos alunos em ter uma empresa júnior no Instituto Internacional Despertando Vocações e ao mesmo tempo me admirei por ainda não existir com esse tempo todo do Instituto. Alunos dos variados cursos se mobilizaram a colaborar com essa ideia, onde pude contribuir com a divulgação, reunião dos interessados, e criação do grupo em rede social com a finalidade de executarmos reuniões e discutirmos os pormenores para a fundação da empresa júnior. Hoje estou feliz por esse marco empreendedor advindo do protagonismo estudantil.

Sou associada ao IIDV, e por meio dele, conheci o Congresso Internacional Despertando Vocações – COINTER. Hoje estou inscrita como congressista no IV COINTER PDVGT - Congresso Internacional de Gestão e Tecnologias, com o intuito de submissão de trabalhos e participação. A participação e submissão de trabalhos no referido congresso é mais uma importante novidade em minha vida acadêmica e estou bastante motivada em poder interagir, bem como absorver novos conhecimentos.

A priori, estou submetendo trabalhos nas diversas modalidades e tenho a oportunidade de apreciar trabalhos em caráter internacional, abrindo um leque de informações dos mais diversos temas, podendo, assim, corroborar a disseminar este conhecimento adquirido com os demais interessados e com o mundo.

Este capítulo de memorial vem como uma forma de relembrar fatos importantes e marcantes da minha vida, pelo qual socializo ao público leitor, na intenção de compartilhar experiências de vida pessoal, acadêmica e profissional.

SIMONE DE PAULA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.90-93>



Experiências de ensino e aprendizagem em período de pandemia: o que ficou de lição? O que estamos aprendendo?

No final do ano de 2019 a população mundial foi surpreendida pela pandemia da COVID-19, também conhecida como coronavírus, caracterizada por uma doença capaz de gerar uma síndrome respiratória grave (SARS-CoV-2). A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, no dia 1 de dezembro de 2019, mas o primeiro caso foi reportado em 31 de dezembro do mesmo ano.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, caracterizado pelo mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença. O termo passa a ser usado quando há um surto que afeta uma região e se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

Conforme a Organização Pós-Americana de Saúde, foram confirmados, no mundo, aproximadamente 35.109.317 casos de COVID-19, computando 1.035.341 mortes e 34.073.976 de pessoas curadas até o dia 06 de outubro de 2020 em pelo menos 188 países e territórios.

Devido ao potencial aumentado de contágio da doença em locais com aglomerações, as escolas foram obrigadas a suspender as aulas presenciais. Em todo o mundo, nove em cada dez estudantes ficaram temporariamente fora da escola em resposta à pandemia do novo coronavírus, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU). No Brasil, muitas redes de ensino suspenderam as aulas e tentaram procurar soluções de recursos digitais de aprendizagem, inspiradas na modalidade Educação Remota e à Distância (EaD).

No dia 28 de abril, o Conselho Nacional de Educação (CNE) enviou ao Ministério da Educação do Brasil (MEC) uma resolução com diretrizes referentes ao período de suspensão do ensino presencial e à volta às aulas no contexto da pandemia. Abordando temas como os apontados nas notas técnicas do Todos Pela Educação, o documento criado pelo CNE fala de diversidade de atividades no ensino remoto, ações de acolhimento e avaliações diagnósticas no retorno às aulas presenciais.

Diante dessa situação, vários questionamentos surgiram para os profissionais da área de educação, estudantes e familiares, os quais irei citar alguns: como se programar sem saber o tempo que duraria esse período de pandemia? Teríamos uma vacina a curto, médio ou longo prazo? Como se adaptar as novas tecnologias para o ensino e aprendizado remoto? Como se adaptar ao home office? Como gerenciar a nova rotina familiar com aulas online dos filhos, home office, afazeres domésticos e conflitos causados pela convivência familiar 24 horas? Como lidar com o medo de contágio, incertezas e despedida de entes queridos? Como amenizar a falta do convívio social entre estudantes? Houve o aparecimento de doenças e sequelas emocionais neste período? Redes de cooperação entre educadores foram criadas?

Os slogans *empatia, mais amor* ou *aplauda um professor* serviram apenas para marcar hashtags nas redes sociais ou se concretizaram nas ações diárias? Nos tornaremos pessoas melhores ou piores quando tudo isso passar? Procuramos evoluir como pessoas? De antemão, coloco que não há muitas respostas para essas perguntas

e tantas outras. Porém, refletir sobre elas poderá nos ajudar a entendermos melhor quem de fato somos e lutar para sermos pessoas melhores.

Trabalhando na área, enquanto técnica administrativa em educação (TAE), de um Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia, passei a atuar com mais intensidade, utilizando ferramentas e plataformas como Gmail, Google Meet, WhatsApp e Instagram. Para quem gosta, e para quem também não gosta de trabalhar com tecnologia, foi como fazer um intensivo frenético de tudo que se referia a esse tema, tendo seu lado bom, outro nem tanto e alguns até cômicos. Passei, então, a participar de cursos na modalidade EAD, reuniões virtuais, criação de curso EAD com momento síncrono e assíncrono (conheci estes dois termos neste período, não havíamos sido apresentados anteriormente).

Do presencial para o virtual continuei com as orientações dos estudantes de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com os Projetos do Programa Internacional Despertando Vocações do Instituto Internacional Despertando Vocações para a consolidação do congresso COINTER 100% online, juntamente com as outras atividades profissionais e pessoais, que não foram poucas.

Primeiramente, me deparei com as diversas inscrições nos cursos de capacitação ofertados, o que foi muito bom, pois através da modalidade EAD pude escolher o melhor horário para realizá-los. Por outro lado, a oferta de diferentes cursos era tão grande, que às vezes não era possível concluir tudo, e, desse modo, fiquei sobrecarregada. A impressão que tive foi que a comunidade acadêmica produziu em poucos meses o que levaria muito mais tempo para produzir. Houve uma aceleração notável nessa área, o que considero positivo.

Ao mesmo tempo, ocorriam as diversas reuniões virtuais, que também foram produtivas, mas que precisaram passar por adaptações. Encontros de trabalho virtuais exigem mais atenção dos participantes do que os presenciais e por isso devem ter um período maior de duração. Segundo a psicóloga e pesquisadora Katty Zúñiga da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na quarentena, aumentou-se o número de reuniões de trabalho e as chamadas de vídeo para falar com a família e encontrar os amigos, o que fez as videoconferências levarem pessoas à exaustão. O fenômeno tem sido chamado de "Zoom fatigue", uma espécie de fadiga causada pelo Zoom, uma das plataformas mais usadas para as chamadas em vídeo.

Qualquer tipo de videoconferência demanda uma atenção visual, mas o mosaico das reuniões virtuais com muitas pessoas envolvidas exige ainda mais concentração e sobrecarregam o cérebro, explica a psicóloga em entrevista ao jornal Folha de São Paulo.

Lembro que nos incontáveis grupos de Whatsapp recebi um link de uma reunião e quando entrei não fazia a menor ideia do que se tratava, então saí literalmente “à francesa”. Foram muitos momentos: participar de dois eventos online pra não deixar de prestigiar o trabalho de um colega; entrar naquela live que só tinha você e mais dez pessoas e o anfitrião citar seu nome e você ficar mais um tempo por educação; um tal de: “desliga o microfone”; o parente entra na sala e acaba participando da reunião sem querer; cai a internet, volta a internet. “Pessoal, Alberto quer falar. Alberto? Alberto?!?!? Gente, Alberto caiu?”, “Alberto está falando no chat que não consegue desativar o microfone” “Fala no chat mesmo Albertooooo!!!!”. “Alberto saiu da reunião”, “#empatia”. Enfim, muitas histórias engraçadas em tempos difíceis. Alguém se identifica?

Outro fenômeno que não poderia deixar de citar foram as inúmeras lives, que iam desde o universo científico aos shows dos artistas de sertanejo, quem nunca? Para muitos, esse período foi intenso em várias áreas da vida: criação de conteúdo, estreitamento das relações profissionais e familiares. Em conversa com uma colega psicóloga escutei: “parece que as pessoas estão precisando se auto afirmar e provar que estão produzindo, mas não estão cuidando da mente. Estamos trabalhando remotamente, mas em um período de incertezas é mais difícil. É preciso parar e respirar”.

Enfim, caros leitores, uma coisa é certa: não seremos os mesmos quando, se Deus permitir, tudo isso passar. Que o novo, inédito e inesperado normal nos torne pessoas mais empáticas, de fato. Forte abraço!

THIAGO VINÍCIUS DOS ANJOS ARAUJO

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.94-99>



“Thiago anjos: para além do lattes”

“Tenho sonhos coloridos que me trazem alegria, sou pequeno, mas sou grande um pouco a cada dia”

(Autor desconhecido. Frase da minha placa na Formatura do ABC)

Falarei aqui um pouco da minha curta trajetória acadêmica, que justifica como encontrei gosto pelos estudos e como acredito que a educação seja fator essencial na construção de uma nova humanidade. Mas quem sou eu além do lattes? Como falar do Thiago acadêmico sem falar do Thiago pessoa, jovem, criança, negro, gay, criado por mulheres, que ama pizza, chora assistindo “A Hora da Estrela” e sonha em conhecer Lady Gaga? É por esse Thiago que vamos começar!

Antes de eu existir neste corpo de 1,76m e 94kg, veio o corpo da minha mãe, Dona Luiza. E, sobre ela, tenho muito a falar, mas, por hoje, falarei apenas que foi uma jovem que desde cedo teve que encarar a dura realidade de um mundo desigual. Ganhou a vida como autônoma, trabalhando desde criança, lavando covas, fazendo faxina, plantando e vendendo quiabo, até que numa ida ao centro encontrou a oportunidade de trabalhar vendendo livros pedagógicos em faculdades e escolas.

Embora com as dificuldades de uma alfabetização deficiente, o contato com esse tipo de leitura fez com que valorizasse a Educação. E, conhecendo mainha, não é de se espantar que, ainda grávida, comprou minha primeira coleção de livros (que tenho até hoje). Temas e Toques, 16 livros infanto-juvenis. E mesmo com o cansaço de uma trabalhadora informal que vai de Cajueiro Seco ao Santo Amaro cheia com caixotes, ela sempre leu para mim, desde a barriga; daí, já nasci fascinado pelas histórias. *“A letra A vivia a andar, anda aqui, anda acolá...”*. Repassando os relatos que só uma geminiana consegue contar, reza a lenda que aos 2 anos eu já lia e pedia para qualquer pessoa que passasse na rua: “leia!”.

Na minha primeira aula na escolinha, minha mãe, toda coruja e encantada com a sala de aula que nunca pode ter, ficou na espia para ver se eu iria estranhar o novo espaço. Minha reação: “vai embora pra casa comer teu cuscuz!”. Desse jeito, não teve outra escolha a não ser voltar com o coração na mão, pois, nessas alturas, não tinha volta: a escola era meu lugar.

Ano seguinte entro oficialmente no Fundamental. Nessa pequena escola particular da Várzea - o melhor cantinho da cidade, bairro onde orgulhosamente moro desde que nasci - eu passaria grande parte da primeira metade da minha vida até aqui. Fui um aluno que recebia reclamações por conversar demais, que se envolveu em poucas brigas, que discutiu com a professora da terceira série, que amava as feiras de ciências, que o apelido na condução era Risadinha, risadinha que já o fez ter uma crise de riso e perder pontos na prova de Inglês - e ainda bem que tinha gabaritado.

Ainda criança tive muito interesse pela área da História, Linguagens e Biologia, pois buscava entender o surgimento da humanidade e por que ela era - e é - tão diferente. Evolução Humana, Pirâmides do Egito, Sistema Digestório, a existência de Deus, o grande Universo... Esses assuntos tomaram minha cabeça logo cedo. Meu lazer? Espaço Ciência e Livraria Cultura. Programação da TV? Além do horário marcado de Floribella, contava com muitos experimentos do extinto ‘X-Tudo’, ‘Cosmos’, ‘Pequenas Empresas, Grandes Negócios’ e ‘Telecurso 2000’. Com isso, não é de se espantar que já aos 9 anos eu fazia meus primeiros processos seletivos, porém é aquele ditado: aprovação ok, mas a classificação ficou com Deus. E que bom que não rolou, porque, apesar de marcado pelo bullying que só uma criança gorda e afeminada entenderia, meu

tempo na escola “normal” foi fundamental para entender que era preciso mudá-la, que era preciso ser diferente.

Já na minha pré-adolescência, aos 13 anos, faço novamente vestibular, desta vez para o IFPE, o famoso ‘Edificações 1ª Entrada’. Resultado: remanejamento. E eu poderia ter escolhido qualquer outro curso e teria passado, mas não, aquele Universo que tanto me trouxe tantas dúvidas queria outra coisa: o SESI. Lá passei um ano e tive meu primeiro contato com uma escola grande, integral. Conheci a Filosofia, Física, Sociologia e, em certa forma, a Extensão, com o Programa Jovem Ambiental. Essa experiência rendeu meu primeiro certificado em evento, onde passei o dia inteiro em pé apresentando para centenas de pessoas, e, depois disso, nunca mais fui o mesmo.

Em 2015, reinicio o Ensino Médio no IFPE Recife, agora em Química Industrial. Eu estava finalmente na Federal que minha mãe sempre disse que eu entraria! Minha vida vira de ponta-cabeça e começa uma nova descoberta interna, acadêmica, emocional e por aí vai...

Ao ler o livro “Cultura: um conceito antropológico” para uma aula de Sociologia - não é de se espantar que fui o único aluno que leu o livro todo-, encontro respostas (e mais questionamentos) para as curiosidades que eu arrastava desde criança e me encanto. Desde então, somado à militância em movimentos, entidades estudantis e ocupações, pude entender na prática o papel da educação como instrumento de transformação.

Ainda no IFPE, atuei na condição de representante estudantil no desenvolvimento da pesquisa “Sentidos e Significados do Projeto Político Pedagógico Institucional para a comunidade do IFPE”; participei do grupo “Convenção de Beberibe”, que chegou na 4ª fase da Olimpíada Nacional em História do Brasil, projeto de extensão da UNICAMP. Ainda antes de iniciar minhas aulas na graduação, atuei como monitor das disciplinas de Sociologia.

Porém, meu maior contato com a pesquisa veio de um dos meus terrores: a Matemática. Fui por dois anos pesquisador extensionista, com planos de atividades atrelados ao ensino e a importância da ludicidade no ensino das Geometrias, a fim de ressignificar o espaço de construção dos conhecimentos. Como desdobramentos, pude

publicar e apresentar trabalhos, o que me proporcionou o autorreconhecimento enquanto pesquisador e educador.

Nesse meio tempo, como bom libriano que sou, pensei muito sobre qual profissão seguir. Se, de um lado, eu tinha a docência, do outro, tinha o amor pelas pessoas e a vontade de entender como a mente humana funciona. A grande dúvida era: Psicologia, Pedagogia, História, Serviço Social... Nos últimos minutos de um Domingo de prévias de Carnaval, selecionei a Licenciatura em Ciências Sociais na UFPE, um curso que me permitiria entender as facetas humanas e estudar sobre meus anseios sociais, me entender como sujeito nos grupos que estou inserido e, de quebra, fazer tudo isso no espaço que mais amo: a escola, sendo professor, com o propósito de inspirar um aluno de cada vez, em contato com jovens que se sentem como eu já me senti, cheios de dúvidas e sonhos.

Embora recém-licenciando, integro o PET Gestão Político-Pedagógica e o PROi-Digital, programas da UFPE, e estagio na Prefeitura do Recife, no projeto Habilidades Socioemocionais, que é um verdadeiro encontro, pois sinto que, através do que faço, consigo acessar os alunos num lugar bem maior que os conteúdos básicos possibilitam, englobando, acima de tudo, o ser humano, suas dimensões e sentimentos, Espiritualidade e Educação.

Mas e como eu parei aqui no Memorial PDV?

Então, em 2019, estava eu procurando, na relação de aprovados, o projeto de um amigo para saber o resultado e, logo em cima, tinha um título que me chamou muita atenção pois falava de um tal “despertar vocações”. Fiquei pensativo, achei interessante e quis saber mais, daí procurei o currículo do professor, enviei um e-mail e me ofereci a conhecer o projeto. Dias depois fui convidado à reunião. Todo nervoso, levei uma amiga no meio das férias para a sala F-24. Lá, conheci o grande Prof. Erick e fiquei fascinado com a atenção e carinho que recebi, parecia até que eu era o seu primeiro aluno com a tamanha empolgação. Ao lado dele, vários jovens falando de seus projetos, Robótica, Arduino, SNCT, COINTER... Desafio aceito!

Membro do PDV. Próximo passo: profa. Kilma. Depois de uma reunião, lá estava ela à minha espera. Tivemos uma conversa - frente-a-frente, olho-no-olho - sobre nossas

motivações em seguir a carreira docente, em que várias coisas passaram na minha cabeça; e ver o brilho no olhar de uma educadora tão experiente me fez sair da reunião feliz. Com esse entusiasmo, participei da minha primeira atividade real oficial do PDV, uma oficina que mudou minha vida (a saber, “A importância do cuidado de si”), pois, além de conhecer uma grande amiga, com quem pude trabalhar, aprender e confiar (depois de todo o estresse nas preparações), pude fazer reflexões profundas que reverberaram na minha prática humana, gentil e conectada a uma visão maior sobre o mundo.

Por fim, passei pela grande prova: o COINTER, que alguns dizem ter acontecido em dezembro, mas cheguei à conclusão que, na verdade, começou bem antes. E quando falo antes, não é só o antes das reuniões nem dos prazos de submissões. Vem antes mesmo da sua primeira edição. Antes do próprio PDV. Pois percebi que esse congresso é mais do que uma reunião acadêmica cheia de estudantes querendo certificados. O COINTER é uma ideia, uma filosofia; é acreditar no poder das pessoas e na sua capacidade de se mobilizar em prol de um projeto de sonhos coletivos, com uma proposta muito nobre. E “despertar vocações” é resistir, é sonhar, é inspirar, compartilhar, pela pesquisa, ensino e extensão, mas principalmente pela prática coerente e verdadeira.

Compartilhei algumas experiências que me conduziram aos caminhos da educação, onde me realizo, me questiono e me desafio diariamente. Gostaria de agradecer ao Universo, por fazer parte de mim e me permitir acreditar. Ao meu gato verde Guilherme, que me protege e me aninha. A todos os meus amores, amigos e colegas de trabalho, às músicas que me acompanham, às minhas mais engraçadas, tristes e confusas experiências, obrigado por tudo.

E, mainha, essa é por tudo! Pelas férias apagando os livros do professor até fazer calo porque o original era caro. Pelos dias acordando às 5:50 batendo as panelas. Por todas as noites pedalando bicicleta na chuva voltando pra casa. Pelos reforços, pelo Estudante Nota 10, por dizer que eu era capaz. Você sempre foi minha maior educadora e maior inspiração!

Agradeço aqui, em nome de todos os professores que tive, da prof. Flávia ao prof. Perrusi, de Mauricéia ao prof. Ivon, da prof. Silvana a prof. Lialda, e com muito carinho agradeço à profa. Kilma e ao prof. Erik, que se tornaram duas grandes inspirações para mim sobre o que é ser educador. Saibam que essa responsabilidade que abraçaram é transformadora e nos dá esperanças.

IIDV, gratidão por despertar todas as vocações! Vocês são tudo pra mim!



VALESKA MIKAELLY BATISTA DA SILVA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.100-106>



Uma trajetória de muita batalha e conquistas sendo realizadas

Nasci em 4 de março de 1998, em uma data especial, em que nascia a primeira e única filha de Valquíria Prazinho Batista da Silva e a terceira filha de Marcelo Vieira da Silva, sendo a mais nova. Moro com os meus avós desde os meus 2 anos de idade, na cidade de Vitória de Santo Antão - PE, pelo motivo da separação dos meus pais, e assim, continuo até hoje, em que a principal fonte de renda é de uma barraca de doces no terraço de casa. Com isso, a infância foi recheada de alegrias, diversões, poucas amizades e tristezas.

Meus avós mesmo não concluindo sequer o Ensino Médio, me incentivaram e incentivam até hoje a importância do estudo para obter um melhor futuro. Diante das dificuldades, que foi com o falecimento do meu pai e da minha bisavó, que sempre estavam comigo, para que eu fosse em busca dos meus sonhos, em companhia dos demais familiares, constantemente, nunca deixei de estudar e ser uma aluna esforçada desde cedo. Sempre fui aluna de escola pública, não tinha condições de estudar em uma escola particular, pelo fato da renda que não dava na época. Mesmo com esforço, o dinheiro só dava para comer e comprar o necessário para dentro de casa e com isso, era impossível dar conta de tantos gastos com menos de um salário mínimo, que era com

essa barraca de doces e com a pensão que eu recebia do meu pai e minha mãe, que mora em outro estado. Ela sempre ajudava e ajuda de alguma maneira, tendo sido sempre dona do lar. Quando podia, cuidava de mim, junto com os meus avós. E até hoje ainda é assim.

Comecei minha trajetória acadêmica com dois anos de idade em uma escola no mesmo município onde moro, Vitória de Santo Antão. Após isso passei a estudar no Ensino Fundamental numa escola municipal, Weigélia Galvão. Todas as manhãs acordava cedo e ia para escola, já que onde moro é tudo próximo e então não tinha dificuldade para chegar lá. Com isso, eu era uma criança de poucas amizades, e na época, fui uma menina muito tímida e por consequência não criava novas amizades. Durante todo o Ensino Fundamental, tive poucas dificuldades para obter boas notas, por ser uma escola com poucos professores, porém, sempre em busca de ser uma boa aluna; de chegar nas reuniões de pais e os professores falarem pontos positivos sobre mim. E foi assim até o final do ano letivo. Dessa forma, foi nesta escola que finalizei o Ensino Fundamental no ano de 2012, e nela pude adquirir muitos conhecimentos e receber acolhimento dos profissionais que ali tinha.

Em 2013 entrei na escola de referência em Ensino Médio José da Silva Filho, no meu próprio município, sendo a única escola de referência. Hoje se tornou ETE, uma escola bastante conhecida da cidade, por ter várias aprovações em vestibulares, e me orgulho de ter estudado com excelentes profissionais, que 5 anos após ter encerrado lá, me acolhem bastante e se orgulham da pessoa que me tornei e que estou me tornando. Com isso, eles são minhas inspirações na minha vida acadêmica.

Hoje, eles me encontram na rua ou próximo a escola e ficam felizes pelo caminho que estou obtendo e do futuro brilhante que poderei ter pela frente. No 1º ano me choquei bastante, não estava acostumada com tantas disciplinas, em estudar o dia todo e, aos poucos, tendo novos desafios para se acostumar com essa rotina diária. Além disso, como havia professores bastante prestativos, eu era e continuo sendo encantada pelas disciplinas de exatas, tendo dificuldades apenas em Ciências Humanas.

Um professor me apresentou um sistema de avaliação continuada, o SSA (Sistema Seriado de Avaliação) que é realizado pela Universidade de Pernambuco (UPE).

Desse modo, tive que, a partir daí, ficar estudando diante de toda dificuldade e lutas diárias até o término do meu Ensino Médio, onde as provas da mesma seriam na cidade vizinha, Recife-PE. No Ensino Fundamental tive e tenho bastante apoio do meu padrasto, por ter feito uma boa parte da faculdade de Licenciatura em Matemática. Ele me dizia que eu tenho muita facilidade em exatas e que eu não prestava atenção nisso. Hoje paro para pensar por que não descobri essa facilidade de desenvolver a ciência exatas antes.

Quando cheguei no 2º ano do ensino médio, mudou de professores nas disciplinas de Física e Química, e foi aí que tive dificuldade, por eles não serem professores da área, sendo um formado em Biologia e outro em Agronomia. A turma lutou até o fim para mudar de professores, os mesmos que nos ensinavam no 1º ano, que eram formados na disciplina desejada. Estava obtendo nota abaixo de 6,0 em Química e isso foi me desmotivando e criando uma raiva da disciplina, e assim, todos da mesma turma não estavam passando. Dessa forma, foi trocado para um professor formado em Química de fato. Nesse mesmo ano, conversei com o professor e vi que ele, sim, tinha aquela paixão de ensinar, de mostrar para o aluno a Química de fato, a Química de quem é apaixonado pela área, sabe.

Quando cheguei ao 3º ano, mudou de professor novamente, e vi que era a área que eu queria, tendo até me tornado monitora da disciplina, e tive muita facilidade. Por ter, também, alunos bolsistas de uma faculdade da cidade, houve uma integração maior, e aquela paixão estava crescendo a cada dia mais. Quando o professor faltava, mandava questões para eu explicar para as turmas que ali serviam, do mesmo ano do Médio, e, com isso, eu estava com aquele pensamento: “como irei fazer a faculdade de Química?”, “será que é difícil fazer o curso?”. Já que muitos amigos falavam que não valia à pena fazer a faculdade, prestei ao ENEM (Exame Nacional do Ensino médio), o SSA e o vestibular em Licenciatura em Química no Instituto federal de Pernambuco -IFPE.

Nessa perspectiva, não obtive sucesso no ENEM, e nem no seriado, pois, na época, estava com muita dúvida em qual curso fazer. Coloquei em Medicina, fiquei no remanejamento, não fui chamada, mas passei no vestibular do IFPE. Porém, já que fiz a prova por fazer, não prestei atenção no dia da lista de aprovação e nem em ligações pelo celular, em quem estava na organização dos contatos, onde fui aprovada na mesma. Com essa descoberta, logo após 15 dias, aquela sensação de rancor chegava e de não

saber qual rumo seguir na vida, mas sempre com o apoio da minha família, que sempre falavam que seria no tempo que Deus permitisse para acontecer.

Logo no ano seguinte, pensei mais uma vez em ir em busca do que eu queria naquele momento, que foi a área da saúde, e fui na força e na coragem para passar nos vestibulares, buscando pré-vestibulares na cidade onde moro. Consegui fazer dois, um de redação e isolada de Biologia, já que eram o que minha família tinha condições de pagar, e preferi estudar outras disciplinas em casa, já que consegui ter acesso online a aulas gratuitas. Por consequência, tive dificuldade para estudar em casa, por ter muito barulho, mas não desisti, e com a nota do ENEM, que obtive no ano que terminei o Ensino Médio, consegui uma bolsa de estudo em um dos melhores pré-vestibulares de Recife. Foi à distância e ajudou demais durante o ano.

Diante de toda luta de pré-vestibulando, prestei o ENEM novamente, mas não obtive sucesso. Logo no ano seguinte decidi fazer um curso técnico em Enfermagem e obtive muito sucesso, já que desde o Ensino Fundamental fui muito esforçada e já tinha sido monitora. No técnico não foi diferente, e consegui ser monitora em duas disciplinas na época.

Perto de finalizar o curso, pensei muito no que poderia ser dali por diante, então fiz concurso da área e fiz novamente um outro pré-vestibular que a UPE oferta, o PREVUPE, na mesma escola onde eu estudei todo o meu Ensino Médio. Ali encontrei um professor fantástico de Química e aquele meu pensamento de amar essa disciplina aumentava, interagia bastante nas aulas e chegou um momento em que pensei em desistir, por conta de estar muito confusa em qual área queria para a minha vida. Por estar fazendo estágio no curso técnico, no fim de ano prestei o ENEM e o vestibular do Instituto Federal de Pernambuco, e como eu já sentia que aquele ano não seria o ano positivo na questão de aprovação, fui desmotivada fazer a prova do vestibular do IFPE campus Vitória de Santo Antão. A partir dali, fui me entristecendo, por não saber o que fazer, pensando se era a área de saúde mesmo que eu queria. E, uma surpresa chegou em minha vida no ano de 2018, a aprovação do vestibular, a tão sonhada aprovação de passar em uma federal.

Sendo assim, pensei bastante se era o que eu queria de fato. Minha família estava emocionada por eu ter passado em um vestibular depois de tantas lutas, e minha mãe me falou algo que até hoje lembro: “Filha, Deus age na hora certa, você lutou e conseguiu, veja o que você fez durante a sua trajetória até chegar nesse momento”. Nessa hora me toquei que eu sempre fui de ajudar os que estavam ao meu redor e que minha paixão era ensinar, era sentir aquela sensação de que todos estavam compreendendo um determinado assunto por conta de você. Por essa questão, fiz minha inscrição e fui com a sensação de dever cumprido e, também, com o apoio de toda a minha família que nunca desistiu de mim e meus amigos, que já sabiam esse meu dom de ensinar e esse meu encanto por essa disciplina, que não é um quebra-cabeça e sim, uma escultura das mais belas artes.

Dessa maneira, morando sempre em Vitória, não tive dificuldade de transporte, já que a mesma facilita nessa questão. No primeiro dia de aula eu já sabia que tinha escolhido a profissão certa e também que encontraria dificuldades, mas minha vontade de seguir em frente foi maior que tudo. Na mesma semana tive a oportunidade de conhecer os programas voltados para a iniciação científica e me encantei facilmente, em especial o PDVL, cujo o principal objetivo é despertar o interesse pela carreira docente. Cada dia que passou, aumentou ainda mais vontade de participar do programa, então fiz a seleção e fui aprovada, tendo sido uma felicidade tremenda com mais essa conquista na vida docente.

Inicialmente, participei de curso de formação inicial, de boas-vindas, e vi todo o contexto do programa, e após isso, me inseri no grupo de trabalho de avaliação, tendo começado as reuniões. Eu tive a oportunidade de observar o que é de verdade essa temática e passei meses desenvolvendo discussões, relatos e experiências. Foi uma oportunidade incrível de proporcionar saberes e com isso me ingressei em mais um grupo de trabalho de resoluções de problemas, de onde estou tendo ainda mais oportunidade de desenvolver projetos em uma escola parceira, do Ensino Médio, o PDVL.

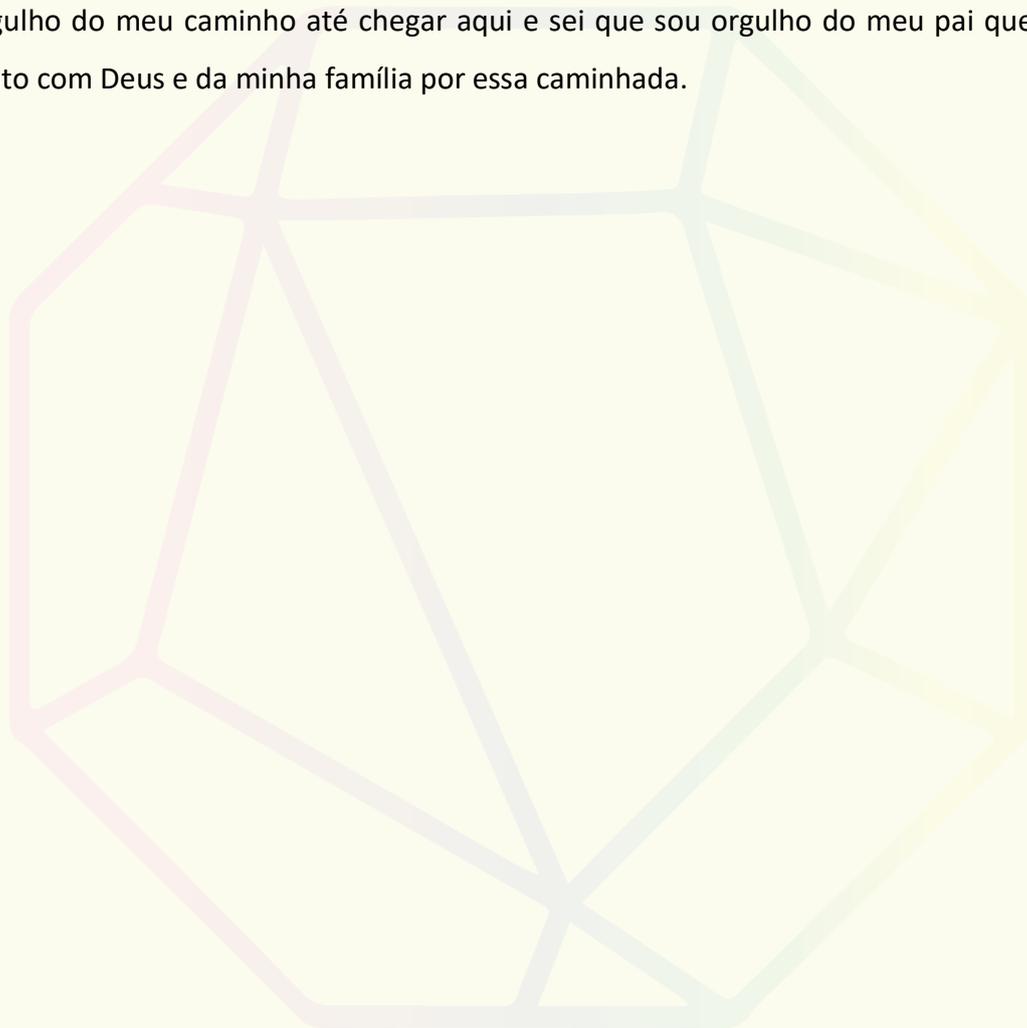
O PDVL me ministrou desde o início do curso coisas maravilhosas, em que pude ir, pela primeira vez, em uma escola como docente em formação, podendo verificar de forma contrária de como eu via antes, e hoje podendo aprender e conviver com os

estudantes e poder observar as dificuldades encontradas pelos professores, principalmente, no início de sua formação. Além disso, está sendo um programa que me proporciona a produção de artigos científicos pela primeira vez, e publicar já no 1º período e nesse mesmo período conseguir uma bolsa PIBIC - Programa de Iniciação Científica-, se concretizava ainda mais o desejo de continuar no curso e seguir em frente na carreira de docente.

Tive a oportunidade de participar de congresso submetendo trabalho científico na modalidade pôster, e também, no mesmo ano de 2019, pude fazer parte e continuo fazendo parte da comissão organizadora do COINTER PDVL, que é um congresso internacional do programa. Sempre estou indo em busca de publicar trabalhos para contribuir para o meu aprendizado e com isso, ser uma profissional de excelência nessa área da Licenciatura em Química. Nesse sentido, a cada dia me aproximo desse programa e pretendo ir até o fim da minha graduação e sentir muito orgulho de participar desse programa incrível, que tem muito a se falar, a conquistar, a mostrar o quanto ele tem a oferecer para os discentes e estudantes do Ensino Médio com grandes projetos, que são bastante proveitosos e mostram o real motivo de ser um professor e assim, inspirá-los a ser professor de química.

Agora no ano de 2020.2 curso o 3º período e sou ainda bolsista do PIBIC, fui aprovada no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e começarei logo mais, ainda esse ano, pois, com essas dificuldades que estamos passando sou voluntária no programa PIBEX e PIBIC, que como foi dito, participo do grupo de trabalho de resolução de questão do ENEM. Diante dessa dificuldade que estamos tendo nesse ano de 2020, estamos fazendo todos os projetos online, com softwares educacionais, um apoio maior para esses estudantes que estão tendo aulas EAD. Nesse sentido, estou sendo muito grata a todos, aos coordenadores do PDV, a minha orientadora, ao professor de quem sou voluntária, que é também dentro do programa, que por esse motivo, além do crescimento acadêmico que estou obtendo durante esse tempo, agora sei acreditar em mim mesma. Quando tem fé, força de vontade, acolhimento dentro de grupos, acredito que tudo é possível, e incluo também a minha família e amigos que fazem parte dessa trajetória, por me apoiarem nesse meu crescimento acadêmico desde o início, que foi e está sendo essencial para tudo isso acontecer. Sei que o caminho ainda

é longo, que tenho muito a batalhar, tenho muitos anos ainda, e desejo obter uma aprovação em um mestrado, mas não desejo chegar em um doutorado, pois, futuramente pretendo ser aprovada em um concurso. Desejo ser, também, uma ótima profissional, em que eu possa mostrar tudo que consegui aprender durante toda a minha formação e no programa. E, nessa questão, poder incentivar os meus futuros estudantes a conhecer o universo maravilhoso da Química, e que eu possa ser inspiração para aqueles que pretendem ingressar nessa área brilhante. Nessa perspectiva, hoje me orgulho do meu caminho até chegar aqui e sei que sou orgulho do meu pai que está junto com Deus e da minha família por essa caminhada.



WELLINGTON DE SOUZA FERREIRA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.107-111>



Caminhos e escolhas

Natural de Limoeiro-PE, filho de Marinalva Ferreira de Souza e Manoel Ferreira de Souza. Cresci com minha tia Maria das Graças e meu avô, José Pedro de Souza (em memória) na zona rural deste município em um sítio, Lagoa do Couro, um lugar de difícil acesso, onde o único transporte que tinha para ir à escola era o cavalo do meu avô. Tenho duas irmãs por parte de mãe, Maria Poliana e Maiara Ferreira. E quem sou eu? Sou Wellington de Souza Ferreira, cresci subindo e descendo ladeira levando “carreira” de boi brabo, correndo atrás de galinha, tomando banho de barreiro e cacimba.

Meu primeiro contato com a escola foi aos 5 anos, em uma escola da região; fazia a alfabetização, mas... REPROVEI! Como havia dito, meu único transporte era o cavalo do meu avô, e acabei não indo muitos dos dias para aula porque ele trabalhava na roça e não tinha como me levar. Até hoje lembro daquela escola, na cor azul e com grandes calçadas. Lembro-me, também, da minha “tia”, e ainda a chamo do mesmo jeito daquela época, “tia Nena”, sempre que a vejo vem as recordações.

Após ter reprovado, mudei de escola, mesmo não querendo, com um maior engajamento dos meus familiares para que isso não se repetisse novamente, e agora eu ia pra escola com mais frequência. A nova escola, Professora Suzel Galiza, se encontrava bem mais distante que a antiga; não me recordo muito dela, apenas de brincar no pátio

com meus colegas, merendas e algumas viagens que fiz. Lembro também de uma foto com roupa de policial que minha tia até hoje guarda com muito amor e carinho.

Menino viajado, mudei novamente de escola, indo para a primeira série do Ensino Fundamental I, no Ginásio de Limoeiro Arthur Correia de Oliveira. Decorei o nome de tanto repetir e de tanto que minha tia pedia para eu escrever. A cada erro, mais 3 vezes, como foi também com meu nome que não é lá tão fácil de escrever. Me recordo bem do prédio que era chamado de “Antigo cinema”, e era bem conhecido no município. E eu já não voltava mais de cavalo da escola, pois meu avô fretou uma moto para me levar da escola para casa. Estudava na parte da tarde, então, todos os dias às cinco horas da tarde ele estava lá me esperando e minha tia ou minha mãe me esperando na porteira.

Minha mãe é faxineira e minha tia concursada do município há mais de 15 anos, e sempre me incentivaram a estudar; falavam “estuda pra não precisar limpar um mato”. Meu avô era agricultor e mesmo não dizendo nada a respeito, não media esforços para me ver estudando. Mesmo sem ter luxo nunca me faltou nada em casa, muito pelo contrário, sempre tinha tudo e mais um pouco.

Ainda estudando no Ginásio com 10 anos, tive que me mudar para a cidade, pois meu avô estava muito doente e onde morávamos o acesso a nossa casa era muito difícil, dificultando o socorro a ele. Na quinta série, a primeira turma em que estudei no turno da manhã, adquiri um apreço pela disciplina de matemática, devido à forma que o professor ministrava suas aulas, e me sentia mais envolvido com aquilo que estava aprendendo. Era um aluno tranquilo, nem da turma do “fundão” nem dos “nerds” que sentavam lá na frente, ficava no meio, e dependendo da disciplina, tinha notas boas e outras nem tanto, por exemplo, em História.

Na sexta série, tive que mudar de turno, pois minha tia trabalhava pela manhã e não tinha ninguém para ficar com meu avô, que já estava bem debilitado e precisava de muita atenção, então tive que passar por essa mudança e me adaptar aos novos colegas de turma e à nova rotina. Rapidamente consegui me inserir nessa nova realidade que perdurou até a oitava série, e neste mesmo ano tive a triste notícia de que meu avô havia falecido, me vendo em uma situação desnorteante, sem aquele que tinha como um pai para mim e que sempre estava junto a mim.

A oitava série (nono ano) foi meu último ano no Ginásio de Limoeiro, pois a escola não ofertava as séries do Ensino Médio, e mudei novamente de escola. Fiz o vestibular para entrar na ETE-Limoeiro, consegui aprovação e iniciei uma nova jornada, enfrentando novos desafios, já que teria agora que passar o dia inteiro na escola que tinha o ensino técnico. Para me inscrever no vestibular contei com o auxílio da minha prima que tinha um computador, e a mesma já tinha passado por esse processo seletivo, dessa forma, contribuindo para a escolha do técnico em informática no momento da inscrição.

A escola ofertava dois cursos técnicos integrados com o Ensino Médio, o técnico em registros de informação e saúde e o técnico em informática, e escolhi a segunda opção por gostar muito e ter uma facilidade com tecnologia. Gosto muito de jogos e de recursos tecnológicos, e escolhendo esse curso, eu teria a possibilidade de manusear um computador e aprender mais sobre, pois não tinha um em casa. O único recurso que tinha era um celular que havia comprado com uma “mesada” que ganhava do meu avô.

O meu primeiro ano do Ensino Médio foi difícil, pois estava em processo de adaptação, era uma nova realidade que estava vivendo, passava o dia inteiro fora longe da família. Foi também nesse ano que conheci alguns dos meus melhores amigos, Vinicius Albuquerque, Luiz Vinicius, David Santos, Wanderson Barbosa e Addryele Pastl, e esse sexteto fantástico ainda apronta as suas até hoje. No geral, o primeiro ano na ETE foi bem complicado, haviam muitas disciplinas e diversos professores, com nove aulas por dia, e me via perdido, muitas vezes perdendo o ônibus que saía às 7:10 da manhã e eu chegava às 7:15. Caminhava, muitas vezes, do ponto do ônibus até a escola, cerca de 5km, até conseguir me adaptar ao horário; acordava mais cedo me arrumava e voltava a dormir até dar a hora de sair de casa, e assim consegui diminuir os atrasos.

O segundo ano foi bem mais tranquilo, tinha adquirido o “macete” das coisas. No fim do segundo ano consegui comprar um novo celular pois o anterior já tinha quebrado um ano antes, com a ajuda da minha mãe e tia e também de alguns salgados que vendia aos Domingos para ajudar em casa. As disciplinas específicas do técnico me atraíram mais e isso me ajudou a ter um engajamento melhor e me tornar mais habilidoso com as ferramentas tecnológicas, desde instalar Cs 1.6 nos computadores da escola a formatá-los. Já as disciplinas do Médio levavam “numa boa”.

O terceiro ano é decisivo na vida de todo o estudante, é onde decidimos o nosso futuro, e ainda estava meio perdido no que fazer: trabalhar ou ir para a faculdade?! Somos pressionados dentro e fora de casa, a família e a escola esperam um resultado de você e isso acaba sobrecarregando e deixando esse ano cheio de responsabilidades. Fiz a seleção para o PREVUPE (Pré-Vestibular da Universidade de Pernambuco) não fui aprovado na chamada regular, entrando apenas na primeira chamada do remanejamento. A maioria da minha turma tinha sido aprovada, porém, fiquei separado de todos, mas mesmo só não desisti. Comecei a passar algumas dificuldades em casa e minha tia se tornou minha heroína, me deu todo o suporte para que fosse possível frequentar todos os Sábados e Domingos o PREVUPE. Todo fim de semana me dava uma certa quantia para ir e voltar de lotação e para almoçar, pois no Sábado, as aulas duravam o dia todo, e eu sempre ia a pé para economizar para a semana seguinte e aliviá-la um pouco.

Mesmo passando por todas as dificuldades, meu último ano no Ensino Médio foi um ano de grandes vitórias. Mesmo não conseguindo entrar no ensino superior, compreendi que aquele ainda não era meu momento, fiz a formatura e tive como madrinha minha prima, Cibele Nayara, um momento muito especial que tive com meus familiares.

No ano de 2017 comecei a trabalhar para conseguir pagar um cursinho pré-vestibular; também contando com o apoio da minha tia, fiz o cursinho Conexão, e os professores eram excelentes, eles nos instigavam a estudar e a concluir nosso objetivo que era entrar no ensino superior. No fim do ano prestei vestibular para Licenciatura em Química no IFPE *campus* Vitória de Santo Antão e consegui a tão sonhada aprovação.

No primeiro período tive o primeiro contato com o PDVL (Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas), e fiz uma seleção composta por uma redação e uma entrevista, consegui ser aprovado e entrei para o GT (Grupo de Trabalho) Experimentação, tendo, também, a oportunidade de ter uma bolsa BIA (Bolsa de Iniciação Acadêmica) e como orientadora a prof. Dra. Kilma Viana, que também havia nos apresentado ao programa. Foi o PDVL que me proporcionou a participar do meu primeiro congresso acadêmico, o V COINTER PDVL, um momento de grande

aprendizado, onde pude adquirir muito conhecimento, e apresentei um trabalho na modalidade pôster, sendo uma experiência inenarrável.

No ano seguinte, gostaria de viver novas experiências, e a partir disso, ingressei no GT de RP (Resolução de Problemas), onde me identifiquei bastante. Neste GT desenvolvi habilidades que contribuiriam para meu desenvolvimento no curso. O PDVL me proporcionou a ida às escolas parceiras, onde pude ter a vivência de sala de aula como docente. Também participei das visitas guiadas proporcionadas pelo programa, ter o contato com o Ensino Médio e as atividades feitas para vivenciar com eles, consolida o despertar da carreira docente e confirma a continuação dessa trajetória. Foi também no GT de RP que conheci o prof. MSc. Sanderson Malta, que me inseriu no PBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), que é voltado para tecnologias no ensino de Química e como essa metodologia pode auxiliar no aprendizado dos estudantes.

O COINTER-PDVL de 2019 foi um momento especial, pois pude fazer parte da comissão organizadora do evento, e por ser um evento internacional, conheci pessoas de diversas áreas, me proporcionando um crescimento profissional e pessoal. Foi possível presenciar como é organizado e como o estudante é tratado como protagonista. Ao PDVL sou extremamente grato por todas as contribuições dentro e fora do ambiente institucional, por me proporcionar cursos de formação no início do curso, despertar a continuidade na carreira docente, mostrar as possibilidades e os desafios da sala de aula.

Presto meu humilde agradecimento a todos e todas envolvidos nesta árdua trajetória de muitas lutas, mas que também obtivemos juntos muitas vitórias. Agradeço, em especial as minhas tias, que exerceram um papel fundamental em minha vida desde a infância, também agradeço à minha companheira e sua família que me apoiam totalmente nesta jornada.

YASMIM NASCIMENTO BARBOSA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.112-115>



Quem sou eu? Como cheguei aqui?

Yasmim Nascimento, 17 anos, sou natural do município de Recife no Estado de Pernambuco. Vim de família humilde dos berços da periferia, minha mãe empregada doméstica e meu pai pedreiro. Venho por meio desse pequeno texto exposto neste livro contar-lhes um pouco da minha trajetória acadêmica como menina periférica. Desejo uma boa leitura a todos e todas.

No dia 17 de agosto de 2003 em Recife, Pernambuco, por volta das 16 horas da tarde nascia Yasmim Nascimento Barbosa, ou seja, eu. Agora irei contar-lhes um pouco da minha trajetória até chegar aqui.

Até o meu 7º ano do Ensino Fundamental II, não era uma menina muito ligada aos estudos, gostava mesmo de brincar, jogar bola. Queria passar a tarde na rua correndo e rindo, mas a nossa hora chega e precisamos estar atentos quando os nossos sonhos nos recrutam para entrar na batalha, e assim eu fiz.

Assim que ingressei no Ensino Fundamental II, conheci uma pessoa que mudou minha vida toda, minha melhor amiga Andreza. Nos conhecemos por acaso, e apesar das diferenças nos tornamos amigas, melhores amigas.

Sempre estudei em escolas públicas, e todo ano os alunos participavam de olimpíadas de todos os tipos, mas foi no meu oitavo ano que comecei a participar mais ativamente, especialmente as de exatas; ganhei algumas, não foram muitas.

No oitavo ano eu e Andreza começamos a participar de torneios, competições e na criação de projetos. No final do ano ganhei a minha primeira medalha em um torneio

de ciências, e lembro-me que quando segurei aquela medalha pensei: “eu consegui isso, essa medalha é fruto do meu esforço e dedicação”.

Ao chegar em casa, minha mãe, que me esperava ansiosa para saber o resultado, avistou a medalha em meu pescoço e vibrou junto comigo. Da mesma forma fizeram minhas irmãs, madrinha e irmãos. Quando eu vi as pessoas protagonistas de toda a minha história felizes e vibrantes daquele jeito, só tinha certeza de uma coisa: “é isso que quero pra minha vida.”

Foi então que cheguei ao nono ano e minha mãe, irmãs e madrinha me questionaram se iria fazer vestibular ou continuaria os estudos em escola estadual. Decidi que iria fazer vestibular. Mas qual curso? O que eu realmente queria fazer? Do que eu realmente gosto?

Sempre digo que puxei isso da minha irmã Lilian, pois não me prendo a um único tipo de conhecimento, quero conhecer de tudo sem me prender à “minha área”, atuar em tudo que eu puder. Então foi ali que comecei a pesquisar sobre escolas técnicas de nível integrado e nesse mesmo ano encontrei meu quarteto da amizade. Éramos as “nerds” da sala e melhores amigas.

A nossa escola foi convidada pelo Instituto Ricardo Brennand do Recife para a confecção de uma pesquisa, nascendo assim o nosso projeto: “Plantas e tratamentos medicinais do bairro da Várzea”. As representantes escolhidas pela Professora Solange para representar o trabalho nas feiras de conhecimento eram eu, Andreza e Renata. Levamos esse projeto a nível nacional e dentre 60 projetos tivemos a honra de ganhar o segundo lugar. Mas, enfim, acabou o nosso tempo, saímos da escola e o nosso projeto já não era mais nosso.

Depois de passar um ano me preparando, chegou a hora de escolher e decidir qual instituição de ensino queria ingressar e em qual área queria seguir carreira. Nesse mesmo ano comecei a participar da robótica, não competia nos torneios com uma equipe, apenas participava do clube. Percebi que queria aquilo para mim, algo relacionado a robótica, que fosse ligado a construção, tecnologia, era isso que eu queria.

Foi então que uma professora me indicou o curso de mecânica industrial no IFPE-Recife (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco), e fui pesquisar para entender melhor e me encantei, soube na hora que era aquilo que eu queria.

Alguns dias depois da inscrição e perto da prova, estava conversando com minhas amigas até que perguntei para minha melhor amiga, Andreza, se aonde eu estivesse ela estaria junto comigo, pois eram raras as vezes em que nos separávamos. Perguntei para ela qual curso tinha escolhido fazer no IFPE, e por ironia do destino ela havia escolhido o mesmo curso que eu, ambas estávamos com o mesmo propósito, foi

engraçado, pois tínhamos colocado o mesmo curso tanto no IFPE quanto no ETE (Escola Técnica Estadual).

No final do ano de 2018 fizemos a prova, e lembro que fiquei muito ansiosa pelo resultado, pois estudar no IFPE já havia se tornado um sonho, repetia para mim todos os dias: “eu preciso entrar nessa instituição, eu quero ser uma dessas estudantes reconhecidas internacionalmente por grandes descobertas!”.

Então em Janeiro saiu o resultado: eu havia passado no IFPE. Foi o dia mais feliz da minha vida. Minha mãe, minhas irmãs, madrinha, no telefone, todos nervosos ao meu lado esperando ansiosos para saber, e quando vimos meu nome e a palavra APROVADA, foi motivo de festa.

Enquanto eu, minhas irmãs e madrinha pulávamos e gritávamos, minha mãe chorava, então, senti um *déjà vu*, cada lágrima e sorriso que eu via no rosto delas eu sabia que eu estava fazendo aquilo que elas sonharam pra mim, sensação que me traz paz e uma alegria indescritível. Mas festa mesmo foi quando descobri que minha melhor amiga também havia passado, e estaríamos juntas novamente.

Então o primeiro sonho de muitos estava se concluindo, primeiro período do Ensino Médio, o período para nos acomodarmos com a metodologia de ensino do IFPE. No começo foi complicado, mas eu sabia, tinha certeza de que não estava vivendo o meu sonho, não era aquilo que eu queria, apenas ir para escola estudar, assistir aula e pronto? Não! Queria mais, queria atividades extracurriculares, que me proporcionassem correria, desafios e me trouxessem autonomia.

Foi então que eu e Andreza começamos a procurar pessoas que pudessem nos ajudar com isso. No início queríamos uma equipe de robótica, então um colega nosso de eletrônica nos apresentou o PDV (Programa Internacional Despertando Vocações) e nós passamos a frequentá-lo com o intuito de trabalhar com a robótica, e assim conseguimos. Descobrimos que o programa tem muito mais a oferecer e que não devíamos nos prender apenas a robótica, temos que estar abertas a todas as oportunidades.

Começamos a participar mais ativamente das atividades do programa, e ali sim, estávamos sentindo como se estivéssemos cumprindo as metas que sonhávamos. Decidimos ficar mais atentas às oportunidades, começamos a fazer monitoria, olimpíadas e projeto de pesquisa, sem, contudo, esquecer da nossa meta, que é a robótica.

Em janeiro de 2020, fiz estágio na FIOCRUZ- PE (Fundação Instituto Oswaldo Cruz de Pernambuco), como jovem mini cientista e fui incentivada a participar pela minha irmã, Talita.

Hoje sou essa menina, estudante, pesquisadora, cientista e curiosa que sonha e não deixa oportunidade passar despercebida. A luta não é fácil, mas me dar por vencida é mais difícil ainda.

Como menina da área de exatas e tecnologia, quero ser assim como foi Valentina Tereshkova, Katherine Johnson, Ada Lovelance, Marie Curie e Malala Yousafzai. Sonho em ser lembrada por um grande feito que contribuirá de forma positiva para a humanidade, e como mulher, sei que não é fácil, mas sempre farei o meu melhor. Eu espero isso de todas as meninas: o conhecimento e a educação transformam o ser humano, mas o conhecimento vindo de uma mulher pode mudar o mundo. Aqui me despeço, mas antes de encerrar gostaria de fazer alguns agradecimentos.

Primeiramente gostaria de agradecer à minha mãe Miriam Maria, que sempre fez até o impossível, e muito além, para que eu chegasse onde estou hoje. Mulher que sempre limpou o chão de pessoas que a humilharam; a força que ela representa para mim é indescritível.

Agradeço à minha madrinha Marcia, que, assim como a minha mãe, sempre esteve do meu lado, me apoiou, fez e faz até o impossível por mim. Às minhas irmãs que da mesma forma sempre me posicionaram e me prepararam para ser quem sou hoje: uma menina preparada para o mundo que me espera. À essas mulheres eu dedico todas as minhas conquistas e lutas diárias, elas me ensinaram que não basta ser mulher, precisa mostrar o que é ser uma.

Também agradeço aos meus irmãos Helielson e Stênio, que todos os dias me alegram quando dizem que me enxergam como inspiração e sempre estiveram do meu lado, são um dos motivos que me mantem forte. Obrigada ao meu pai Helion, que sempre me apoia.

De modo especial, agradeço aos profissionais da educação, queridos professores, que mais do que uma sala de aula, são sábios que passam pela nossa vida e deixam uma marca de pessoas que criam seres mais sábios capazes de mudar o mundo. Um professor é um grande amigo que vem lhe oferecer a água da fonte da vida, você é convidado a beber e desfrutar dos segredos que ela traz, mas a forma como irá usufruir dela, só você sabe.

Obrigada a todos os professores e professoras, que até hoje são grandes amigos e amigas minhas. Se hoje sou essa inspiração para algumas pessoas, vocês são a minha maior, meus eternos agradecimentos a todos. Obrigada aos meus amigos e amigas também que fizeram e fazem parte dessa jornada, desejo sucesso a todos e todas.

Obrigada ao IIDV e ao PDV por todas as oportunidades que vem me proporcionando e me fazem crescer cada dia mais na minha trajetória acadêmica. Só posso encerrar dizendo que sinto gratidão por tudo e que o futuro nos espera, então devemos arrumar a casa para a sua chegada.



**Editora
IIDV**

**MEMORIAL PROGRAMA INTERNACIONAL
DESPERTANDO VOCAÇÕES.
EDITORA IIDV, RECIFE, 2020.**